

www.teologiaemcasa.com.br



Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

A capela

Música à moda da igreja.

(Coletânea de estudos)

Álvaro César Pestana

(compilador)

Setembro de 2013

© 2013 Álvaro César Pestana

Dedicatória:

Ao irmão

Prof. Dr. **Everett Ferguson**

Uma rara combinação de
erudição imbatível e espírito irênico:
um divulgador da música vocal na igreja.

PESTANA, Álvaro Cesar. **A capela**: a música à moda da igreja. Brasil: Escola de Teologia em Casa, 2013.

178 p: 30 cm.

1. Música a capela; 2. Adoração a Deus; 3. Eclesiologia; 4. História da adoração; 5. História da Igreja.

© 2012 Álvaro César Pestana

APRESENTAÇÃO

Reuno aqui vários textos que explicam muitas vezes e de muitas maneiras a razão pela qual a igreja dos tempos dos apóstolos não usava instrumentos musicais nas suas assembleias e nem em qualquer atividade que visava o louvor a Deus.

Haverá certa redundância e mesmo repetição de argumentos, já que alguns textos formam unidades de ensino e tratam de modo mais ou menos abrangente o assunto.

Em primeiro lugar, coloco excertos de meu livro **Sempre Me Perguntam!** (São Paulo: Vida Cristã, 2003). Eles oferecem uma resposta brevíssima, breve e longa para a mesma questão: **“Podemos usar instrumentos musicais no louvor?”** Três anexos seguem esta discussão.

Depois, em segundo lugar, acrescento quatro estudos diferentes sob o título **“Música à moda da igreja”**. Há uma certa repetição entre o bloco acima e este aqui, pois são a remodelagem das mesmas informações básicas para fins diferentes.

Acrescento, em terceiro lugar, um artigo meu que acrescenta uma perspectiva histórica, cultural e teológica para a questão: **Aqueus, Filisteus e Davi: uma ilustração sobre a música na igreja**. O artigo mostra um exato paralelo com a situação moderna.

Em quarto lugar, disponibilizo meus grifos no livro de Xabier Basurko, **O canto cristão na tradição primitiva** (São Paulo: Paulus, 2005) que é uma excelente fonte de informação sobre a rejeição da música instrumental pelos irmãos antigos.

Em quinto lugar, adiciono o excelente artigo de Kevin Reed, um autor evangélico (provavelmente presbiteriano) que pertence a um ramo das igrejas reformadas e calvinistas que rejeita o uso de instrumentos musicais no louvor. O artigo **“Os Instrumentos Musicais no Culto Público de Deus”** é amplamente documentado e apresenta uma riqueza de argumentação que poucos esperariam do mundo evangélico no assunto da música. Ele é a prova que não são tão poucos os que rejeitam os instrumentos no culto.

Em sexto lugar, apresento “**Uma palavra fraterna ao irmão Bob Shaw e a outros que passam por experiências espirituais semelhantes**”. Escrevi este texto em resposta a um documento onde este irmão narrava suas desventuras na questão da música na igreja.

Em sétimo lugar, escrevi um texto intitulado **Pedindo ajuda para o Dr. Augustus Nicodemus Lopes**, pois participando de uma palestra dele, no lançamento de seus livros, percebi que sua argumentação nos ajuda muito na questão da música instrumental religiosa.

Depois disto, adicionei uma série de artigos em inglês do professor **Everett Ferguson**, talvez a maior autoridade viva no conhecimento sobre a história da igreja primitiva, sobretudo, na questão da música. Além dos artigos dele, adicionei outros irmãos de renome na igreja nos EUA e até no Brasil: **Stafford North** e **Howard Norton**.

Quando a autoria não estiver especificada, significará que a autoria é minha.

Espero que esta reunião de material ajude a irmandade. O alvo não é ser beligerante, mas servir. Acredito, plenamente, que as Escrituras não insistem à toa neste ponto: tudo que a Bíblia diz é para o nosso bem e apesar de parecer, em alguns momentos, um pouco intrusiva em nossa vontade humana, ela representa bênção para todos os que a obedecem. Descobrimos *a posteriori* o valor de certas obediências.

Fiquem com Deus!
Em Cristo,
Álvaro César Pestana
Escola de Teologia em Casa
Recife, 2013

Podemos usar instrumentos musicais no louvor?

Resposta sumária: **Não. Somente música vocal pode e deve ser usada no louvor a Deus, seja ele público ou particular.**

[Resposta breve]

RAZÃO #1 - A DIFERENÇA ÓBVIA ENTRE A MÚSICA NOS DOIS TESTAMENTOS.

A música no Velho Testamento era instrumental e a do Novo Testamento, vocal.

A MÚSICA NO VELHO TESTAMENTO: Instrumental.	A MÚSICA NO NOVO TESTAMENTO: Vocal.
Números 10.8,10 - Trombetas ... sacerdotes ... sacrifícios	Mateus 26.30 & Marcos 14.26 - cantar hinos
1 Crônicas 13.8 - Arca ... instrumentos	Atos 16.25 - cantar louvores
2 Samuel 6.12-19 - Arca ... levitas ... danças ... instrumentos ... sacrifícios.	Romanos 15.9 - glorificar e cantar louvores
1 Crônicas 25.1,6 - Levitas ... Templo ... instrumentos	1 Coríntios 14.15 - cantar com o espírito e a mente
2 Crônicas 5.12-13 - Levitas ... Templo ... instrumentos ... canto	1 Coríntios 14.26 - um tem salmo
2 Crônicas 29.27-30 - Holocausto ... instrumentos ... levitas ... canto	Efésios 5.19 - falando e entoando salmos, hinos e cânticos espirituais
Salmo 32.2-3; 71.22-23; 149.3 - Tocar e cantar	Colossenses 3.16 - instruir e aconselhar com salmos, hinos e cânticos espirituais
Salmo 47.6 - Cantar	Hebreus 2.12 - cantar louvores
Salmo 150 - Muitos instrumentos e danças	Hebreus 13.15 - sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome
	Tiago 5.13 - cantar louvores

RAZÃO #2 - A NATUREZA DO LOUVOR DO NOVO TESTAMENTO

O louvor que oferecemos a Deus é realizado em espírito e em verdade (João 4.24), e não nos moldes da Antiga Aliança. O que queremos oferecer são “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus” (1 Pedro 2.5). Por isso, quem deve gostar do culto e ser ouvido quanto ao modo de cultuar é Deus e não as pessoas. Não importa se as pessoas apreciam os instrumentos ou não, mas sim, o que Deus determinou como formas de louvá-lo. Não há intermediários mecânicos entre nós e Deus, pois o louvor é prestado diretamente a ele (Efésios 5.19 e Colossenses 3.16). Edificação é o resultado do culto a Deus somente quando se busca a Deus e não agradar os desejos humanos que não satisfazem a vontade de Deus (1 Coríntios 14.4,6,9,12,19,26). Nosso culto é culto racional e espiritual (Romanos 12.1).

RAZÃO #3 - A FORMA E A FUNÇÃO DO CÂNTICO NO NOVO TESTAMENTO

Tudo que o Novo Testamento exige do louvor só pode ser cumprido pela música vocal e nunca pelo instrumento. Veja o quadro abaixo:

O NOVO TESTAMENTO ORDENA	A VOZ HUMANA	O INSTRUMENTO
Fale em cânticos (Ef 5.19)	sim	não
Com o coração (Ef 5.19)	sim	não
Ensine (Cl 3.16)	sim	não
Admoeste (Cl 3.16)	sim	não
Com o espírito (1 Co 14.15)	sim	não
Com o entendimento (1 Co 14.15)	sim	não
Louve a Deus (Hb 2.12)	sim	não
Confessando Deus (Hb 13.15)	sim	não

RAZÃO #4 - "NÃO ULTRAPASSAR O QUE ESTÁ ESCRITO": 1 Co 4.6: O ESPECÍFICO EXCLUI O GENÉRICO

Este princípio de interpretação bíblica é óbvio. Se Deus pede que façamos as coisas de uma certa forma, não precisa proibir todas as outras formas, uma vez que sua ordem específica deixa de lado

outras formas de executar aquele mandamento. Nadabe e Abiú, filhos de Arão, foram mortos por não respeitar este princípio (Levítico 10.1-2). Observe também, os exemplos abaixo de ordens divinas na construção da arca de Noé, na celebração da ceia do Senhor e na música na adoração.

O CASO DA ARCA: "tábuas de cipreste" exclui jacarandá, pinho, peroba, etc.

O CASO DA CEIA: "pão e fruto da videira" exclui carne, água, legumes, etc.

O CASO DA MÚSICA: "cantar" exclui tocar, acompanhar, dançar, bater palmas, etc.

RAZÃO #5 - O TESTEMUNHO DA HISTÓRIA

A história da igreja não é nossa autoridade religiosa e sim a Escritura. É interessante, contudo, notar que na história do cristianismo, o testemunho a favor da música vocal é antigo, diversificado e seguro. O uso de música instrumental foi um dos desvios da igreja romana. Até hoje a igreja grega não usa música instrumental. Os Reformadores foram contra os instrumentos, mas, com o passar dos anos, todas as igrejas reformadas, evangélicas adotaram o uso de instrumentos e estes passaram depois para suas descendentes pentecostais e carismáticas.

RAZÃO #6 - A LINGUAGEM DO NOVO TESTAMENTO

Os Novo Testamento cita todo tipo e espécie de música em seus escritos. Observa-se, contudo, que quando se fala da música instrumental, ela nunca é associada ao culto ou ao louvor a Deus (Mateus 6.2; 9.23; 11.16-17; Lucas 15.25; 1 Coríntios 13.1; 14.7; 14.8; Apocalipse 5.8; 8.6; 14.2; 18.22). Por outro lado, quando se fala do louvor autêntico a Deus, e da música recomendada à igreja, esta música sempre é vocal (Mateus 26.30; Marcos 14.26; Atos 16.25; Romanos 15.9; 1 Coríntios 14.15, 26; Efésios 5.19; Colossenses 3.16; Hebreus 2.12; 13.15; Tiago 5.13).

RAZÃO #7 - A LEXICOGRAFIA DO NOVO TESTAMENTO

Alguns tentam dizer que a palavra PSALLO significa, "tocar harpa" em Efésios 5.19. Contudo, a melhor e mais moderna ciência do estudo

dos vocábulos gregos, a lexicografia do Novo Testamento, tem concluído que PSALLO significa louvor vocal e não instrumental, pois este era o sentido do termo entre os judeus e entre a igreja cristã.

O verbo PSALLO, na literatura pagã antiga podia incluir o sentido de “tocar harpa”, mas no Novo Testamento, quando se fala de alguém tocando harpa, usa-se KITHARIZO, tocar harpa, e nunca PSALLO, cantar.



Podemos usar instrumentos musicais no louvor?

Resposta: Não. Somente música vocal pode e deve ser usada no louvor a Deus, seja ele público ou particular.

[Resposta longa]

Música “a capela” é uma expressão que significa hoje em dia, música vocal, ou seja, que é apresentada sem o acompanhamento de instrumentos musicais. O surpreendente com este termo é que a palavra “a capela” significa, “à moda da igreja”. Quando a palavra foi inventada, a igreja cantava sem acompanhamento de instrumentos.

Hoje em dia, a música da maioria das igrejas é tudo, menos “a capela”: não se pratica mais a “música à moda da igreja”. Parece que outra “moda” tomou conta da situação.

Não se trata, como veremos, de uma mudança de forma exterior. Trata-se de uma verdadeira mudança na natureza, propósito e descrição bíblicas do louvor. No mundo religioso moderno, a adoração está sendo realizada para agradar homens e não Deus, infelizmente. A verdadeira razão para o uso de instrumentos musicais no culto é: “agradar aos homens”. Apresentaremos abaixo sete razões pelas quais não se deve usar instrumentos musicais no louvor a Deus.

RAZÃO #1 - A DIFERENÇA ÓBVIA ENTRE A MÚSICA NOS DOIS TESTAMENTOS.

Observe o quadro abaixo e note que a música no Velho Testamento sempre era instrumental e tocada por sacerdotes ou levitas. No Novo Testamento, a música para louvor a Deus sempre é vocal. Tal diferença não é mera coincidência, mas determinação divina. No Velho Testamento o culto ritual usava elementos materiais tais como sacrifícios, incenso, altar, etc. No Novo Testamento, o culto racional usa elementos espirituais tais como o coração, a mente, a voz que confessa Cristo, etc.

MÚSICA NO VELHO TESTAMENTO: Instrumental.	MÚSICA NO NOVO TESTAMENTO: Vocal.
Números 10.8,10 - Trombetas ... sacerdotes ... sacrifícios	Mateus 26.30 & Marcos 14.26 - cantar hinos
1 Crônicas 13.8 - Arca ... instrumentos	Atos 16.25 - cantar louvores
2 Samuel 6.12-19 - Arca ... levitas ... danças ... instrumentos ... sacrifícios.	Romanos 15.9 - glorificar e cantar louvores
1 Crônicas 25.1,6 - Levitas ... Templo ... instrumentos	1 Coríntios 14.15 - cantar com o espírito e a mente
2 Crônicas 5.12-13 - Levitas ... Templo ... instrumentos ... canto	1 Coríntios 14.26 - um tem salmo
2 Crônicas 29.27-30 - Holocausto ... instrumentos ... levitas ... canto	Efésios 5.19 - falando e entoando salmos, hinos e cânticos espirituais
Salmo 32.2-3; 71.22-23; 149.3 - Tocar e cantar	Colossenses 3.16 - instruir e aconselhar com salmos, hinos e cânticos espirituais
Salmo 47.6 - Cantar	Hebreus 2.12 - cantar louvores
Salmo 150 - Muitos instrumentos e danças	Hebreus 13.15 - sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome
	Tiago 5.13 - cantar louvores

A música do Velho Testamento era instrumental e a do Novo Testamento é vocal. Deus não se agrada de música instrumental hoje, embora tivesse exigido tal música no templo do Velho Testamento¹.

¹ Há aqueles que querem criticar a música instrumental até mesmo no Velho Testamento, dizendo que somente as trombetas de prata eram autorizadas por Deus (Números 10.1-10) e que os outros instrumentos foram inventados e introduzidos por Davi, contra a vontade de Deus. O texto citado para apoiar esta idéia é Amós 6.5. O texto de Amós, contudo, não critica o uso de instrumentos no templo, mas o luxo, a vadiagem dos ricos de Israel que oprimiam os pobres, que desobedeciam a Deus e viviam vida regalada. De fato, Davi introduziu muitos instrumentos musicais (1 Crônicas 23.5; 25.1) no templo que iria ser construído por seu filho, mas isto foi realizado pela ordem de Deus, sob supervisão dos profetas (2 Crônicas 29.25). O profeta Natã acompanhou toda a carreira de Davi e não se opôs às disposições de Davi para o culto israelita (2 Samuel 7.1-17; 12.1-15; 1 Reis 1.8,10, 34) e nunca houve contestação no Velho Testamento, da legitimidade do culto mecânico e instrumental. Desde seu primeiro uso (1 Crônicas 15-16). Também Gade profetizou no período e nada falou sobre o assunto (2 Samuel 24.11).

Da mesma forma hoje Deus não se agrada mais de sacrifícios de animais, de festas judaicas ou de circuncisão: tudo isto era da Velha Aliança. Na Nova Aliança, tudo isto foi abolido, juntamente com os instrumentos musicais do Velho Testamento.

O fato da igreja usar os Salmos para louvar a Deus não irá levar a igreja a utilizar-se dos instrumentos ali descritos. Os Salmos não mencionam apenas instrumentos musicais (Sl 150), mas também, sacrifícios de animais (Sl 50), o sacerdócio araônico (Sl 132), incenso (Sl 141), o templo físico (Sl 65) e até sábados (Sl 92 - título). Tudo isto é passado, é a velha aliança que Jesus encravou na cruz (Efésios 2.15; Colossenses 2.14). Voltar para elas é negar o sacrifício de Cristo. A igreja usava os Salmos, mas não praticava literalmente todas estas coisas. O evangelho nos mostra o que tomar literalmente dos Salmos e o que tomar como figura das coisas superiores que estão em Jesus.

Há uma clara diferença entre o louvor no Velho Testamento² e o da Nova Aliança:

O CULTO DO VELHO TESTAMENTO:	O CULTO DO NOVO TESTAMENTO:
FÍSICO	ESPIRITUAL
Templo físico: tabernáculo (Ex 35-40) e o templo (1 Rs 6-7)	Templo espiritual: igreja (1 Co 3.16) e o cristão (1 Co 6.19)
Sacrifícios físicos (Lv 1-7)	Sacrifícios espirituais: vida cristã (Rm 12.1-2) e louvor (Hb 13.15)
Sacerdócio físico (Ex 29.44)	Sacerdócio espiritual: Jesus (Hb 2.17) e os cristãos (1 Pe 2.5,9)
Circuncisão física (Lv 12.3)	Circuncisão espiritual: no coração (Rm 2.29) o batismo (Cl 2.11-12)
Música física (2 Cr 29.25)	Música espiritual: de coração (Ef

² Em um livro que não tratava especificamente do louvor, li o seguinte argumento. Já que Asafe e Jedutum profetizavam “com hapas, sibalos e alaúdes” (1 Cr 25.1-7) deve-se supor que o profetizar de 1 Co 14 supunha a presepça destes mesmos instrumentos musicais [Robert D. Culver “Um ponto de vista tradicional” in B. e R.G. Clouse, **Mulheres no Ministério** (Women in Ministry, Downers Grove, Inter-Varsity Press, 1989, trad. Oswaldo Ramos), São Paulo, Mundo Cristão, 1996, pág.34]. Este ponto de vista faz uma comparação descuidada e não pode ser levada adiante. Asafe e Jedutum são levitas e faziam sua “profecia” como cantores do templo judaico. Somente levitas usavam instrumentos musicais. Seu profetizar é específico para o templo judaico e não pode ser comparado ao profetizar dos profetas cristãos que não estavam no templo judaico e nem eram levitas.

RAZÃO #2 - A NATUREZA DO LOUVOR DO NOVO TESTAMENTO

O louvor que oferecemos a Deus é realizado em espírito e em verdade (João 4.24), e não nos moldes da Antiga Aliança. Quem deve gostar do culto é Deus, e não o homem, pois o queremos oferecer são “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus” (1 Pedro 2.5). Não há intermediários mecânicos entre nós e Deus, pois o louvor é prestado diretamente a ele (Efésios 5.19 e Colossenses 3.16). Edificação é o alvo humano do culto e não agradar os desejos humanos que não satisfazem a vontade de Deus (1 Coríntios 14.4,6,9,12,19,26). Nosso culto é culto racional ou espiritual (Romanos 12.1).

Cantar tem um rico significado teológico no Novo Testamento, significado este que fica anulado, diminuído ou prejudicado pela introdução de música instrumental.³

1. Cantar é um meio de pregar a Cristo: A mais forte característica distintiva da música da igreja foi seu conteúdo, que falava de Jesus. Veja, por exemplo, os hinos registados em Filipenses 2.6-11, 1 Timóteo 3.16; João 1.1-14. Cantar é pregar de forma mnemônica. Foi isto que Paulo e Silas estavam fazendo na cadeia, por volta de meia noite: cantavam, isto é, pregavam (Atos 16.25). O resultado foi a conversão do carcereiro e sua família. Um instrumento não prega, só acompanha: não faz parte da música que prega Jesus.
2. Cantar é uma confissão de fé: Se o conteúdo da música cristã fala de Cristo, a música cristã é confissão de fé (Hebreus 13.15). Ora a confissão de fé se faz com o coração e com a boca (Romanos 10.9-10). Instrumentos não têm fé, boca ou coração - não confessam nada.
3. Cantar é encher-se do Espírito e da Palavra de Cristo: Quem quer ficar cheio do Espírito Santo (Efésios 5.18-19) e da Palavra de Cristo (Colossenses 3.16), canta, pois a música cristã é um dos meios pelos quais o Espírito vem atuar em nós e também pelo qual a Palavra de Deus toma lugar em nossa mente. É assim que “cantamos com o espírito e cantamos com a mente” (1 Coríntios 14.15). O espírito é fortalecido pelo Espírito, e a mente é fortalecida pela Palavra. Na verdade, o espírito e a mente agem em unidade, assim como também

³ Utilizo os pontos de Everett Ferguson, **The Church of Christ: A Biblical Ecclesiology for Today**, Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1996, págs.269-272

a Palavra e o Espírito agem em conjunto. O instrumento musical não se enche do Espírito e nem da Palavra; o instrumento musical não enche ninguém com o Espírito e nem com a Palavra de Cristo. Assim, a música instrumental não tem nada a ver com a música cristã.

4. Cantar é oferecer um sacrifício espiritual: No Velho Testamento os sacrifícios eram materiais, muitas vezes acompanhadas de música instrumental (material). No Novo Testamento, um dos nossos sacrifícios de ação de graças é cantar (Hebreus 13.15). Abandonou-se a prática material por uma prática espiritual. Por isso, retornar aos recursos materiais do Velho Testamento é um retrocesso no nosso louvor.

5. Cantar é compartilhar e antecipar o futuro louvor celeste: Os céus e seus habitantes são retratados, mesmo que simbolicamente, sempre louvando a Deus (Apocalipse 4.8, 10-11; 5.8-12; 14.2-3; 15.2-3). Assim, participar do louvor a Deus aqui na terra é antecipar o que iremos prazerosamente fazer nos céus: louvar a Deus. O instrumento não irá compartilhar conosco do porvir, mas somente o cristão e seu corpo ressurreto. Por isso, o instrumento musical não faz parte do louvor a Deus: ele não terá a vida eterna conosco. [NOTA: O fato dos instrumentos serem simbolicamente apresentados no Apocalipse não autoriza seu uso na igreja, pois, o livro é simbólico, está falando do céu e não da igreja, e ainda, se autorizasse instrumentos, também autorizaria o uso de incenso (Apocalipse 5.8). Os instrumentos do Apocalipse são simbólicos assim como o livro todo.]

6. Cantar é realizar edificação mútua: Cantar não é só para Deus, mas “uns aos outros”. Quando alguém trazia uma música (um Salmo) para ser cantado pela igreja (1 Coríntios 14.26), tudo era feito para a edificação da igreja. O mandamento é “falando entre vós” (Efésios 5.19) ou “mutuamente” (Colossenses 3.16). O canto conjunto, congregacional, pressuposto nestes conselhos, exige que: i). a mensagem seja mais importante que a melodia; ii). a compreensão seja mais importante que a beleza; iii). a participação de todos seja mais importante do que a perfeição da apresentação; iv). a comunhão no canto seja mais importante do que o gosto pessoal e individual de cada cristão. O instrumento musical não fala, não edifica, não pode ser executado por todos, mas somente por alguns. Ocasionalmente, o instrumento abafa o som das palavras e atrapalha a concentração na letra, desviando a atenção para a melodia e a harmonia. A verdadeira edificação é fazer o que agrada a Deus e não o que exigem os homens.

7. Cantar exemplifica a unidade da igreja: Cantar juntos faz com que todos os cristãos simbolizem e expressem sua unidade em Cristo e uns com os outros (Romanos 15.6). Todos cantam e não só um solista, um instrumentista ou um coral especial. Todos cantam, pois todos são filhos de Deus, irmãos de Cristo que cantam com ele e uns com os outros (Hebreus 2.12). Os instrumentos musicais dividem a igreja entre os que estão no “ministério do louvor” e os que não louvam. Corais, conjuntos e solos não contribuem para a unidade da igreja nas reuniões da assembléia. Seu uso em eventos sociais e ocasiões especiais, reafirmam a diferença entre os que cantam e os que assistem: tal costume não deve ser imposto ou tornar-se habitual nas reuniões da igreja. Quando a igreja se reúne para adorar, adora unida: todos participam.
8. Cantar envolve toda a pessoa: Cantar envolve mente e espírito (1 Co 14.15), lábios (Hebreus 13.15), palavras e coração (Efésios 5.19; Cl 3.16). A inteireza de nossa pessoa é envolvida no cantar. Assim, a música ilustra a consagração total que devemos a Deus. O instrumento não é parte de nós e não podemos substituir o que somos com algo que não somos.
9. Cantar expressa as mais profundas emoções e sentimentos: O impacto emocional da música em nós se faz perceber pelo fato que ela provoca ou acompanha nossos estados de espírito (Tiago 5.13). Assim, a música torna-se expressão de profundos sentimentos e afetos, e não apenas uma demonstração de beleza estética. Instrumentos não têm sentimentos e, portanto, não os expressam a Deus. Pode ser objetado que o artista toca com sentimento. Devemos, contudo, lembrar-nos que os sentimentos devem ser dirigidos a Deus e não aplicados ao instrumento para, então, transmiti-lo a Deus.
10. Cantar é seguir o caminho de Jesus: Jesus cantou um hino antes de sair para o Monte das Oliveiras, no caminho que conduziria ao Calvário (Mateus 26.30; Marcos 14.26). Jesus deve ter recitado um Salmo ou outra música como era costume na páscoa judaica. É assim que nós também queremos nos identificar com ele: cantando sempre, louvores a Deus, onde quer que estejamos, no caminho de sempre, tomar a cruz e seguir o Mestre. O instrumento musical não segue Jesus e não foi usado por Jesus.

RAZÃO #3 - A FORMA E A FUNÇÃO DO CÂNTICO NO NOVO TESTAMENTO

De fato, tudo que o Novo Testamento exige do louvor só pode ser cumprido pela música vocal e a música do instrumento musical não consegue fazer o que o Novo Testamento pede do louvor. Veja no quadro abaixo onde a voz humana, no louvor, obedece os requisitos neotestamentários e o instrumento nunca o faz.

O NOVO TESTAMENTO ORDENA	A VOZ HUMANA	O INSTRUMENTO
Fale em cânticos (Ef 5.19)	sim	não
Com o coração (Ef 5.19)	sim	não
Ensine (Cl 3.16)	sim	não
Admoeste (Cl 3.16)	sim	não
Com o espírito (1 Co 14.15)	sim	não
Com o entendimento (1 Co 14.15)	sim	não
Louve a Deus (Hb 2.12)	sim	não
Confessando Deus (Hb 13.15)	sim	não

Logo, não há reação alguma para o uso do instrumento musical conforme o ensino, exemplo e intenção do Novo Testamento.

RAZÃO #4 - "NÃO ULTRAPASSAR O QUE ESTÁ ESCRITO": 1 Co 4.6: O ESPECÍFICO EXCLUI O GENÉRICO

Este princípio de interpretação bíblica é óbvio. Se Deus pede que façamos as coisas de uma certa forma, não precisa proibir todas as outras formas, uma vez que sua ordem específica deixa de lado outras formas de executar aquele mandamento. Nadabe e Abiú, filhos de Arão foram mortos por não respeitar este princípio: veja Levítico 10.1-2. Observe também os exemplos abaixo de ordens divinas na construção da arca de Noé, na celebração da ceia do Senhor e na música na adoração.

O CASO DA ARCA: "tábuas de cipreste" exclui jacarandá, pinho, peroba, etc.

O CASO DA CEIA: "pão e fruto da videira" exclui carne, água, legumes, etc.

O CASO DA MÚSICA: "cantar" exclui tocar, acompanhar, dançar, bater palmas, etc.

Este princípio de interpretação bíblica é obedecido muitas vezes, por todos os grupos religiosos. A Bíblia não proíbe o uso do incenso na adoração do Novo Testamento. De fato, no Velho Testamento o incenso era obrigatório. Mas, levando em conta que o Novo Testamento não ordena o uso de incenso e também que a Velha Aliança não está em vigor, hoje entendemos que é proibido usar incenso para adorar a Deus. Seria ultrapassar o que está escrito; seria desobedecer os mandamentos que especificam orar, cantar, etc e excluem a queima de incenso, acender velas, etc.

Os que "rezam o terço" ou os que fazem o "sinal da cruz" como formas de adoração poderiam tentar justificar suas práticas dizendo que a Bíblia não proíbe o "terço" nem o "sinal da cruz". De fato, em primeira instância, é bom lembrar que Deus não ordenou tais práticas como formas de oração. Portanto, não são requeridas ou autorizadas para o louvor a Jesus. Ausência de proibição não significa aprovação em assuntos nos quais Deus já declarou o que ele quer.

Sempre haverá aqueles que dizem: "Se só podemos usar o que é explicitamente mencionado no Novo Testamento, então não podemos usar hinários, bancos na igreja, bandejas de ceia, etc. Se só o mencionado é permitido, então não podemos fazer quase nada!"

Esta objeção não tem valor, pois, não leva em conta o que é específico e o que é geral num mandamento. Inclusive, podemos falar de diferentes níveis de especificidade e de generalidade envolvidos em cada mandamento. Explicaremos esta questão por meio de exemplos.

Exemplo 1: O Novo Testamento manda que os cristãos se reúnam (Hebreus 10.25). Este é um mandamento: sua especificidade exclui que os cristãos de outras ações tais como se ausentar, mandar um representante, etc. O único meio de cumprir o mandamento é participar pessoalmente da reunião. O mandamento, contudo, não diz em que tipo de lugar a reunião tem que ocorrer. Ele é genérico neste sentido. O local pode ser uma casa, uma praça, um prédio alugado,

uma escola, etc. No aspecto genérico temos liberdade, mas naquilo que o mandamento é específico, participar da reunião, não há liberdade.

Exemplo 2: O Novo Testamento manda que os cristãos preguem o evangelho para levar a salvação aos homens (Marcos 16.15-16). No seu nível específico, os cristãos não podem pregar outra coisa para salvar os homens, tais como filosofia, regime alimentar, postura política: eles tem que pregar apenas o evangelho para a salvação dos homens. Neste nível de especificidade, não há como mudar o mandamento. Onde eles vão pregar o evangelho? Agora a Bíblia não especifica os locais para pregar. O texto diz: “por todo o mundo”. Podemos pregar em todo lugar: casas, prédios, sinagogas, templos, praças, dentro do ônibus, no trabalho, na feira, no mercado, etc. Agora, o mandamento não tem um único lugar específico, onde se faz a pregação – qualquer lugar vale! O mandamento é específico sobre o que pregar, o evangelho, e genérico quanto ao local onde fazer isto: qualquer lugar serve.

Exemplo 3: O Novo Testamento diz que a ceia deve ser celebrada com o pão sem fermento e com o fruto da videira. Isto é específico e exclui o genérico: carne, água, legumes, etc. Contudo, a forma de apresentar este pão e este cálice serão apresentados não é especificada: podemos colocar o pão em uma bandeja, em uma mesa, passá-lo de mão em mão. Esta forma de realização do mandamento não tem especificação: é livre.

Assim, aplicando o que aprendemos ao caso da música, temos: O Novo Testamento manda cantar (Colossenses 3.16). O mandamento específico exclui tocar instrumentos, bater palmas, dançar, etc. Este é o nível específico do mandamento: o sentido do verbo cantar, louvar ou falar. A forma, contudo, de cantar, não é especificada, e temos liberdade para cantar com hinários, cantar usando versículos da Bíblia, cantar em pé ou sentados, com um regente musical ou de modo espontâneo.

Assim, o princípio de interpretação bíblica que “o específico exclui o genérico” não impossibilita os vários meios de realizar os mandamentos, desde que estejam implícitos nos mandamentos, caso contrário, o chamado “meio” não estará sendo usado legitimamente, mas será uma desculpa para se fazer o que se quer. Só pode haver “meios” ou expedientes apoiam mandamentos. Inventar

mandamentos e depois encontrar meios para realizá-los é completamente errado e não se justifica de forma alguma.

O instrumento musical não é um meio ou um mero expediente para o canto, visto que o Novo Testamento pede apenas o canto e o instrumento não é necessário para cantar. Cantar e tocar constitui uma adição não requisitada, não autorizada e não necessária. Cantar com hinários ou sentados em bancos não adiciona nem altera a obediência ao mandamento: cantar.

RAZÃO #5 - O TESTEMUNHO DA HISTÓRIA

A história não é nossa autoridade e sim a Escritura. É interessante, contudo, notar que na história do cristianismo, o testemunho a favor da música vocal é antigo, diversificado e seguro. O uso de música instrumental foi um dos desvios da igreja romana. Até hoje, a igreja grega não usa música instrumental. Os Reformadores foram contra os instrumentos, mas, como o passar dos anos, todas as igrejas reformadas, evangélicas adotaram o uso de instrumentos, bem como suas descendentes pentecostais e carismáticas.

- "A sinagoga ... desenvolveu um tipo de música exclusivamente vocal" (Everett Ferguson, Encicl. do Cristianismo Primitivo, p.630)
- "É verdade que a música *instrumental* para a adoração não é mencionada em o Novo Testamento. ... Além do mais, visto que os instrumentos eram usados apenas em conexão com as ofertas sacrificiais, eles não tinham lugar na adoração da sinagoga judaica." (D. P. Hustad, Jubilate: A música na igreja, p. 57)
- "Presumimos que a adoração cristã primitiva era estritamente vocal ... (D. P. Hustad, Jubilate: A música na igreja, p. 95)
- "Os pais da igreja primitiva proibiam o uso de música instrumental na adoração." (D. P. Hustad, Jubilate: A música na igreja, p. 109)
- "O critério geral dos primeiros patriarcas da igreja era frontalmente contrário ao uso de qualquer instrumento no templo (igreja)" (Encicl. Católica, "Órgão", Vol. V, pág. 1064.
- "O uso do órgão nas igrejas é atribuído ao papa Vitalino (657-672 d.C.)". (Philip Schaff, Historia da Igreja Cristã, IV, pág. 439)

- "Uma forte oposição ao órgão no culto da igreja fez-se sentir, no sentido geral, até o século XII." (Encicl. Católica (versão inglesa), XI, pág. 300-301)
- "Os gregos (igreja ortodoxa grega) rejeitam órgãos e instrumentos musicais..." (Encicl. Schaff-Herzog, IV, pág. 51)
- João Calvino (fundador do presbiterianismo) "Instrumentos musicais na celebração dos louvores a Deus seriam igualmente apropriados como a queima de incenso, acender velas e a restauração das outras sombras da lei." (Comentário sobre o Sl 33).
- João Wesley (fundador do metodismo) "Não tenho qualquer objeção à instrumentos musicais em nossos templos, desde que não sejam ouvidos nem vistos." (Comentário de Adam Clarke, vol IV, pág. 686)
- Martinho Lutero (fundador do luteranismo) "chamou o órgão de insígnia de Baal." (Enciclopédia McClintock e Strong, "música" vol VI, pág. 762)
- Adam Clarke (distinto comentarista da Escritura, Metodista) "Sou homem velho e um ministro velho, e declaro que nunca soube de nenhum bem que eles (instrumentos de música) produzissem no louvor a Deus. Tenho tido motivo de acreditar que produziram muito mal. A música, como ciência, eu estimo e admiro; mas instrumentos de música na casa de Deus eu abomino e detesto, Este é o abuso da música, e aqui registro meu protesto contra todas tais corrupções no louvor do Autor do cristianismo.⁴ (Clarke's Commentary, vol. 4, pág. 686)
- David Benedict (historiador batista) "Os antigos batistas leais em tempos passados prefeririam tolerar o Papa de Roma em seus púlpitos do que o órgão em suas galerias." (Fifty Years Among The Baptists, 1ª edição, 1858)

RAZÃO #6 - A LINGUAGEM DO NOVO TESTAMENTO

Já houve alguém dizendo que os cristãos antigos não usavam instrumentos no culto por causa de sua baixíssima cultura. Por serem

⁴ Tradução de Randal Matheny, em **Edificação**, Nov/1990, pág. 11.

pobres e incultos, na sua maioria, não sabiam usar instrumentos musicais. Há também quem diga que eles não usavam instrumentos por medo da perseguição.

Tais observações não são verdadeiras. Não tem aprovação arqueológica, não tem sustentação histórica nem documental. Que boa parte dos cristãos era pobre é verdade, mas havia ricos. Embora pobres, os convertidos teriam acesso a instrumentos musicais, como hoje também os pobres também têm acesso aos instrumentos. Tal argumento não prova nada, a não ser um preconceito contra os pobres.

Se o argumento que os cristãos não usavam instrumentos com medo da perseguição fosse verdadeiro os cristãos não cantariam. Se o instrumento faz barulho para chamar os perseguidores, o canto congregacional e, até mesmo a pregação, também fazem barulho. Se o medo da perseguição fosse tal, a igreja seria muda!

Os escritores do Novo Testamento citam todo tipo e espécie de música em seus escritos. Isto já mostra que sua cultura musical não era tão baixa como alguns supõem. É interessante notar que quando se fala do louvor autêntico a Deus, e da música recomendada à igreja, esta música sempre é vocal. Veja, no quadro abaixo, as repetidas menções da música vocal:

Textos:

Mateus 26.30 & Marcos 14.26 - cantar hinos

Atos 16.25 - cantar louvores

Romanos 15.9 - glorificar e cantar louvores

1 Coríntios 14.15 - cantar com o espírito e a mente

1 Coríntios 14.26 - um tem salmo

Efésios 5.19 - falando e entoando salmos, hinos e cânticos espirituais

Colossenses 3.16 - instruir e aconselhar com salmos, hinos e cânticos espirituais

Hebreus 2.12 - cantar louvores

Hebreus 13.15 - sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome

Tiago 5.13 - cantar louvores

Muitos destes textos são mandamentos para a igreja: cantar é uma ordem para os cristãos. Não se fala de instrumentos. Em muitos casos, seria impossível que esses estivessem presentes. Tal ausência não é questão de pobreza ou falta de costume; os cristãos antigos eram pobres mas participavam de um mundo cheio de música e instrumentos musicais. O motivo da ausência de instrumentos não era pobreza ou medo de ser perseguido. O motivo era que o louvor espiritual não combina com o uso de instrumentos materiais. A cultura da época incentivaria o uso de instrumentos no culto, mas os cristãos entendiam, como os judeus, que os instrumentos não podiam ser usados sem a autorização divina. Os judeus tinham esta autorização no seu templo, e por isto, só usavam instrumentos no templo de Jerusalém e nunca nas milhares de sinagogas espalhadas pelo mundo. Os cristãos, recebendo uma nova aliança, entenderam que o louvor era com a voz e o coração, nunca com instrumentos.

Observa-se, contudo, que os mesmos escritores do Novo Testamento falam ocasionalmente, da música instrumental, mas nunca associada ao culto ou ao louvor a Deus. O contraste deste próximo quadro com o mostrado imediatamente acima é óbvio: a menção de instrumentos nunca se liga com a adoração da igreja.

Textos:

Mateus 6.2 - hipócritas “tocam trombeta” para chamar atenção para suas ações
--

Mateus 9.23 - nos enterros havia tocadores de flauta
--

Mateus 11.16-17 - crianças brincavam tocando flauta

Lucas 15.25 - “música” em geral pressupõem instrumentos em uma festa caseira
--

1 Coríntios 13.1 - címbalo e gongo ilustram o som sem sentido

1 Coríntios 14.7 - instrumentos precisam dar som distinto para a música ser reconhecida

1 Coríntios 14.8 - a trombeta de guerra precisa dar o som correto para ser entendível

Apocalipse 5.8 - os anciãos celestes louvam a Deus com harpas

Apocalipse 8.6 - trombetas anunciam catástrofes

Apocalipse 14.2 - os 144.000 louvam com voz como de harpas

Apocalipse 18.22 - vários instrumentos musicais da Roma antiga

Nenhum destes textos é mandamento para os cristãos. Nenhum deles fala do culto na igreja. Nenhum deles pode justificar o uso de instrumentos no culto a Deus, mas mostram que os cristãos antigos conheciam todos os tipos de instrumentos de seu tempo, mas não usavam nenhum deles no culto a Deus.

Há quem tente dizer que se os instrumentos são usados no Apocalipse para falar de louvor a Deus, eles poderiam ser usados pela igreja. Tal argumento esquece que o livro é simbólico e que neste simbolismo cita o incenso (Apocalipse 5.8; 8.3-3), o altar de sacrifícios (Apocalipse 6.9), vestes sacerdotais (Apocalipse 6.11; 7.9), o templo judaico (Apocalipse 11.1-2), a arca da aliança (Apocalipse 11.19) e outras cerimônias e artefatos de adoração do Velho Testamento. Não podemos introduzir no culto a Deus, hoje em dia, aquilo que é descrito simbolicamente no Apocalipse falando do louvor celestial dado a Deus. O livro é simbólico e não pode ser tomado literalmente, a não ser que o Novo Testamento assim o exija.

RAZÃO #7 - A LEXICOGRAFIA DO NOVO TESTAMENTO

Ocasionalmente alguém tenta dizer que há, pelo menos, uma palavra no Novo Testamento que poderia ser interpretada como autorização para o uso de música instrumental. Esta palavra seria PSALLO, que significa, louvar, salmodiar. Há quem pretenda que a palavra signifique “tocar harpa” e como ela aparece em Efésios 5.19, haveria, portanto, uma ordem para o uso de instrumentos no culto cristão.

De fato, a melhor e mais moderna ciência do estudo dos vocábulos gregos, a lexicografia do grego Koinê, o grego com o qual o Novo Testamento foi escrito, tem chegado à firme conclusão que PSALLO significa louvor vocal e não instrumental, pois este era o sentido do termo entre os judeus de fala grega e entre a igreja cristã.

Há anos atrás, o melhor dicionário do grego do Novo Testamento cometeu o erro de dizer que PSALLO podia incluir música

instrumental. Uma vez constatado o erro, a última edição desta obra corrigiu-se e retirou a afirmação que PSALLO, no Novo Testamento, pudesse significar “tocar harpa”. Esta correção é importante no reconhecimento que a música cantada pelos antigos cristãos era estritamente vocal (Veja o anexo 3).

O verbo PSALLO, na literatura pagã e antiga, de fato, podia incluir o sentido de “tocar harpa”, mas no Novo Testamento, quando se quer falar de alguém tocando harpa, outras expressões são usadas: harpa = KITHARA; tocar harpa = KITHARIZO; e tocador de harpa = KITHARODOS. Nunca PSALLO é usado para designar o tocar harpa no Novo Testamento.

Embora alguns dicionaristas sectários tentem dizer que o sentido de Efésios 5.19 seja tocar harpa por ter sido este um dos sentidos antigos da palavra, eles tem que reconhecer as grandes dificuldades que esta proposta apresenta:

1. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então todos na igreja devem tocar, pois o texto fala de um mandamento para todos os discípulos de Cristo e não só para o “conjunto musical” da igreja.
2. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então temos que sempre ter o instrumento para poder louvar conforme o mandamento e o canto somente vocal não é aceitável.
3. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então o único instrumento autorizado para uso moderno é a harpa. (Poucas igrejas usam harpas!).

Na verdade, PSALLO significa louvar e se há um instrumento inferido no contexto, este é o coração: “salmodiando de coração” (Efésios 5.19). É para cantar com o coração e não com uma harpa de madeira ou metal!

A melhor e honesta lexicografia do Novo Testamento indica claramente que a igreja de Jesus “cantava louvores” e não “tocava instrumentos” de qualquer natureza.

CONCLUSÃO

A música que agrada a Deus é aquela feita com o coração. Deus não tem exigências estéticas ou culturais. Deus faz exigências espirituais. Ele deseja antes misericórdia do que sacrifícios, antes obediência do que holocaustos. Ele prefere que cantemos cinco palavras com nosso

coração do que uma verdadeiro concerto musical em desobediência às suas especificações de louvor.



ANEXO 1:

Seis razões para usar música vocal na adoração a Deus

Não é por acaso, descuido ou falta de talento para a música instrumental que esta tem estado ausente dos cultos da igreja de Jesus. Há boas razões para tal prática. Este estudo apresenta seis razões para usar apenas a música vocal no louvor a Deus, excluindo a música instrumental.

1. A Escritura Manda

“Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (Hebreus 13.15). A Escritura manda louvar a Deus com nossos lábios, não com instrumentos musicais. O jeito de fazer o que a Escritura manda é louvar com nossos lábios. O risco de querer adicionar algo a este mandamento é um risco sério, afinal, outros textos da Escritura nos advertem contra adições não autorizadas na Palavra de Deus (Apocalipse 22.18-19) e no culto a ele (Marcos 7.6-7). Cantar é o mandamento. Cantar e tocar é uma adição não autorizada.

2. A Nova Aliança Liberta

“A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação” (Hebreus 2.12). É Jesus quem fala estas palavras. Os seus irmãos somos nós. Ele canta louvores a Deus no meio da congregação dos santos de Deus, a igreja. Cantamos, como filhos de Deus, dentro da Nova Aliança que Jesus estabeleceu. O culto da Antiga Aliança (culto que incluía a música instrumental) não era eficaz para aperfeiçoar aquele que dele participava, e era um culto que seria removido no tempo oportuno (Hebreus 9.9-10; também 10.1). A Velha Aliança está ultrapassada (Hebreus 8.13) e não nos chegamos a Deus por ela, mas por meio da Nova Aliança (Hebreus 7.18-19). Por isso, estamos no Novo Testamento, libertos do culto por meio de música instrumental do Velho Testamento, cantando a Deus com nossos lábios, pois este é o sacrifício de louvor que ele requer de nós (Hebreus 13.15).

3. O Espírito Atua

“E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais” (Efésios 5.18-19). O meio de encher-se do Espírito Santo é cantar

louvores a Deus de coração e não de violão (ou por qualquer outro instrumento). O “instrumento musical” do cristão é o coração, e se o cristão cantar de coração, o Espírito enche seu coração e sua vida. O jeito bíblico de encher-se do Espírito é cantar. Cantar tocando altera o mandamento e perde a promessa. O Espírito atua em nós quando cantamos com a boca e o coração. Esta é a promessa de Deus.

4. A História Confirma

“E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras” (Mateus 26.30; Cf. Marcos 14.26), “Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam.” (Atos 16.25). O testemunho unânime da história do judaísmo e do cristianismo confirma o fato que a antiga sinagoga e a igreja primitiva não se utilizavam de música instrumental. No caso do judaísmo, eles entendiam que os instrumentos só podiam ser tocados no Templo de Jerusalém, pelos levitas. Por isso, o culto na sinagoga era, exclusivamente, vocal. Não havia sacrifícios de animais na sinagoga, logo, não havia instrumentos musicais na sinagoga. No caso da igreja cristã, o mesmo princípio foi usado: se os sacrifícios do Velho Testamento foram abolidos pelo sangue de Cristo, os instrumentos musicais que acompanhavam tais sacrifícios também foram abandonados. A oposição aos instrumentos musicais entre os cristãos antigos chegou até ao ponto de alguns escritores tentarem proibir o instrumento musical em qualquer situação, seja em festas nas casas, em funerais, em casamentos, e em qualquer entretenimento⁵. Eles não estavam certos em querer banir todo tipo de música instrumental até mesmo da vida secular, mas esta tendência mostra como o instrumento não tinha nenhuma participação no culto a Deus. A introdução de instrumentos musicais foi lenta, iniciando-se timidamente nos séculos VI e VII, e alcançando maior expressão ao redor do século X. Contudo, até a época da Reforma Protestante no século XVI, ainda havia descontentamento contra os instrumentos musicais no culto, de forma que os Reformadores, em sua maioria, se opuseram aos instrumentos musicais no culto a Deus. É somente nos últimos séculos e, sem dúvida, no século XX que os instrumentos musicais foram aceitos sem contestação nas igreja protestantes. A Igreja Ortodoxa Grega, contudo, cujas origens históricas remontam às igrejas do Novo Testamento, e que se desligou da Igreja Romana no

⁵ Everett Ferguson, *A Cappella Music in the Public Worship of the Church*, Abilene, Biblical Research Press, 1972, pág. 74.

século XI, até hoje, não aceita os instrumentos em seus cultos. Assim, também permaneceram fiéis aos antigos modos de culto as Igrejas Siríacas, Jacobitas e Nestorianas, não usando instrumentos musicais na adoração.

5. A Adoração Exige

“Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos, mutuamente, em toda a sabedoria, louvando a Deus com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão em vosso coração” (Colossenses 3.16). Para que possamos cumprir os propósitos de edificação ligados à adoração a Deus, exige-se o uso de música vocal, pois, somente ela instrui e aconselha. O instrumento musical não faz isto. As palavras dos salmos, hinos e cânticos espirituais, sendo proferidas de coração, ou seja, com consciência e entendimento (1 Coríntios 14.15), fazem com que haja edificação dos participantes (1 Coríntios 17.26). É assim que a adoração e a edificação acontecem.

6. A Prática Recomenda

“Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores” (Tiago 5.13). A prática recomenda a música vocal, pois, só ela pode ser executada sem empecilhos a qualquer momento. Não é necessário levar um instrumento para cantar com os que estão alegres. O instrumento musical acaba sendo “uma muleta que aleija”, pois, depois de ficar dependentes de um instrumento musical, muitos evangélicos já não conseguem mais louvar a Deus sem este “recurso”. A prática recomenda a música vocal, pois, a música instrumental tem transformado a adoração em “show”, onde a preocupação com o desempenho dos “artistas” assume o primeiro lugar. A prática tem mostrado que a ausência de instrumentos musicais incentiva a maior participação vocal dos irmãos e a maior compreensão da mensagem dos hinos. O instrumento, muitas vezes desmotiva o canto e abafa as palavras. A prática tem mostrado que sem instrumentos musicais, haverá mais momentos de silêncio nas reuniões de adoração, sem “música de fundo”, o que favorece a meditação consciente. A ausência de instrumentos musicais permite preservar a simplicidade do culto cristão e impede que modismos musicais venham rapidamente causar escândalo e divisão na igreja. A prática tem mostrado que o fato de não usarmos música instrumental tem ajudado a não sermos contaminados e invadidos por falsas doutrinas. Historicamente está provado que as igrejas de nossa irmandade que no passado

aceitaram os instrumentos musicais no culto acabaram sucumbindo ao pentecostalismo, e a todo tipo de doutrina protestante-evangélica e até mesmo ecumênicas. O canto vocal é um bom diferenciador social que mostra que somos um povo diferente: não somos mais uma igreja ou mais uma denominação - somos cristãos somente, membros da igreja de Cristo, que ele comprou com seu sangue. A prática recomenda a música vocal.

CONCLUSÃO

A razão de não usarmos instrumentos musicais não é falta de talento musical, nem por falta de atenção ao culto, mas obediência a Deus. Não temos opção: ou obedecemos a Deus usando apenas música vocal no culto, ou fazemos a vontade dos homens e utilizamos instrumentos musicais no louvor, para agradar homens. Ocorre, então, algo triste: aquilo que deveria ser dado a Deus, para agradá-lo, é dado aos homens, para agradá-los. O que acaba acontecendo é mais uma manifestação de desrespeito a Deus.

ANEXO 2:

“A história do dicionário da língua grega que se arrependeu!”

O maior, melhor e mais famoso léxico (dicionário) do grego do Novo Testamento “se arrependeu”! Alguém vai perguntar: “Como pode um livro se arrepender?” O fato é que um famoso dicionário da língua grega cometeu um erro sobre o significado de um termo bíblico ligado à música do Novo Testamento, mas depois, seus editores perceberam o erro e modificaram o dicionário. Este foi o “arrependimento do dicionário”, isto é, a correção de um erro que ele continha.

APRESENTAÇÃO: a obra

“A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature” é a tradução inglesa de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, do dicionário de Walter Bauer, em alemão, intitulado “Griechisch-Deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der übrigen urchristlichen Literatur”. O título da obra em português seria: Um Léxico Grego-Alemão [ou Grego-Inglês] do Novo Testamento e de Outras Literaturas Cristãs Primitivas. Trata-se de uma obra padrão, internacionalmente reconhecida como trabalho cuidadoso de erudição para o entendimento do sentido dos termos gregos do Novo Testamento.

O CERTO: a definição original

Nossa atenção se focaliza na palavra grega PSALLO, que é o verbo cantar louvores, definido pelo famoso léxico grego-alemão como sendo: “louvar cantando, cantar louvores a”. O léxico alemão notou em várias passagens o sentido vocal do verbo PSALLO.

O ERRO: a tradução equivocada

Quando William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich fizeram a tradução inglesa deste verbete, mudaram a definição adicionando uma frase: “cantar (com o acompanhamento de uma harpa), cantar louvor”. Percebe-se que a modificação introduziu a idéia que o Novo Testamento ordenaria a música instrumental: o uso de uma harpa.

Tal adição não tinha fundamento no Novo Testamento, mas apenas se justifica pelo uso do termo na literatura clássica e no uso pagão da palavra. Os léxicos de grego clássico incluíam este sentido, mas num

léxico do Novo Testamento, este sentido não deveria ocorrer, pois, o termo era usado pelos cristãos de um modo próprio, conforme o sentido que a palavra tinha em sua época e no ambiente judaico-cristão.

O ARREPENDIMENTO: a correção da tradução inglesa

O erro de Arndt e Gingrich foi corrigido na segunda edição desta obra, publicada depois da morte de William F. Arndt, com a participação de Frederick W. Danker. A completa referência bibliográfica da obra é: “Walter Bauer, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature , 2nd ed., trans. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, 2nd ed. Revised and augmented by F. Wilbur Gingrich and Frederick W. Danker, Chicago, University of Chicago Press, 1979”. O texto, agora, define o termo PSALLO da seguinte forma: “cantar, cantar louvores”.

O texto subsequente do verbete deste dicionário explica que o sentido original envolvia “tocar” um instrumento, mas que no tempo do Novo Testamento e no uso da igreja, o sentido deveria excluir o uso de instrumento musical.

O “arrependimento” deste que é um dos melhores dicionários de grego do Novo Testamento é um importante testemunho do fato que a erudição moderna reconhece que a igreja antiga não usava instrumentos musicais nas suas reuniões.

MAIS EVIDÊNCIAS: outras obras

Vários outros dicionários e obras reconhecem que o termo PSALLO, no Novo Testamento, não significa “tocar harpa” e nem “cantar acompanhado de harpa” mas sim, significa, simplesmente, “cantar louvores”.

OBRA	Definição de PSALLO no Novo Testamento
Bauer-Arndt-Gingrich-Danker, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature , 2nd. ed.	cantar, cantar louvores
Barclay M. Newman Jr, A Concise Greek-English Lexicon of the New Testament.	cantar, cantar um hino de louvor, cantar louvores

C. G. Wilke and S. L. Wilibald Grimm, Greek-English Lexicon of the New Testament, trans. Joseph Henry Thayer	cantar um hino, celebrar louvores a Deus em canção
E. A Sofocles, Greek and English Lexicon of the Roman and Byzantine Periods	cantar [cantochoão], cantar um hino religioso
James Hope Moulton and George Milligan, Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources	cantar um hino
Thomas Sheldon Green, A Greek-English Lexicon to the New Testament	cantar louvores
Harold K. Moulton, The Analytical Greek Lexicon	cantar louvores
G. Abbott-Smith, A Manual Greek Lexicon of the New Testament	cantar um hino, cantar louvores
F. Wilbur Gingrich, Frederick W. Danker, Léxico do Novo Testamento Grego/Português, trad. Júlio P. T. Zabatiero	cantar, cantar louvores
Timothy & Bárbara Friberg, Analytical Lexicon to the Greek New Testament	cantar louvores
W. C. Taylor, Dicionário do Novo Testamento Grego	canto louvores, canto salmos
G. Kittel & G. Friedrich, Theological Dictionary of the New Testament [vários verbetes]	a idéia de todos os verbetes para o NT é de música vocal: “cantar”
C. Brown, Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento	cantar (um hino ou louvor)

Estas obras reconhecem que a palavra PSALLO em outras literaturas, pode significar “tocar uma harpa ou algum instrumento de corda”, mas todos, imediatamente, afirmam que no Novo Testamento, o sentido é o de música vocal, dado o uso do termo na sinagoga judaica

e no contexto do Novo Testamento. O instrumento nunca está presente, nunca se menciona, nunca é usado, nunca é imaginado. Os autores destes dicionários são protestantes, pertencentes a grupos que usam instrumentos no culto! Isto mostra que o que se registra nos dicionários não é o ponto de vista de um grupo que não gosta de instrumentos, mas de eruditos que sabem que não podem dar uma definição errada para um termo e ainda manter seu renome e erudição. Por isso, definem PSALLO como “cantar”, e não tentam apoiar nesta palavra o uso de instrumentos musicais em suas denominações.

O sentido dos termos no grego clássico não podem ser forçados ao sentido do Novo Testamento e nem os sentidos do Novo Testamento podem ser forçados para o período clássico. Um exemplo disto é o termo grego HAMARTIA. Seu uso clássico e na tragédia não tem o sentido judaico-cristão de “pecado”. HAMARTIA, na literatura clássica, e sobretudo na tragédia grega, é um “erro de cálculo”, “uma falha”, “um erro sem culpa”. Tentar levar este sentido ao Novo Testamento seria um desastre; da mesma forma tentar traduzir HAMARTIA como “pecado” nas tragédias gregas é transferir para a Grécia clássica um conceito cristão posterior.

As palavras mudam de sentido conforme o contexto e a época. A língua grega não ficou estática. PSALLO, que no passado (grego clássico) podia significar tocar uma harpa, chegou hoje a significar (no grego bizantino e moderno) canto religioso estritamente vocal. O Novo Testamento e o grego koinê, no qual ele foi escrito, testemunham esta mudança de sentido, mostrando que foi a igreja e seu uso exclusivo de música vocal que privilegiou um dos sentidos da palavra, fazendo com que ela perdesse seus outros usos antigos.

Sem dúvida, haverá pessoas que citarão algum léxico em defesa de uma definição equivocada de PSALLO que justifique a prática moderna e generalizada de usar instrumentos musicais na igreja. Deve-se, contudo, lembrar que não seria incomum o fato de um lexicógrafo cometer seus erros ou querer defender uma prática eclesiástica posterior. O Novo Testamento, contudo, quando consultado, não permite tal defesa da música instrumental.

PSALLO no Novo Testamento significa, simplesmente, cantar louvores: música vocal.

ANEXO 3:

“A história do dicionário da língua grega que retrocedeu!”

Embora a história anterior testemunhe a seriedade e a honestidade dos lexicógrafos, nem todas as histórias têm final feliz e nem todos os autores de dicionários conseguem pautar-se pelas normas que eles mesmos alardeiam.

Este caso triste ocorre com a recente obra: Johannes P. Louw & Eugene A. Nida, Greek-English Lexicon of New Testament Based in Semantic Domains, second edition, New York, United Bible Societies, 1989.

Esta obra pretende ser inovadora e avantajar-se em relação aos léxicos comuns do Novo Testamento Grego por uma série de motivos. Um dos motivos principais, contudo, foi a utilização e organização das palavras em domínios semânticos, ou seja, as palavras não são arrumadas por ordem alfabética, mas por seu significado. Filhos dos modernos avanços da lingüística moderna, no caso da palavra PSALLO, os autores retrocederam, voltaram o sentido antigo do termo e não buscaram o sentido do termo no tempo do período helenístico, mas recorreram ao seu sentido etimológico ou da sua raiz.

original inglês:

33.111 ψάλλω *to sing songs of praise, with the possible implication of instrumental accompaniment (in the NT often related to the singing of OT psalms) - 'to sing, to sing a psalm, to sing a song of praise, to sing praises.'* τῷ ὀνόματί σου ψαλῶ *'I will sing praises to your name' or 'I will sing praises to you' Ro 15.9.*

tradução portuguesa:

33.111 ψάλλω: cantar músicas de louvor, com a possível implicação de acompanhamento instrumental (no NT frequentemente relacionado ao cantar Salmos do VT) - 'cantar, cantar um salmo, cantar uma música de louvor, cantar louvores.' τῷ ὀνόματί σου ψαλῶ *'Cantarei louvores ao teu nome' ou 'Cantarei louvores a ti' Rm 15.9.*

O grande erro vem na frase “*with the possible implication of instrumental accompaniment*” ou seja “com a possível implicação de acompanhamento instrumental”! A frase já trabalha com o que os autores consideraram uma “possibilidade”, mas na verdade

desqualifica a obra e faz com que incorra, neste caso, em um retrocesso lingüístico imperdoável.

Por causa desta pequena nota, cometeram várias falácias vocabulares mencionadas no livro de D. A. Carson, A Exegese e suas Falácias (São Paulo, Edições Vida Nova, 1992).

A primeira é a chamada *falácia do radical* (págs. 26-31), onde um autor define o sentido de um termo pela etimologia e não pelo uso. Tal é o caso aqui. PSALLO, que em sua etimologia podia significar, entre outras coisas, “tocar harpa”, mas que na Septuaginta, no Novo Testamento e na igreja antiga nunca foi usado com este sentido de modo absoluto.⁶

Também cometem a falácia denominada *obsolescência semântica* (págs. 33-35), que significa atribuir a uma palavra um sentido que ela tinha no passado, mas que não é mais encontrado dentro das atuais possibilidades de sentido para o termo no Novo Testamento. Este é o caso de PSALLO, que no passado significou, entre outras coisas, tocar harpa, mas que já no uso que dele fizeram os autores judeus de fala grega e cristãos, não incluía mais este sentido.

Assim, embora o dicionário de Bauer-Arndt-Gingrich-Danker tenha se aprimorado e se arrependido de um deslize de tradução, a obra de Louw-Nida escorrega feio, contrariando sua própria ciência lingüística e suas premissas de não basear-se em etimologia ou em sentidos obsoletos.

Ninguém é perfeito, mas o erro de Louw-Nida é o de não progredir, de retroceder negando seus mais acalentados princípios lingüísticos. Vamos aguardar pela correção deste erro como ocorreu anteriormente com a obra de Bauer.

⁶ Para uma demonstração convincente, completa e definitiva deste ponto é interessante a leitura de: Everett Ferguson, **A Cappella Music in the Public Worship of the Church**, Abilene, Biblical Research Press, 1972 [já traduzido e a ser publicado pela Editora Vida Cristã, São Paulo].

MÚSICA À MODA DA IGREJA

Um estudo sobre a necessidade da música exclusivamente vocal no louvor a Deus.

QUE OS CRISTÃOS FIZERAM COM A MÚSICA?

Estudo 01

“O que os cristãos fizeram com a música?” Esta é a pergunta que irá dirigir nossos pensamentos. A música existia desde o tempo antigo, nos cultos pagãos e também no culto do Velho Testamento havia instrumentos musicais. “O que os cristãos fizeram com a música?” Com sempre, eles mudaram tudo! Depois do advento do cristianismo, surgiu a **música “a capela”** expressão latina que significa **música “à moda da igreja”** ou seja, **música “vocal”**. É claro que o canto vocal sempre existiu e sempre vai existir, pois é a forma mais natural da música humana, contudo, os cristãos recusaram outras formas de música e especializaram-se nesta forma de música como uma de suas maiores contribuições para a humanidade.

Rm 12.1-2 – Ao invés de conformar-se com a música da época, eles foram renovados e transformados, apresentando um novo tipo de fenômeno para o louvor a Deus: música vocal do coração.

Passo #1 = Louvor diferente do Templo

O culto do templo: Eclesiástico 50.11-21 (=Livro apócrifo). Função musical só para sacerdotes (trombetas) e levitas (canto). O povo não participa do louvor musical. No VT sempre era instrumental e tocada por sacerdotes ou levitas. No NT, a música é vocal. Tal diferença é determinação divina..

NO VELHO TESTAMENTO: **Instrumental.**

Nm 10.8,10 – Trombetas, sacerdotes, sacrifícios

1Cr 13.8 – Arca, instrumentos, etc

2Sm I 6.12-19 – Arca, levitas, danças, instrumentos, sacrifícios.

1Cr 25.1,6 – Levitas, Templo, instrumentos

2Cr 5.12-13 – Levitas, Templo, instrumentos

2Cr 29.27-30 – Holocausto, instrumentos, levitas

Sl 32.2-3; 71.22-23; 149.3 – Tocar e cantar

Salmo 47.6 – Cantar

Salmo 150 – Muitos instrumentos e danças

1Cr 15-16; 23.5; 25.1; 2Cr 29.25 – tudo autorizado

NO NOVO TESTAMENTO: **Vocal.**

Mateus 26.30 & Marcos 14.26 - cantar hinos

Atos 16.25 - cantar louvores

Romanos 15.9 - glorificar e cantar louvores

1 Coríntios 14.15 - cantar com o espírito e a mente

1 Coríntios 14.26 - um tem salmo

Efésios 5.19 - falando e entoando salmos, hinos e cânticos espirituais

Colossenses 3.16 - instruir e aconselhar com salmos, hinos e cânticos espirituais

Hebreus 2.12 - cantar louvores

Hebreus 13.15 - sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome

Tiago 5.13 - cantar louvores

A música do Velho Testamento era instrumental e a do Novo Testamento é vocal.

O uso dos Salmos não irá levar a igreja a utilizar-se dos instrumentos. Os Salmos mencionam sacrifícios de animais (Sl 50), o sacerdócio araônico (Sl 132), incenso (Sl 141), o templo físico (Sl 65) e até sábados (Sl 92 - título). Tudo isto é passado, é a velha aliança que Jesus encravou na cruz (Efésios 2.15; Colossenses 2.14). Teríamos que voltar a tudo que o VT diz (Gl 5.3-4).

Os antigos cristãos trataram os instrumentos dos Salmos de duas formas:

(1) Falaram que os instrumentos eram coisa da Velha Aliança e da infância espiritual do povo de Deus;

(2) Alegorizaram os instrumentos, assemelhando-os às partes do corpo humano que louva a Deus.

Há uma clara diferença entre o louvor do Velho Testamento e o da Nova Aliança:

O CULTO DO VELHO TESTAMENTO:	O CULTO DO NOVO TESTAMENTO:
FÍSICO	ESPIRITUAL
<u>Templo físico:</u> tabernáculo (Ex 35-40) e o templo (1 Rs 6-7)	<u>Templo espiritual:</u> igreja (1Co 3.16) e o cristão (1Co 6.19)
<u>Sacrifícios físicos</u> (Lv 1-7)	<u>Sacrifícios espirituais:</u> vida cristã (Rm 12.1-2) e louvor (Hb 13.15)
<u>Sacerdócio físico</u> (Ex 29.44)	<u>Sacerdócio espiritual:</u> Jesus (Hb 2.17) e os cristãos (1Pe 2.5,9)
<u>Circuncisão física</u> (Lv 12.3)	<u>Circuncisão espiritual:</u> no coração (Rm 2.29) o batismo (Cl 2.11-12)
<u>Música física</u> (2Cr 29.25)	<u>Música espiritual:</u> de coração (Ef 5.19 e Cl 3.16)

Os **judeus**, na sinagoga, não usavam instrumentos. Só no Século XIX os judeus introduziram música instrumental nas sinagogas e isto apenas nos movimentos da Reforma. Os conservadores ainda cantam como no tempo do Novo Testamento.

CULTO NO TEMPLO E NA SINAGOGA

Pode-se ver que mesmo no judaísmo, eles percebiam que o templo tinha um culto diferente do da sinagoga.

TEMPLO	SINAGOGA
Culto formal – cerimônias da Lei	Culto menos formal – não citado na Lei
Ênfase no sistema sacrificial	Ênfase no ensino das Escrituras
Necessidade de sacerdotes e levitas	Nenhuma necessidade de ‘clero’
Sacerdote é a figura central	O mestre é a figura central
Os sacerdotes fazem tudo ou quase tudo	Qualquer homem judeu pode fazer tudo

A seita dos Terapeutas (Egito) só tinha música vocal, conforme o testemunho de Filon de Alexandria.

Passo # 2 = Louvor diferente das sinagogas

O louvor cristão aproxima-se da sinagoga, mas ao mesmo tempo diferencia-se dele.

DIFERENÇAS ENTRE SINAGOGA E IGREJA

SINAGOGA	IGREJA
Sábado	Domingo
Lei e profetas	Jesus e apóstolos
Hierarquia patriarcal	Comunidade fraternal
Centralidade da Lei	Centralidade da Ceia
Pregação de Moisés	Pregação de Jesus
Lei e tradição	Evangelho e Espírito
Uns poucos dirigiam	Todos cantavam
Mulheres proibidas de cantar	Mulheres cantando com os homens

“Os cristãos do primeiro século abandonaram completamente o profissionalismo, tanto do Templo como da sinagoga. Ef 5.19-20 e Cl 3.16 mandam todos os crentes cantarem.” (Veja 1Co 14.26).

Passo #3 = Louvor diferente dos cultos pagãos

A música pagã: expressão de sentimentos, amores, religiosidade; usos militares, escolares, civis, etc. Às vezes, era associada a modos efeminados.

Nos cultos pagãos: (i) melodias elaboradas e (ii) uso de instrumentos: “adoradores” = “expectadores”.

Na prática, as músicas nos rituais pagãos serviam: (i) para atrair e agradar os deuses e repelir os demônios; (ii) depois, ajudavam a criar êxtase e frenesi nos adoradores (Os bacantes, no ápice de seu frenesi musical e ritual, despedaçavam um animal ainda vivo e comiam sua carne quente e crua); (iii) também para abafar o som dos animais sacrificados.

Nada disso servia aos cristãos.

Uma paráfrase de Ef 5.19: “Quando vocês se reunirem, façam que sua alegria consista, não em ficar cheios de vinho, mas cheios do Espírito; façam suas músicas serem não as músicas dos bêbados das festas pagãs, mas que suas músicas sejam Salmos e Hinos e Odes espirituais; e que o seu acompanhamento não seja a música feita na lira, mas a música feita no coração; quando vocês cantarem estas músicas estarão louvando, não a Baco ou Afrodite, mas o Senhor Jesus Cristo”.

Os cristãos foram contra-culturais! Sua música era (i) vocal e (ii) monódica. Não usavam instrumentos e o tom era um só.

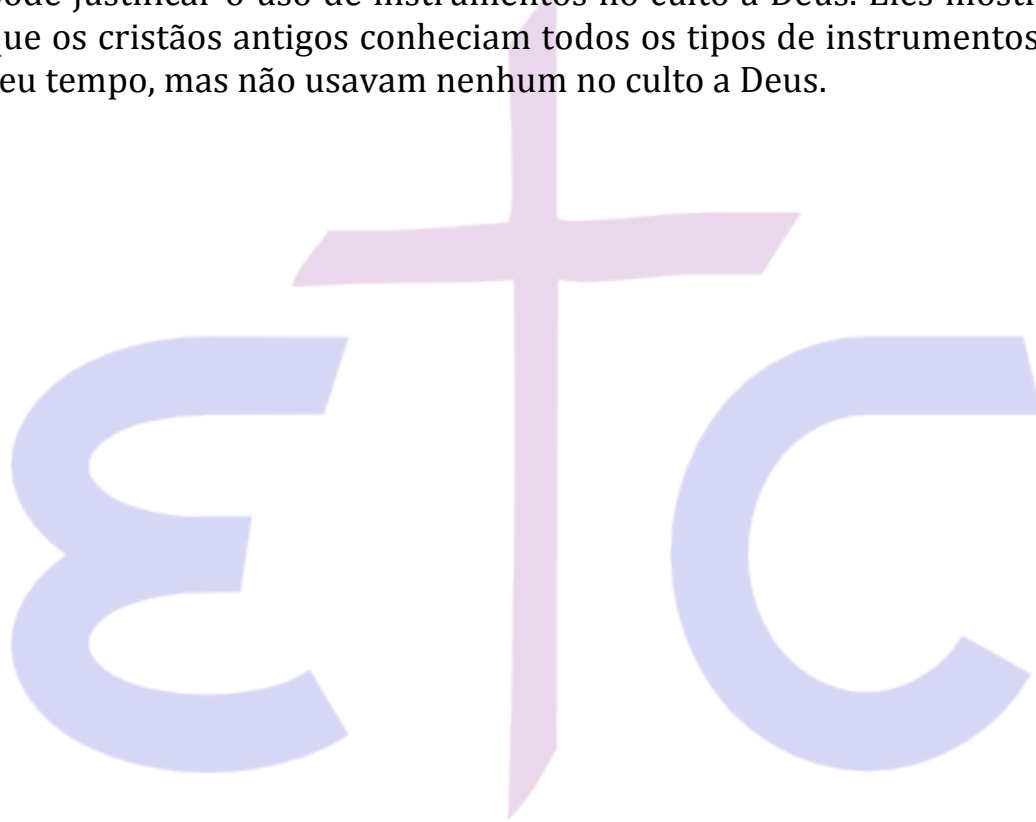
Estavam e agudo contraste com cultura religiosa da antiguidade, que cultuava (i) instrumentos variados e (ii) com melodias elaboradas.

No século II em diante, a igreja foi contra o uso de instrumentos em casas ou em particular, por estarem associados a idolatria, imoralidade e ao ócio.

Passo #4 = Louvor definitivamente cristão

A lista abaixo mostra que esta **música vocal é a ÚNICA recomendada à igreja cristã**. Mt 26.30 & Mc 14.26; At 16.25; Rm 15.9; 1Co 14.15, 26; Ef 5.19; Cl 3.16; Hb 2.12; 13.15; Tg 5.13. Estes são TODOS os textos sobre a música na igreja.

A lista abaixo irá mostrar que esta **música instrumental NUNCA é recomendada à igreja cristã**. Mt 6.2; 9.23; 11.16-17; Lc 15.25; 1Co 13.1; 14.7, 8; 15.52; 1Ts 4.16; Ap 5.8; 8.6; 14.2; 18.22. Nenhum destes é mandamento; nenhum deles fala do culto na igreja; nenhum deles pode justificar o uso de instrumentos no culto a Deus. Eles mostram que os cristãos antigos conheciam todos os tipos de instrumentos de seu tempo, mas não usavam nenhum no culto a Deus.



MÚSICA À MODA DA IGREJA

Um estudo sobre a necessidade da música exclusivamente vocal no louvor a Deus.

QUE OS CRISTÃOS FIZERAM COM A MÚSICA?

Estudo 02

A fórmula que os cristãos dos primeiros 600 anos de cristianismo estabeleceram foi a seguinte:

Música “a capela” = “à moda da igreja” = “vocal”

“Que os cristãos fizeram com a música?” Eles transformaram a música religiosa e também a música pagã de seu tempo de forma a utilizá-la no louvor a Deus, feito de modo espiritual e racional (Rm 12.1-2).

1. Louvor cristão por natureza

Os cristãos primitivos cantavam e não tocavam, por causa da doutrina da criação. O homem, o cristão, é o instrumento de louvor ideal.

A atenção é toda dirigida a Deus, sem distração; não é feito na forma de arte ou treino, mas pela expressão de confissão, agradecimento, louvor, promessas de consagração e da fixação da mente e das palavras em Deus. O verdadeiro louvor é pessoal, não é algo que outros fazem para nos impressionar e causar uma falsa devoção - um emocionalismo momentâneo.

O culto instrumental dessacraliza e desespiritualiza a adoração. Deus quer o coração - Sl 51.16-17!

2. Louvor cristão por forma

A forma e a função dos cânticos do NT estão ligados de modo inseparável. Tudo que o NT exige do louvor só pode ser cumprido pela música vocal. Veja no quadro abaixo:

ORDENS DO NT	VOZ	Instr.
Fale em cânticos (Ef 5.19)	sim	não
Com o coração (Ef 5.19)	sim	não

Ensine (Cl 3.16)	sim	não
Admoeste (Cl 3.16)	sim	não
Com o espírito (1Co 14.15)	sim	não
Com entendimento (1Co 14.15)	sim	não
Louve a Deus (Hb 2.12)	sim	não
Confessando Deus (Hb 13.15)	sim	não

A escolha das músicas, estilos e melodias deve levar em conta estes fatos. Não dá pra usar ritmos como rock, sem que a necessidade de instrumentos musicais seja sentida. Os estilos tem que se submeter ao vocalismo do culto cristão e não o contrário.

3. Louvor cristão por função

PROPÓSITOS DE CANTAR

O louvor que oferecemos a Deus é realizado em espírito e em verdade (Jo 4.24), e não nos moldes da Antiga Aliança. Quem deve gostar do culto é Deus, e não o homem, pois o queremos oferecer são “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus” (1Pe 2.5). Não há intermediários mecânicos entre nós e Deus, pois o louvor é prestado diretamente a ele (Ef 5.19 e Cl 3.16). Edificação é o alvo humano do culto e não agradar os desejos humanos que não satisfazem a vontade de Deus (1Co 14.4, 6, 9, 12, 19, 26). Nosso culto é culto racional ou espiritual (Rm 12.1).

1. Cantar é um meio de pregar a Cristo: Veja o conteúdo de algumas música; Fl 2.6-11; 1Tm 3.16; Jo 1.1-14. Paulo e Silas estavam fazendo isto na cadeia (At 16.25) e o carcereiro e sua família se converteram. Instrumento não faz isto.
2. Cantar é uma confissão de fé: Se o conteúdo da música cristã fala de Cristo, a música cristã é confissão de fé (Hb 13.15), que se faz com o coração e com a boca (Rm 10.9-10). Instrumentos não têm fé, boca ou coração - não confessam nada.
3. Cantar é encher-se do Espírito e da Palavra de Cristo: Quem quer ficar cheio do Espírito Santo (Ef 5.18-19) e da Palavra de Cristo (Cl 3.16), canta, pois “cantamos com o espírito e cantamos com a mente” (1Co 14.15). O espírito é fortalecido pelo Espírito, e a mente é fortalecida pela Palavra. Na verdade, o espírito e a mente agem em

unidade, assim como também a Palavra e o Espírito agem em conjunto.

4. Cantar é oferecer um sacrifício espiritual: No Velho Testamento os sacrifícios eram materiais, no Novo Testamento, um dos nossos sacrifícios de ação de graças é cantar (Hb 13.15). Abandonou-se a prática material por uma prática espiritual. Por isso, retornar aos recursos materiais do Velho Testamento é um retrocesso no nosso louvor.

5. Cantar é compartilhar e antecipar o futuro louvor celeste: Os céus e seus habitantes são retratados simbolicamente louvando a Deus (Ap 4.8, 10-11; 5.8-12; 14.2-3; 15.2-3). Assim, participar do louvor a Deus, na terra, é antecipar o que iremos prazerosamente fazer nos céus. O instrumento não irá compartilhar conosco do porvir, mas somente o cristão e seu corpo ressurreto. Por isso, louvamos a Deus com nosso corpo, o instrumento musical não faz parte da ressurreição.

6. Cantar é realizar edificação mútua: Cantar não é só para Deus, mas “uns aos outros”. Quando alguém trazia uma música (1Co 14.26), era para a edificação da igreja. O mandamento é “falando entre vós” (Ef 5.19) ou “mutuamente” (Cl 3.16). O canto conjunto, congregacional, pressuposto nestes conselhos, exige que: i). a mensagem seja mais importante que a melodia; ii). a compreensão seja mais importante que a beleza; iii). a participação de todos seja mais importante do que a perfeição da apresentação; iv). a comunhão no canto seja mais importante do que o gosto pessoal e individual de cada cristão. O instrumento musical não fala, não edifica, não pode ser executado por todos, mas somente por alguns. Em geral, o instrumento abafa as palavras e atrapalha a concentração na letra, desviando a atenção para a melodia. A edificação é fazer o que agrada a Deus e não aos homens.

7. Cantar exemplifica a unidade da igreja: Cantar juntos faz com que todos expressem sua unidade em Cristo e mútua (Rm 15.6). Todos cantam e não só um solista, um instrumentista ou um coral especial. Todos cantam, pois todos são filhos de Deus, irmãos de Cristo que cantam com ele e uns com os outros (Hb 2.12). Os instrumentos musicais dividem a igreja entre os que tocam e os outros.

8. Cantar envolve toda a pessoa: Cantar envolve mente e espírito (1 Co 14.15), lábios (Hb 13.15), palavras e coração (Ef 5.19; Cl 3.16). A

inteireza de nossa pessoa é envolvida no cantar. Assim, a música ilustra a consagração total que devemos a Deus. O instrumento não é parte de nós e não pode substituir o que somos.

9. Cantar expressa as mais profundas emoções e sentimentos: A música provoca ou acompanha nossos estados de espírito (Tg 5.13). Ela torna-se expressão de profundos sentimentos e não apenas uma demonstração de beleza estética. Instrumentos não têm sentimentos e, portanto, não os expressam a Deus. Pode ser objetado que o artista toca com sentimento. Devemos, contudo, lembrar-nos que os sentimentos devem ser dirigidos a Deus e não aplicados ao instrumento para, então, transmiti-lo a Deus.

10. Cantar é seguir o caminho de Jesus: Jesus cantou (Mt 26.30; Mc 14.26) um Salmo ou outra música da páscoa judaica. Nós queremos ser como ele, cantando sempre, louvores a Deus. Jesus não tocou e nem poderia tocar instrumentos em culto.

4. Louvor cristão por obediência

1Co 4.6: "NÃO ULTRAPASSAR O QUE ESTÁ ESCRITO"

O ESPECÍFICO EXCLUI O GENÉRICO

"O específico exclui o genérico" ou seja, se Deus pede que façamos as coisas de uma certa forma, não precisa proibir todas as outras formas, uma vez que sua ordem específica deixa de lado outras formas de executar aquele mandamento.

- Veja o pecado de Nadabe e Abiú: Lv 10.1-2.

- Veja o pecado de Moisés: Nm 20.8-11

Observe também os exemplos abaixo:

→O CASO DE JONAS: a ordem para ir a Nínive exclui Társis e qualquer outra cidade.

→O CASO DO TABERNÁCULO: a planta que Deus deu exclui qualquer outro projeto ou planta.

→O CASO DA ARCA: "tábuas de cipreste" exclui jacarandá, pinho, peroba, etc.

→O CASO DA CEIA: "pão e fruto da videira" exclui carne, água, legumes, etc.

➔O CASO DO BATISMO: “imersão” exclui aspergir, derramar, molhar ou qualquer outra forma.

➔O CASO DA MÚSICA: “cantar” exclui tocar, acompanhar, dançar, bater palmas, etc.

Se este princípio não for obedecido:

O Novo Testamento não proíbe o incenso na adoração

O Novo Testamento não proíbe o dízimo

O Novo Testamento não proíbe acender velas

O Novo Testamento não proíbe as batinas e paramentos sacerdotais

O Novo Testamento não proíbe o ‘sinal da cruz’, rezar terço, etc

Objeção de alguns: “Se só podemos usar o que é explicitamente mencionado no Novo Testamento, então não podemos usar hinários, bancos na igreja, bandejas de ceia, etc. Se só o mencionado é permitido, então não podemos fazer quase nada!”

1. Podemos fazer as coisas necessárias para cumprir o que foi mandado, sem modificar o mandamento.
2. Todo mandamento tem uma parte específica e outras genéricas, ou seja, deixadas à vontade.

Explicaremos esta questão por meio de exemplos.

Exemplo 1: O Novo Testamento manda que os cristãos se reúnam (Hb 10.25). Este é um mandamento: sua especificidade exclui que os cristãos de outras ações tais como se ausentar, mandar um representante, etc. O mandamento, contudo, não diz em que tipo de lugar a reunião tem que ocorrer. Ele é genérico neste sentido. O local pode ser uma casa, uma praça, um prédio alugado, uma escola, etc. No aspecto genérico temos liberdade, mas naquilo que o mandamento é específico, participar da reunião, não há liberdade.

Exemplo 2: O Novo Testamento diz que a ceia deve ser celebrada com o pão sem fermento e com o fruto da videira. Isto é específico e exclui o genérico: carne, água, legumes, etc. Contudo, a forma de apresentar este pão e este cálice serão apresentados não é especificada: podemos colocar o pão em uma bandeja, em uma mesa, passá-lo de mão em mão. Esta forma de realização do mandamento não tem especificação: é livre.

Assim, aplicando o que aprendemos ao caso da música, temos: O Novo Testamento manda cantar (Cl 3.16). O mandamento específico exclui tocar instrumentos, bater palmas, dançar, etc. Este é o nível específico do mandamento: o sentido do verbo cantar, louvar ou falar. A forma, contudo, de cantar, não é especificada, e temos liberdade para cantar com hinários, cantar usando versículos da Bíblia, cantar em pé ou sentados, com um regente musical ou de modo espontâneo.

O instrumento musical não é um meio ou um mero expediente para o canto. Cantar e tocar constitui uma adição não requisitada, não autorizada e não necessária. Cantar com hinários ou sentados em bancos não adiciona nem altera a obediência ao mandamento: cantar.

5. Louvor cristão por consciência e unidade

Todos concordam com o cantar. Os instrumentos trazem polêmica e divisão. O canto vocal é aceitável a todos, mas o instrumental não: trata-se, para os que recusam, de questão de obediência ao seu Senhor e não apenas uma tradição ou um capricho estético.

Se tivéssemos direito aos instrumentos será que devemos insistir neste direito? Todos os textos do Novo Testamento, falando de assuntos que chamamos de “opiniões” ensinam a não permitir que opiniões dividam a igreja (Rm 14; 1Co 8-10). Ora, os instrumentos tem causado divisões nas igrejas: seria melhor não usar enquanto não há consenso entre todos.

6. Louvor cristão por pureza e prevenção

Os cristãos escolheram não usar instrumentos para serem espirituais. Isto os fez diferentes e assim tinham uma maior barreira entre eles e o mundo.

Hoje em dia, as igrejas de Cristo que tem introduzido instrumentos no culto tem sido assaltadas, logo depois por grupos evangélicos e por idéias religiosas divulgadas pela música. [O triste problema de nossos irmaos de Pará, Tocantins, Brasília e Goiás]

Não usar instrumentos por motivos sociológicos ajudaria muito a evitar males maiores.

Conclusão: ***O que os cristãos fizeram com a música?*** Resgataram-na dos filho deste mundo Caim e transformaram-na em um modo digno de louvar a Deus (Rm 12.1-2). **E nós? Vamos transformar-nos ou ser conformados?**

MÚSICA À MODA DA IGREJA

Um estudo sobre a necessidade da música exclusivamente vocal no louvor a Deus.

QUE OS CRISTÃOS FIZERAM COM A MÚSICA?

Estudo 03

A fórmula que os cristãos dos primeiros 600 anos de cristianismo estabeleceram e que foi utilizada tanto na Reforma como na Restauração e em muitas igrejas até o dia de hoje é a seguinte: Música “a capela” = “à moda da igreja” = “vocal”

O TESTEMUNHO DA HISTÓRIA

A história não é nossa autoridade e sim a Escritura. É interessante, contudo, notar que na história, o testemunho a favor da música vocal é antigo, diversificado e seguro.

→ O uso de música instrumental foi um dos desvios da Igreja Romana.

→ Até hoje, a Igreja Grega não usa música instrumental.

→ Os Reformadores foram contra os instrumentos, mas, como o passar dos anos, todas as igrejas reformadas e evangélicas adotaram o uso de instrumentos, bem como suas descendentes pentecostais e carismáticas.

→ Há ainda hoje alguns grupos que só usam música vocal e que não permitem música instrumental.

- O órgão moveu-se das cerimônias imperiais para a igreja, entre o sétimo e o décimo séculos.

- A reintrodução da música instrumental no louvor é paralela com a cada vez maior exclusão do povo do louvor, para centralizá-lo nos ‘clérigos’, como se faz hoje em dia. A chamada ‘equipe de louvor’, o ‘coro’, ou a ‘banda’ da igreja é que louva e é a dona do louvor. O resto é figurante, expectador ou segunda voz (para não dizer ‘voz de segunda’).

- Lutero fez o povo cantar e orar. Zwinglio tirou os órgãos e a música como um todo do culto. Calvino, retirou os instrumentos pois não são explicitamente mencionados no culto do NT.

Evidências históricas

- "A sinagoga ... desenvolveu um tipo de música exclusivamente vocal" (Everett Ferguson, **Encicl. do Cristianismo Primitivo**, p.630)
- "É verdade que a música *instrumental* para a adoração não é mencionada em o Novo Testamento. ... Além do mais, visto que os instrumentos eram usados apenas em conexão com as ofertas sacrificiais, eles não tinham lugar na adoração da sinagoga judaica." (D. P. Hustad, **Jubilate: A música na igreja**, p. 57)
- "Na igreja cristã primitiva havia, entretanto, um forte sentimento contra o uso de instrumentos no culto divino." (George W. Stewart, **Music in Church Worship**, London, Hodder & Stoughton, 1926, p. 214, citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p.89)
- "O desenvolvimento da música Ocidental foi decisivamente influenciado pela exclusão dos instrumentos musicais da igreja cristã primitiva." (Paul Henry Lang, **Music in Western Civilization**, New York, W. W. Norton, 1941, p. 54, citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p.89)
- "Os cristãos primitivos recusaram-se ter qualquer coisa a ve com a música instrumental que eles herdaram do mundo antigo. ... Em outras palavras, música foi destinada a estar ligada à linguagem por muitos bons séculos." (Theodore M. Finney, **History of Music**, rev. ed., New York, Harcourt, Brace & Co, 1947, p.43, citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p.90)
- "Na igreja cristão primitiva somente o canto foi permitido e não o tocar de instrumentos." [Tradução livre de Hugo Leichtentritt, **Music, History and Ideas**, Cambridge, Harvard Univesity Press, 1947, p. 34, citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p.90)
- "A comunidade cristã primitiva tinha o mesmo ponto de vista, como se pode conhecer pela literatura apostólica e pós-apostólica: muisa instrumental era totalmente inadequada para os cultos religiosos; as fontes cristãs são retumbantes em sua condenação às performaces instrumentais. Originalmente, somente canto foi considerado digno de ter acesso direto à Divindade." (Eric

Werner, "Music of Post-Biblical Judaism" in **The New Oxford History of Music**, Vol. I, ed. Egon Wellesz, London, Oxford University Press, 1957, p. 315 citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p.90)

- "Presumimos que a adoração cristã primitiva era estritamente vocal ... (D. P. Hustad, **Jubilate: A música na igreja**, p. 95)
- "Os pais da igreja primitiva proibiam o uso de música instrumental na adoração." (D. P. Hustad, **Jubilate: A música na igreja**, p. 109)
- "O critério geral dos primeiros patriarcas da igreja era frontalmente contrário ao uso de qualquer instrumento no templo (igreja)" (**Encicl. Católica**, "Órgão", Vol. V, pág. 1064.)
- "O uso do órgão nas igrejas é atribuído ao papa Vitalino (657-672 d.C.)". (Philip Schaff, **História da Igreja Cristã**, IV, pág. 439)
- "Uma forte oposição ao órgão no culto da igreja fez-se sentir, no sentido geral, até o século XII." (**Encicl. Católica** (inglesa), XI, pág. 300-301)
- "Os gregos (igreja ortodoxa grega) rejeitam órgãos e instrumentos musicais..." (**Encicl. Schaff-Herzog**, IV, pág. 51)
- João Calvino (fundador do presbiterianismo) "Instrumentos musicais na celebração dos louvores a Deus seriam igualmente apropriados como a queima de incenso, acender velas e a restauração das outras sombras da lei." (**Comentário** sobre o Sl 33).
- João Wesley (fundador do metodismo) "Não tenho qualquer objeção à instrumentos musicais em nossos templos, desde que não sejam ouvidos nem vistos." (**Comentário** de Adam Clarke, vol IV, pág. 686)
- Martinho Lutero (fundador do luteranismo) "chamou o órgão de insígnia de Baal." (**Encicl. McClintock e Strong**, "música" vol VI, pág. 762)
- Adam Clarke (distinto comentarista da Escritura, Metodista) "Sou homem velho e um ministro velho, e declaro que nunca soube de nenhum bem que eles (instrumentos de música) produzissem no louvor a Deus. Tenho tido motivo de acreditar que produziram

muito mal. A música, como ciência, eu estimo e admiro; mas instrumentos de música na casa de Deus eu abomino e detesto, Este é o abuso da música, e aqui registro meu protesto contra todas tais corrupções no louvor do Autor do cristianismo. (**Clarke's Commentary**, vol. 4, pág. 686)

- David Benedict (historiador batista) "Os antigos batistas leais em tempos passados prefeririam tolerar o Papa de Roma em seus púlpitos do que o órgão em suas galerias." (**Fifty Years Among The Baptists**, 1ª edição, 1858)
- Os instrumentos musicais foram introduzidos séculos depois: O primeiro foi introduzido pelo papa Vitalino, em 660-670 d.C. (com muita reclamação). Instrumentos realmente em uso, no culto, em 1290 por Mariano Sanatua.
- A Igreja Ortodoxa Grega não usa instrumentos até hoje!
- "Por quase mil anos o Canto Gregoriano, sem qualquer adição instrumental ou harmônica, foi a única música usada em conexão com a liturgia" (**Catholic Encyclopedia**, 1913 ed., s. v. "Musical" citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p.91)
- "Pio X em seu (escrito) *Motu proprio* sobre a música da igreja (22 de novembro de 1903) no parágrafo IV diz: 'Apesar da música própria da igreja ser música puramente vocal, música com acompanhamento de órgão é também permitida...' (Citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p. 91)
- Enciclopédia Católica , vol. X, pág. 651 - "Embora que Josefo falasse dos efeitos maravilhosos produzidos no templo (judeu) pelo uso do instrumento, os primeiros cristãos eram cuma fibra tão espiritual, que não substituíram um instrumento sem vida em lugar da voz humana, ou para acompanhar a voz"
- Clemente de Alexandria condenou severamente o uso de instrumentos. Seu texto, freqüentemente mal citado sobre a permissão do uso de harpas dizia respeito ao seu uso em refeições familiares e não refeições da igreja (Clem. Alex., **Pedagogo**, 2.4.43).
- "Toda a música cristã antiga era vocal: 'Nós precisamos um instrumento: a pacífica palavra de adoração, não harpas ou tambores, ou gaitas ou trombetas' disse S. Clemente de Alexandria cerca de 200 AD." (Curt Sachs, **Our Musical Heritage**, 2nd ed,

Englewood-Cliffs, Prentice-Hall, 1955, p. 43, citado por Rubel Shelly, **Sing his Praise!**, p. 90).

RESPOSTA A ERROS COMUNS

ERRO # 1 - “Os cristãos antigos não usavam instrumentos no culto por causa de sua baixíssima cultura”

Que boa parte dos cristãos era pobre é verdade, mas havia ricos. E os pobres não teriam acesso a instrumentos? Os ricos não providenciariam? Os escritores do NT citam todo tipo e espécie de música em seus escritos. Sua cultura musical não era tão baixa como alguns supõem. Na verdade, os estudos mais modernos da composição socioeconômica das igrejas primitivas está mais propenso a pensar que havia cristãos ricos. Não eram todos ricos, mas havia alguns, como Paulo já dizia (1Co 1.26).

ERRO # 2 - “Eles não usavam instrumentos por medo da perseguição.”

Se isto fosse verdadeiro os cristãos não cantariam. Se o medo da perseguição fosse tal, a igreja seria muda!

ERRO # 3 - “Os Salmos falam de instrumentos e a igreja usava os salmos”.

Os Salmos mencionam sacrifícios de animais (Sl 50), o sacerdócio araônico (Sl 132), incenso (Sl 141), o templo físico (Sl 65) e até sábados (Sl 92 - título). Tudo isto é passado, é a velha aliança que Jesus encravou na cruz (Efésios 2.15; Colossenses 2.14). Os antigos cristãos trataram os instrumentos dos Salmos de duas formas: (1) Aceitaram que eram coisas da Velha Aliança, não úteis para a igreja; (2) Alegorizaram os instrumentos, fazendo-os assemelhar-se às partes do corpo humano que louva a Deus.

ERRO # 4 - “Temos harpas sendo usadas no Apocalipse”.

Sim, são citados em Apocalipse 5.8-9; 14.2-3; 15.2-3, mas não como ordem ou exemplo para a igreja. O livro é simbólico e cita o incenso (Ap.5.8; 8.3-3), o altar de sacrifícios (Ap 6.9), vestes sacerdotais (Ap 6.11; 7.9), o templo judaico (Ap 11.1-2), a arca da aliança (Ap 11.19)

e outras cerimônias e artefatos de adoração do Velho Testamento. O livro é simbólico e não pode ser tomado literalmente, a não ser que o Novo Testamento assim o exija.

ERRO # 5 – “Esta assumo é matéria de escolha livre de cada grupo”.

Mas há mandamentos no Novo Testamento sobre a questão: a ordem é apenas cantar. Também é bom lembrar que a consciência não é um guia seguro para nossa vida espiritual. (Jz 21.25; Pv 14.12; etc). Fé vem pela palavra (Rm 10.17) e neste caso, não há liberdade, pois o Novo Testamento diz o que quer de nós: canto vocal!

ERRO # 6 – “Se não há lei, não há pecado”.

Alguns tentam dizer que “O que não é proibido é permitido”, sim, mas desde que não se choque com o que foi ordenado. Deus não proibiu o “Corbã”, mas rejeitou-o quando ele tomou o lugar dos seus mandamentos (Mc 7.9-13). Deus não pediu – Lv 10.1-2. É condenado oferecer a Deus, no culto, o que ele não pediu. Não há lei contra o terço, ou contra incenso, etc – nem por isto podem ser introduzidos.

ERRO # 7 – “O Novo Testamento nem sequer menciona o canto congregacional”.

Isto é uma cegueira bíblica e histórica. Os textos de Ef 5.19 e Cl 3.16 são claramente comunitários e congregacionais. Ef 5.14 era uma música cantada em comunidade, talvez nos batismos! Há quase que uma centana de fragmentos de cânticos espalhados pelo Novo Testamento.

ERRO # 8 – “O que vale é a intenção”.

Deus matou dois que fizeram o que ele não pediu (Lv 10.1-2). Deus condenou Moisés e Arão por causa de fazer as coisas ordenadas de um jeito contrário às suas ordens (Nm 20.8-12). Deus matou um “bem intencionado” que não obedeceu (2Sm 6.6-7 e 1Cr 13.9-10). Deus rejeita modificações em suas ordens (1Sm 15.1-19)

ERRO # 9 – “Mas nós usamos microfones, projetores, hinários e bancos que também não são ordenados no Novo Testamento”.

Estas coisas podem ser usadas pois na igreja pois cumprem o mandamento de ‘cantar’ e não o alteram para ‘tocar’ ou ‘dançar’. Elas não acrescentam, mas são modos específicos de cumprir o mandamento.

Os instrumentos musicais não são um modo específico de cumprir o mandamento de cantar, mas uma clara adição – uma outra ação paralela à primeira.

ERRO # 10 – “Se podemos usar instrumentos no lar , porque não usar na igreja?”

Mas o “lar” e a “igreja” são duas instituições distintas!

O que pode ocorrer é a prática da igreja interfere no que ocorre no lar. Na história da igreja, já no segundo século, os instrumentos foram banidos até dos lares, por não serem usados nas igreja.

Analisando a questão de outro modo, todos concordamos que se não é bom na igreja talvez não seja bom no lar.

Sem dúvida, contudo, o que se faz no lar não está liberado para ser feito na reunião da igreja. Em 1 Co 11 Paulo mostrou que as refeições pessoais deviam ser tomadas em casa, para diferencia-las da ceia do Senhor, tomada em conjunto com a igreja toda e lembrando de Jesus. O que se fazia em casa não podia se repetido na igreja!

A igreja se reunia em casas, mas não tinha comportamento de casa particular, mas de casa de Deus.

ERRO # 11 – “A palavra grega PSALLO em Ef 5.19 inclui o uso de instrumentos musicais”

Não é verdade.

A palavra PSALLO tem mudado de sentido na história e o uso cristão dela não incluía o instrumento musical.

A história da língua grega pode se dividida, a grosso modo, em 6 divisões:

1. Período Formativo - 1500-900 a.C.
2. Período Arcaico - 900-500 a.C.
3. Período Clássico - 500-300 a.C.
4. Período Koinê - 300 a.C.– 300 d.C. → NT
5. Período Bizantino - 300-1453 d.C
6. Período Moderno - de 1453 até hoje.

Como marcamos no gráfico o Novo Testamento foi escrito durante o período de maior divulgação do Grego, na forma do chamado Grego Koinê.

Isto contribui para entender como PSALLO era entendido:

➔ No período Clássico, PSALLO = 'tocar'

➔ No período Bizantino, PSALLO = 'louvar'

E... no meio destes dois períodos está o Koinê e o Novo Testamento!!

PSALLO, ocorre apenas em Rm 15.9, 1Co 14.15 (duas vezes), Ef 5.19 e Tg 5.19. Em todos estes contextos, não há indicação de instrumento a ser tocado, a não ser em Efésios 5.19, onde o instrumento citado é "o coração".

De fato, a melhor e mais moderna ciência do estudo dos vocábulos gregos, a lexicografia do grego Koinê, o grego com o qual o Novo Testamento foi escrito, tem chegado à firme conclusão que PSALLO significa louvor vocal e não instrumental, pois este era o sentido do termo entre os judeus de fala grega e entre a igreja cristã.

Há anos atrás, o melhor dicionário do grego do Novo Testamento cometeu o erro de dizer que PSALLO podia incluir música instrumental. Uma vez constatado o erro, a última edição desta obra corrigiu-se e retirou a afirmação que PSALLO, no Novo Testamento, pudesse significar "tocar harpa". Esta correção é importante no reconhecimento que a música cantada pelos antigos cristãos era estritamente vocal.

O verbo PSALLO, na literatura pagã e antiga, e até durante o período Koinê, podia incluir o sentido de "tocar harpa", mas no Novo Testamento, quando se quer falar de alguém tocando harpa, outras expressões são usadas: harpa = KITHARA; tocar harpa = KITHARIZO; e tocador de harpa = KITHARODOS. Nunca PSALLO é usado para designar o tocar harpa no Novo Testamento.

Os sinônimos e assemelhados a PSALLO, no Novo Testamento são: (i) PSALMOS, da mesma raiz e também os sinônimos (ii) ADO, (iii) ODE, (iv) HYNEO e HYMNOS. Todos estes termos tem falas da letra da música e não de instrumentos.

Os termos pagãos mais comuns para música religiosa não ocorrem no NT.

- A Epístola de “Barnabé” 6.16, do Segundo Século usa o verbo PSALLO em substituição ao verbo HYMNEO (Sl 22.22 na LXX = 21.23; Hb 2.12), para falar da música que “confessa” a Deus.
- Justino Mártir no meio do Segundo Século, no Diálogo com Trifo 74.3 usa PSALLO como sinônimo de HYMNEO (v. tb. 29.2).
- Melito de Sardes (~180 AD), na sua Homilia sobre a Páscoa (80), usa PSALLO para falar dos cânticos dos judeus, que eram vocais.
- Clemente de Alexandria (~200 AD) muitas vezes mostra PSALLO como música vocal. Em uma única passagem que fala de PSALLO acompanhado de cítara ou lira, ele tem que mencionar estes instrumentos e ele os permite só nos banquetes e não na igreja (Pedagogo, 2.4.43.3).
- Orígenes também usa como sinônimos os termos PSALLO, e os outros termos de música vocal da igreja.

Embora alguns dicionaristas tentem dizer que o sentido de Efésios 5.19 seja “tocar harpa”, eles tem que reconhecer sete grandes dificuldades:

1. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então todos na igreja devem tocar, pois o texto fala de um mandamento para todos os discípulos de Cristo e não só para o “conjunto musical” da igreja.
2. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então temos que sempre ter o instrumento para poder louvar conforme o mandamento e o canto somente vocal não é aceitável.
3. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então o único instrumento autorizado para uso moderno é a harpa. (Poucas igrejas usam harpas!).
4. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então porque a vasta maioria das versões não introduz esta idéia na tradução. As maiores e mais eruditas versões não introduzem a idéia de instrumento. As poucas que o fazem geralmente são versões muito particulares. No livro **The New Testament from 26 versions**, somente duas versões, que não são importantes ou altamente divulgadas, introduziram em Ef 5.19 a idéia de instrumento musical. Todas as outras 24, com as mais importantes e eruditas versões americanas e inglesas não aceitaram a idéia de traduzir psallo como “tocar instrumento”. Seria 24 contra 2. E estas duas são versões “pouco importantes”. Em português, a

situação é similar: das 18 grandes versões somente uma introduz a idéia de instrumento. Em português temos 17 contra 1.

5. Se PSALLO significar “tocar harpa”, então como explicar a omissão dos instrumentos até o século sétimo ou décimo?

6. Se PSALLO significar “tocar harpa”, porque a Igreja Ortodoxa Grega, que fala grego desde o tempo dos apóstolos não entende o termo desta forma? Como e porque eles excluíram os instrumentos do culto?

7. Se PSALLO significar “tocar harpa”, será que a palavra não poderia estar sendo usada em sentido figurado e ao invés de tocar “harpa” o instrumento a ser tocado não seria o “coração”?

Na verdade, PSALLO significa louvar e se há uma instrumento inferido no contexto, este é o coração: “salmodiando de coração” (Ef 5.19). É para cantar com o coração e não com uma harpa material!

A melhor e honesta lexicografia do Novo Testamento indica claramente que a igreja de Jesus “cantava louvores” e não “tocava instrumentos” de qualquer natureza.

MAIS EVIDÊNCIAS

Várias obras reconhecem que PSALLO, no NT, não refere a instrumentos, mas ao canto vocal..

OBRA	PSALLO, NT
Bauer-Arndt-Gingrich-Danker, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature , 2nd. ed.	cantar, cantar louvores
Barclay M. Newman Jr, A Concise Greek-English Lexicon of the New Testament.	cantar, cantar um hino de louvor, cantar louvores
C. G. Wilke and S. L. Wilibald Grimm, Greek-English Lexicon of the New Testament, trans. Joseph Henry Thayer	cantar um hino, celebrar louvores a Deus em canção
E. A. Sophocles, Greek and English Lexicon of the Roman and Byzantine Periods	cantar [cantoção], cantar um hino

	religioso
James Hope Moulton and George Milligan, Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources	cantar um hino
Thomas Sheldon Green, A Greek-English Lexicon to the New Testament	cantar louvores
Harold K. Moulton, The Analytical Greek Lexicon	cantar louvores
G. Abbott-Smith, A Manual Greek Lexicon of the New Testament	cantar um hino, cantar louvores
F. Wilbur Gingrich, Frederick W. Danker, Léxico do Novo Testamento Grego/Português, trad. Júlio P. T. Zabatiero	cantar, cantar louvores
Timothy & Bárbara Friberg, Analytical Lexicon to the Greek New Testament	cantar louvores
W. C. Taylor, Dicionário do Novo Testamento Grego	canto louvores, canto salmos
G. Kittel & G. Friedrich, Theological Dictionary of the New Testament [vários verbetes]	a idéia de todos os verbetes para o NT é de música vocal: "cantar"
C. Brown, Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento	cantar (um hino ou louvor)
Carlo Rusconi, Dicionário do Grego do Novo Testamento	cantar um hino
Sakae Kubo, A Reader's Greek-English Lexicom of the NT...	(Ef 5.19) cantar, cantar louvor.
W. C. Taylor, Dicionário do Novo Testamento Grego	canto louvores, canto salmos

Quando mostramos isto, reconhecemos que entre os pagãos por alguns séculos, ainda se usava PSALLO no sentido instrumental, pois o uso vocal é judaico-cristão.

Contudo, nossa literatura é judaico-cristã e o contexto é que define o sentido das palavras.

O sentido dos termos no grego clássico não podem ser forçados ao sentido do Novo Testamento e nem os sentidos do Novo Testamento podem ser forçados para o período clássico.

Um exemplo disto é o termo grego HAMARTIA. Seu uso clássico e na tragédia não tem o sentido judaico-cristão de “pecado”. HAMARTIA, na literatura clássica, e sobretudo na tragédia grega, é um “erro de cálculo”, “uma falha”, “um erro sem culpa”. Tentar levar este sentido ao Novo Testamento seria um desastre; da mesma forma tentar traduzir HAMARTIA como “pecado” nas tragédias gregas é transferir para a Grécia clássica um conceito cristão posterior.

As palavras mudam de sentido conforme o contexto e a época. A língua grega não ficou estática. PSALLO, que no passado (grego clássico) podia significar tocar uma harpa, chegou hoje a significar (no grego bizantino e moderno) canto religioso estritamente vocal. O Novo Testamento e o grego koinê, no qual ele foi escrito, testemunham esta mudança de sentido, mostrando que foi a igreja e seu uso exclusivo de música vocal que privilegiou um dos sentidos da palavra, fazendo com que ela perdesse seus outros usos antigos.

Sem dúvida, haverá pessoas que citarão algum léxico em defesa de uma definição equivocada de PSALLO que justifique a prática moderna e generalizada de usar instrumentos musicais na igreja. Deve-se, contudo, lembrar que não seria incomum o fato de um lexicógrafo cometer seus erros ou querer defender uma prática eclesial posterior. O Novo Testamento, contudo, quando consultado, não permite tal defesa da música instrumental.

PSALLO no Novo Testamento significa cantar louvores, simplesmente, música vocal.

Conclusão:

Não troquemos nosso direito de primogenitura por uma sopa de lentilhas!!! Nós estamos certos em louvar a Deus com nossas bocas e corações!!!!

MÚSICA À MODA DA IGREJA

Um estudo sobre a necessidade da música exclusivamente vocal no louvor a Deus.

QUAIS SÃO OS VERDADEIROS PROBLEMAS?

Estudo 04

Por incrível que pareça, nosso atual problema que tem levado alguns aos instrumentos musicais no culto a Deus não são os textos bíblicos.

1. Ignorância e falta de atenção.

A maioria das igrejas nunca pensou se os instrumentos musicais deveriam ser usados no louvor. Isto já estava lá antes deles chegaram e continuará lá depois deles. “Eu nasci assim e vou morrer assim!” Embora não seja um bom lema religiosos ou até mesmo social, é o que se pratica.

Ninguém pensou; ninguém examinou; ninguém perguntou.

Dentro de nossa fraternidade, a maioria pensa que a ausência de instrumento é devida a costume, falta de dinheiro, tradição ou gosto particular. Não se pensa se há fundamento bíblico para a prática do canto vocal.

2. Pragmatismo.

Pragmatismo é o modo de pensar que avalia as coisas pelo seu funcionamento, pela sua “praxis”. Se funciona é certo e bom. Se não funciona é errado e ruim.

Cristãos de verdade não podem ser pragmatistas. Podem, em certos momentos, ser pragmáticos, isto é, práticos, mas nunca pragmatistas.

O pragmatismo segue, não a vontade de Deus, mas o que dá certo. O que dá certo, nem sempre é a vontade de Deus. Gamaliel foi pragmático em seu conselho: “Se é de homens, vai morrer, se é de Deus, vai ficar!” É um conselho aparentemente verdadeiro, mas não na prática humana. Há muitas coisas que persistem e que não são destruídas, e que não são verdadeiras. As idéias falsas, o ateísmo, as religiões falsas parecem crescer mais que a verdade. Parece que há mais gente no caminho largo do que no caminho estreito (Mt 7.13-14).

Cristãos de verdade não podem ser pragmatistas.

Mas um dos principais motivos para ter instrumentos musicais na igreja é “porque funciona!” Atrai povo, agrada o público, todos estão fazendo isto, etc... Há uma enorme indústria da música evangélica. Ela é mais forte que a indústria do livro evangélico em muitos aspectos.

O movimento chamado *Crescimento da Igreja* manda obter resultados, fazendo tudo o que for possível. Um ponto é tentar atingir grupos homogêneos. Segundo eles, não adianta lutar contra esta homogeneidade. A igreja tem que vestir a camisa da cultura humana circundante e passar o que for possível de sua mensagem.

Eles não perguntam: “Nossos filhos terão fé?” Eles querem responder à pergunta: “Nossa fé terá filhos?”, ou seja, eles se preocupam com o crescimento e não com o conteúdo da fé.

As igrejas que mais crescem são as que se especializaram em descobrir o que as pessoas querem e oferecer este produto. É marketing! Não pensam em mudar o homem – pensam em atendê-lo. Não se prega arrependimento, mas, sim, vitória. Não se prega transformação mas, sim, boa impressão.

Assim, o instrumento musical entra, pois faz parte da cultura.

3. Cultura do entretenimento.

A indústria do entretenimento tomou conta do mundo moderno. O volume de tecnologia que é dirigida para eles é sem precedentes. Nunca a humanidade deu tanta atenção ao lazer – ao fazer nada!

Agora, o culto cristão tem que concorrer com os outros “shows” do mercado. O modo que as igrejas resolveram fazer isto é oferecendo um “show religioso”. Isto é pragmatismo.

Se observarmos no Brasil o que fazem as igrejas neo-pentecostais e os movimentos carismáticos romanos, veremos que é uma versão religiosa de um show. O culto tem que ser atrativo e agradável. As pessoas tem que gostar. Será que Deus gosta?

4. Ser igual aos outros.

Para competir, temos que ser como eles. Foi assim que Israel rejeitou seu Rei (1Sm 8.20), querendo ser igual às outras nações. Eles foram

chamados para ser santos, ou seja, diferentes, mas preferiam ser iguais!

Um dos motivos para o uso é ser igual. Fazer o que todo mundo está fazendo.

5. Irrracionalidade e simplismo.

Há quem não queira pensar e que simplifica as questões teológicas por não entender o alcance das mesmas.

A questão da música instrumental é vista por alguns, como um “legalismo” moderno, uma tentativa de “coar mosquito”.

Na verdade, esta irracionalidade e simplismo fez com que os troianos levassem o cavalo de Tróia pra dentro de sua cidade. A música instrumental está destruindo as igrejas evangélicas. Já destruiu as igrejas de Cristo que não se acutelaram dela. Infelizmente irá destruir igrejas que, hoje, acham tudo isto muito complicado ou muito detalhado.

6. Desejo de exercer domínio.

Infelizmente, há desejo de poder por trás do “louvor”. Os cantores e as bandas musicais, sabendo de seu poder de influência, não querem perder lugar e poder. Hoje, o povo evangélico e católico que vai a uma reunião não pergunta: “Qual o tema dos estudos?” mas pergunta “Quem vai cantar?” ou “Quem vai dirigir o louvor?”

Em muitas igrejas modernas, o salário mais alto não é mais o do pregador ou de algum ministro de ensino, mas do chamado “ministro de louvor”. A princípio, não há nada de negativo nisto, mas, observando uma segunda vez, parece que os artistas estão sendo mais bem pagos que os professores. No Brasil, conhecemos esta tragédia!!!!

Aqueus, Filisteus e Davi: uma ilustração sobre a música na igreja.⁷

O que há em comum entre Davi e os filisteus? Como um estudo sobre os povos da antiguidade pode nos ajudar na igreja de Deus hoje em dia? Esperamos que este artigo mostre não somente a aproximação cultural dos mundos dos hebreus e dos gregos antigos, mas também nos ajude a ver hoje em dia fenômenos semelhantes de aproximação entre culturas que não deviam ter nada em comum.

O ANTIGO TESTAMENTO E A ILÍADA

Quando lemos o Antigo Testamento, muitas vezes isolamos esta leitura de outras literaturas que descrevem o período. Contudo, a Ilíada, de Homero, descreve um tempo e uma guerra cuja ambientação cultural é muito próxima da ambientação e das guerras dos filisteus com o povo de Israel no fim do período dos juízes e no início da monarquia israelita. A cidade fenícia de Sidom é citada na Ilíada (Il. 6.290) – o mundo antigo também era pequeno.⁸

A guerra de Tróia, imortalizada nas canções de Homero, deve ter ocorrido pouco antes do ano 1000 antes de Cristo (Século XI a.C.). Cronologias equivocadas a deslocam para tempos anteriores (Séculos XIII e XII antes de Cristo), devido à aproximação destes gregos com os “Povos do Mar” que, segundo estas cronologias, estiveram agindo nestas épocas.

Os “Povos do Mar” poderiam ser tanto ‘troianos’ foragidos da guerra, como também os ‘aqueus’ e seus aliados, que saindo da guerra, voltaram a saquear tudo o que encontraram no Mediterrâneo.

De acordo com os trabalhos de Ted T. Stewart⁹, as atuais cronologias do antigo oriente precisam ser corrigidas em cerca de 300 anos, de forma que o tempo de Samuel, Saul e Davi, é quase contemporâneo das guerras de Tróia e do avanço dos filisteus.

Temos, contudo, que reconhecer uma diferença de tempo entre a guerra de Tróia e as guerras dos filisteus na Palestina. A guerra de Tróia é travada com armas de bronze, mas os filisteus no tempo dos juízes, detêm a recente tecnologia do ferro e a monopolizam.

Esta novidade tecnológica, não usada na guerra de Tróia, onde todas as armas são de bronze, mostra que os eventos da Ilíada são um pouco anteriores aos dos livros de Juízes e Samuel. Por outro lado, é bom lembrar que, mesmo com o desenvolvimento da tecnologia do Ferro, o uso de armas de ferro para todos os soldados do exército, e não apenas para os oficiais e os nobres foi uma façanha realizada apenas pelos assírios. Nisto se vê a demora da popularização de uma importante tecnologia nos tempos antigos.

⁷ Este artigo foi publicado, de modo resumido, na **Revista Edificação**.

⁸ Veja, por exemplo, Cyrus Gordon and Gary A. Rendsburg, **The Bible and the Ancient Near East**, New York, Norton, 1997.

⁹ Ted T. Stewart, **Solving the Exodus Mystery**, (vol.1), Lubbock, Biblemart.Com, 2003

Há interessantes paralelos entre as guerras de Israel e Filisteus e dos Gregos e Troianos. Os combates singulares, como de Aquiles e Heitor, são similares aos combates de Davi e Golias. Tanto na Ilíada, como nos tempos bíblicos dos juízes e da monarquia, um herói pode chorar audível e copiosamente, sem que isto cause qualquer embaraço. Ambas são culturas de vergonha e honra, de modo que homem preferem morrer pela espada de um amigo do que morrer pela espada de um inimigo (Saul não quer morrer pela mão dos filisteus!). Os paralelos culturais poderiam ser multiplicados. Contudo, um paralelo religioso específico será desenvolvido abaixo neste artigo.

OS AQUEUS E A DEVOLUÇÃO DA FILHA DO SACERDOTE DE APOLO

No canto primeiro da Ilíada, toda a trama do poema se inicia por causa da necessidade de devolver uma presa de guerra. A presa era Criseis, a filha do sacerdote de Apolo. Este, apresentara-se como suplicante, diante do grande comandante dos Aqueus, Agamenão, pedindo que este libertasse sua filha. Como ele recusasse fazer isto com grande truculência, o sacerdote orou a Apolo para que o vingasse. Apolo, então, mandou uma praga que só podia ser resolvida com a devolução da filha do sacerdote com honras, ao seu pai.

Assim, os gregos devolveram a filha do sacerdote de Apolo seguindo a sequência e o ritual abaixo. Os números referem-se aos versos do canto I da Ilíada, atribuída a Homero.

1. Os Aqueus capturam a filha do Sacerdote de Apolo (10ss)
2. Apolo lança suas flechas com uma praga sobre os Aqueus (10, 44ss)
3. Uma assembléia de tropas e chefes é convocada (54ss)
4. Os aqueus chamam por um profeta ao sacerdote ou intérpretes de sonhos (64ss)
5. Eles determinam que a filha deve ser devolvida com “santas oferendas” (92ss)
6. Apolo é aqui chamado Smintheus, o deus rato (39)
7. Os bois para a oferenda são colocados em um barco porque o sacerdote vive em uma ilha (308-10)
8. Um chefe e um grupo seletos é escolhido para acompanhar a moça (114ss, 309ss)
9. Na chegada, o boi é sacrificado (446ss)

Privilegiamos estes nove itens da narrativa, pois eles apresentarão paralelos com o caso dos filisteus, que narraremos em seguida.

OS FILISTEUS E A DEVOLUÇÃO DA ARCA DE YAHWEH

Os filisteus, como “Povos do Mar” estão relacionados de muitas maneiras com os Aqueus. Embora possamos mostrar diferenças entre eles, não se pode deixar de notar um certo paralelo entre as culturas aqueia e filisteia.

O uso de armaduras, duelistas, carros de guerra, a organização de uma Pentápolis (confederação de cidades) e uma série de outras coisas mostram certos paralelos culturais entre estes povos.

Contudo, a narrativa da tomada da arca da Aliança dos Israelitas pelos Filisteus e sua posterior devolução tem paralelos com a situação descrita anteriormente na *Ilíada*.

Note que não estou comparando Yahweh, o Deus verdadeiro, com Apolo, um deus de mentira. Estou contudo, comparando a superstição dos filisteus e a superstição dos aqueus diante das divindades que favoreciam seus inimigos.

Os filisteus haviam tomado a arca, mas começaram a ter pragas em seu meio. Resolveram devolver a arca, com donativos de honra. O paralelo entre a situação dos filisteus com a dos aqueus pode ser vista abaixo, na tabela 1.

Tabela nº1 - A Praga sobre os Filisteus e a Praga sobre os Aqueus¹⁰

1Sm 4-6	Ilíada I
1. Os filisteus capturam a arca como troféu (5.1ss)	1. Os Aqueus capturam a filha do Sacerdote de Apolo (10ss)
2. Yahweh envia uma praga mortal sobre os filisteus como penalidade (5.6,9,11-12).	2. Apolo lança suas flechas as com uma praga sobre os Aqueus (10, 44ss)
3. Uma assembléia do povo e dos chefes é convocada em cada idade (5.7-8;10-11)	3. Uma assembléia de tropas e chefes é convocada (54ss)
4. Os filisteus chamam os sacerdotes adivinhos (6.2)	4. Os aqueus chamam por um profeta ao sacerdote ou intérpretes de sonhos (64ss)
5. Eles determinam que a arca deve ser devolvida com "oferendas de culpa" (6.3ss)	5. Eles determinam que a filha deve ser devolvida com "santas oferendas" (92ss)
6. Modelos de ouro são feitos dos ratos e dos tumores (6.4ss)	6. Apolo é aqui chamado Smintheus, o deus rato (39)
7. O carro de bois (vacas), levando a arca e as oferendas é levada pela terra dos inimigos (6.7-12)	7. Os bois para a oferenda são colocados em um barco porque o sacerdote vive em uma ilha (308-10)
8. Os chefes filisteus seguem a arca (6.12-16)	8. Um chefe e um grupo seleta é escolhido para acompanhar a moça (114ss, 309ss)
9. Na chegada, os bois são sacrificados (6.14ss)	9. Na chegada, o boi é sacrificado (446ss)

Vemos que o modo como os filisteus devolveram a arca da aliança aos Israelitas é muito parecido como modo como os aqueus devolveram a sacerdotiza de Apolo. De fato, nem todos os pontos da tabela comparativa acima tem o mesmo valor, mas o fato é que há um paralelo muito significativo.

¹⁰ Devo esta tabela e suas idéias a Neal Bierling, **Giving Goliath His Due**, Grand Rapids, Eerdemans, 1992, pág. 71-72. Fiz apenas pequenas adaptações na tabela.

Este modo de ‘devolver’ o que era do outro deus, com dons e sacrifícios fazia parte da cultura religiosa e supersticiosa dos povos do mundo antigo.

O TRANSPORTE DA ARCA AO ESTILO FILISTEU (E AQUEU)

Observando agora como Davi conduziu a arca da aliança para Jerusalém, na sua primeira tentativa de fazê-lo, mais paralelos interessantes vão surgir. Veja a tabela 2.

Tabela nº 2 – O transporte da arca ao estilo Filisteu e Aqueu

1Sm 4-6	2Sm 6.1-11
<ol style="list-style-type: none"> 1. Os filisteus capturam a arca como troféu (5.1ss) 2. Yahweh envia uma praga mortal sobre os filisteus como penalidade (5.6,9,11-12). 3. Uma assembleia do povo e dos chefes é convocada em cada idade (5.7-8;10-11) 4. Os filisteus chamam os sacerdotes adivinhos (6.2) 5. Eles determinam que a arca deve ser devolvida com “oferendas de culpa” (6.3ss) 6. Modelos de ouro são feitos dos ratos e dos tumores (6.4ss) 7. O carro de bois (vacas), levando a arca e as oferendas é levada pela terra dos inimigos (6.7-12) 8. Os chefes filisteus seguem a arca (6.12-16) 9. Na chegada, os bois são sacrificados (6.14ss) 	<p style="text-align: center;"><i>(1Cr 13.5-14 e 15.25-29)</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Davi estava com um grande exército (1-2) 2. 3. Decisão conjunta de levar a arca para Jerusalém (2) 4. [Não consultaram Deus!] 5. [Festa entre o povo] 6. 7. Um carro de bois leva a arca (3, 6) 8. Homens selecionados levam o carro de bois (4, 7) 9. <i>Não houve chegada, pois Deus matou Uzá! (7)</i>

O ponto desta comparação é notar que o método de Davi de levar a arca não era o determinado pelo Velho Testamento, mas um método ‘filisteu’ – um método pagão. O método ‘bíblico’ de transporte era através das argolas metálicas, nas extremidades da arca. Através dela, varais de madeira seriam atravessados e os sacerdotes transporariam a arca sobre seus ombros, sem tocar nela (Ex 37.1-9).

Por que Davi teria utilizado este método filisteu? Lembre-se que Davi viveu muitos anos escondido de Saul entre os filisteus. Nestes anos, sem perceber, ‘aprendeu’ várias coisas dos filisteus: técnicas de guerra, princípios administrativos e também, infelizmente, práticas religiosas. Davi nunca adorou os deuses filisteus, mas aprendeu o jeito filisteu de transportar coisas sagradas.

Sempre notamos que Uzá morreu por ter tocado a arca que estava para cair no chão, mas poucos notam o fato que todo o método de transporte da arca estava não apenas incorreto, mas era uma 'adaptação' do método pagão de carregar seus ídolos e objetos consagrados aos deuses.

Por causa disto, o que era para ser uma festa, transformou-se em um funeral e Davi, por um tempo, desistiu de levar a arca para Jerusalém.

O TRANSPORTE DA ARCA AO ESTILO BÍBLICO

Após a malfadada experiência de transporte da arca o estilo "filisteu", Davi resolveu transportar a arca do jeito certo. Consultou os sacerdotes e levitas, para ver qual era a vontade de Deus e para que ela fosse feita. Os sacerdotes levaram a arca pessoalmente, por meio das argolas de sustentação da arca. Ninguém teve que tocar na arca. Bois e carneiros foram sacrificados em honra a Deus, no trajeto da arca. No fim, tudo deu certo e acabou numa grande festa do povo de Jerusalém (2Sm 6.12-19; 1Cr 16.1-15).

A batalha das disposições divinas para o culto contra as disposições pagãs para o culto foi travada por todo o Velho Testamento. Os profetas de Deus sempre aconselhavam os reis para procederem de acordo com a lei, observando as leis divinas de culto e de ritual.

Neste caso a luta era quase imperceptível mas existia. Era a luta entre os instrumentos de transporte pagãos contra o transporte pelo corpo humano dos sacerdotes. Deus queria corpos humanos, de sacerdotes, levando sua arca. Não queria meros instrumentos materiais, por mais luxuosos que fossem, conduzindo o símbolo de sua presença entre seu povo.

MÚSICA DA IGREJA AO ESTILO BÍBLICO

O alvo deste estudo histórico não era apenas amplificar o erro de Davi, mostrando que ele estava paganizando o transporte da arca, mas mostrar pelo menos um paralelo moderno do problema de paganização do culto.

A música da igreja, conforme o Novo Testamento, sempre foi vocal, ou seja, *acapela*. Isto quer dizer que a igreja antiga não usava instrumentos musicais em seu louvor a Deus.

Deus queria lábios, corações e mentes que o louvassem (Hb 13.15; Ef 5.19; 1Co 14.15) – ele queria corpos e almas humanas que 'carregassem' o seu louvor. Por outro lado, o paganismo da época do início da igreja usava instrumentos musicais para o louvor dos deuses. O culto do templo era feito com instrumentos musicais. Embora isto fosse aprovado por Deus na Velha Aliança, os cristãos rejeitaram esta música instrumental e o culto do judaísmo como "outra religião pagã" (veja que Gl 4.8-11 descreve o judaísmo como paganismo!).

A Igreja Ortodoxa Grega, que mantêm por séculos a música estritamente vocal no louvor a Deus, tem esta postura por crer na "doutrina da ressurreição"! Alguém perguntará: "O que a ressurreição tem a ver com a música da igreja?" Eles diriam que tem tudo a ver! Assim, como somos batizados (imersos) com nossos corpos e

assim como a promessa bíblica é a de uma ressurreição de nossos corpos (embora glorificados), assim também Deus quer que aquilo que vai ser ressurreto (isto é: nossas bocas, cordas vocais, sistema fonador) louve a Deus! Ele não quer louvor de uma coisa sem alma, sem espírito e que não vai ressurgir dos mortos. Ele quer louvor de nosso corpo de carne que será glorificado e imortalizado na ressurreição.

Assim como queria homens de carne e osso carregando sua arca usando apenas seus corpos, ele quer homens e mulheres de carne e osso levando o louvor a Deus usando apenas seu corpo.

Portanto, apelo para que não louvemos a Deus ao estilo “filisteu” ou ao estilo “aqueu”. Louve a Deus ‘carregando’ o louvor, não em um ‘carro de bois’, ou seja, em um instrumento, mas, como sacerdote de Deus, ‘carregue’ o louvor com seu corpo, mente, coração e espírito – naquilo que o ser humano é e que instrumento nenhum pode ser.

No Novo Testamento, o único “ instrumento” [se quisermos chamar assim] que pode ser usado no louvor musical a Deus é o coração (Ef 5.19)!

MINHAS ANOTAÇÕES DO LIVRO

Xabier Basurko,

O canto cristão na tradição primitiva

São Paulo, Paulus, 2005

Álvaro César Pestana – 2013

Apresentarei os textos do livro de Basurko, quase sem comentários. Meu objetivo é aproveitar a riqueza de citações dos pais antigos. Quem quiser as citações originais da obra, pode buscar nas notas de rodapé da obra original.

A clara e lúcida defesa da música vocal na igreja antiga transparece em todo o texto, do começo ao fim.

(i) Vários autores mostram que o canto vocal era parte integrante do culto cristão desde os primórdios – [observe a total ausência dos instrumentos musicais nestas citações dos antigos - ACP].

Eusébio de Cesaréia, comentando o salmo 65, 7-9: “Através do orbe do universo, em todas as igrejas de Deus, tanto em meio às cidades como nas vilas e povoados dos campos, os povos de Cristo, reunidos de todas as gentes, cantam hinos e salmos ao único Deus anunciado pelos profetas, em alta voz, de tal forma que o som deste canto pode ser escutado até por aqueles que estão fora do templo”.¹¹

Santo Ambrósio diz: “Jovens e anciãos, homens e mulheres, escravos e imperadores, unidos numa só voz entoam com idêntico prazer e entusiasmo o canto dos salmos” (*Expl. In Ps 1,9*).¹²

Nicetas de Remesiana fala dos cânticos cristãos: “Nesses cantos se encontra elaborado com doce prazer tudo o que ordenam a Lei, os Profetas e até mesmo os Evangelhos. Deus

¹¹ BASURKO, Xabier. **O Canto Cristão na tradição primitiva**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 7, 31.

¹² BASURKO, 2005, p. 8.

se dá a conhecer, os ídolos são ridicularizados, a fé é confirmada, a infidelidade é rechaçada, a justiça é recomendada, a iniquidade é proibida, a misericórdia é louvada, a crueldade é abominada; exige-se a verdade, condena-se a mentira; o dolo é acusado, a inocência é elogiada; a soberba é humilhada, a humildade é exaltada; prega-se a paciência, promove-se a paz; suplica-se proteção contra os inimigos, seu castigo é prometido; a esperança certa é alimentada, e o que é muito mais importante que em tudo isso se cantam os mistérios de Cristo. Pois é narrada a sua encarnação, o abandono do povo ímpio e a herança dos gentios; os milagres de Cristo são cantados, sua venerável paixão é reverenciada, sua gloriosa ressurreição é louvada, assim como sua ascensão à direita do Pai. Também é manifestada a vinda gloriosa do Senhor pelo fogo e o terrível juízo dos vivos e dos mortos. – Que mais? – Revela-se também o envio do Espírito criador e a renovação da terra: depois de tudo isso virá a glória do Senhor, o reino eterno dos justos e o eterno suplício dos ímpios” (*De utilitate hymnorum*, 6).¹³

(ii) Outro aspecto ressaltado pelos antigos é o fato que o canto e música exprimem mais suavemente a oração.

Santo Agostinho, comentando o salmo 132, afirma: “Este salmo é breve, mas muito conhecido e citado: ‘como é bom, como é suave os irmãos viverem juntos bem unidos!’ Tão doce é essa melodia, que até os que não conhecem o saltério costumam cantar este verso. Tão doce como o amor que faz viverem juntos os irmãos. Estas palavras do saltério, este suave som, esta doce melodia tanto para o canto como para o entendimento, deu origem aos mosteiros...” (*Enarr. In Ps. 132,1-2*).¹⁴

(iii) Além do mais, o canto e a música favorecem a unanimidade dos participantes, pois todos são iguais. Veja

¹³ BASURKO, 2005, p. 8.

¹⁴ BASURKO, 2005, p. 8-9.

que os instrumentos musicais normalmente destroem esta unidade, igualdade e unanimidade – eles se tornam os “donos do louvor”.

Gregório de Nissa diz: “A palavra que ressoava durante toda a noite em nossos ouvidos por meio de salmos, hinos e cânticos espirituais era como um rio de alegria que penetrava pelos ouvidos da alma e nos enchia de consoladora esperança” (*In Christi resurrectionem, oratio 4*).¹⁵

(iv) O canto e a música manifestam o mistério da igreja – corpo místico de Cristo – e da liturgia.

João Crisóstomo: “Quando cantamos em nosso meio um salmo, as vozes mais diversas se reúnem formando um canto harmonioso: jovens e velhos, ricos e pobres, mulheres e homens, escravos e livres, somos levados pela mesma melodia. Se um músico, fazendo soar com arte as diversas cordas de sua cítara, compõe com elas um só canto, apesar de serem muitos os sons, não é de admirar que nossos salmos e cânticos tenham este mesmo poder!?... Aqui não há escravo nem livre, rico ou pobre, príncipe ou súdito; longe de nós estas desigualdades sociais, formamos todos um só coro, todos participamos destes santos cânticos e a terra imita o céu. Tal é a nobreza da Igreja. E não se dirá que o patrão canta com segurança e que o servo tem a boca fechada; que o rico faz uso de sua língua e o pobre não; que, por fim, o homem tem direito de cantar e a mulher deve ficar em completo silêncio. Revestidos de uma mesma honra, oferecemos todos um comum sacrifício, uma comum oblação; um não tem mais que o outro, não existe nenhuma distinção, nenhuma diferença; todos nós temos a mesma honra, repito, uma só voz se eleva de distintas línguas ao Criador do universo” (*De studio praesentium, homilia*).¹⁶

¹⁵ BASURKO, 2005, p. 9.

¹⁶ BASURKO, 2005, p. 9-10.

(v) O canto e música prefiguram a eterna liturgia da Jerusalém celeste.

Santo Agostinho nos alerta: “O canto de louvor desta terra é um treinamento e um começo do canto de louvor na celestial Jerusalém. Quem não louva a Deus nesta vida, não poderá participar da outra, que é essencialmente louvor a Deus” (*Enarr. In Ps. 148*).¹⁷

Uma citação de **Pseudo-Dionísio** ajuda a ver o sentido da música na igreja:

... “quando os cantos sacros que resumem as mais santas verdades preparam harmoniosamente nossas almas para os mistérios que um pouco mais tarde devemos celebrar, quando nos colocaram no uníssono dos cantos divinos e nos sintonizaram não somente com as realidades divinas, mas também com nós mesmos e mutuamente entre nós, de tal forma que já não constituímos mais do que um coro único e homogêneo de homens santos...” (Pseudo-Dionísio: *De Eclesiástica Hierarchia*, III, 3,5).¹⁸

Pseudo-Dionísio que compendia bem a finalidade, o humilde e o grandioso serviço que o canto cristão ou a música religiosa deve cumprir, e isso em uma tríplice dimensão: ele nos fala de sintonia e de uníssono com Deus, consigo mesmo e com os demais irmãos. Se faltar qualquer uma destas dimensões, o canto fica mutilado em sua raiz ou em sua virtualidade espiritual.¹⁹

É preciso que sirva a arte, porque somente o artístico e belo pode ser digna roupagem das palavras dirigidas a Deus. É necessário que sirva a palavra, agarrando-se respeitosa e a ela como a era ao trono que a sustenta.

¹⁷ BASURKO, 2005, p. 10.

¹⁸ BASURKO, 2005, p. 13.

¹⁹ BASURKO, 2005, p. 15

Deve servir ao culto, preparando para os divinos mistérios, não querendo absorvê-los e sabendo ceder oportunamente o cetro ao silêncio fecundo. Há de servir ao homem, acalmando-lhe a alma, recompondo e ordenando-lhe os sentimentos, afastando-o do profano, servindo de leito aos brotos do seu espírito, quando se encontram com Deus para dizer cantando alegria ou pesar, gratidão ou súplica, esperança de vitória ou gemidos de desterro. Há de servir à comunidade, enlaçando vozes e corações, suscitando concórdia, criando uma inundação sonora que arraste individualidades e egoísmos, distanciamentos e solidões, e fundindo os viajantes de um idêntico peregrinar. E deve servir à Deus, à majestade do Deus ao qual cantam os espíritos puros, velando e desvelando seu mistério, modulando pobres palavras humanas, revestindo e realçando o quanto a vivência religiosa tem de numinoso e misterioso. E tudo isto em uma dupla direção: canalizando o que o coração humano diz e servindo-lhe de expressão, e criando misteriosamente aquelas disposições que pretende expressar.²⁰

O canto contribui para criar a sintonia com Deus, com os outros e consigo mesmo, mas também a pressupõe radicalmente. *Cantare amantis est*, dizia com feliz fórmula **Santo Agostinho**.²¹

Eis aqui a árdua missão do canto cristão: Sintonia consigo mesmo. Sintonia comunitária. Sintonizar os espíritos com as realidades divinas. Uma alta meta de unidade e de unificação fundamental, onde os séculos e a ampla geografia se fundem, apesar de tantas divergências e diversidades, como se fundem na humilde igreja de aldeia as oitavas das vozes das crianças, das mulheres e dos homens: uma unidade onde

²⁰ BASURKO, 2005, p. 15-16.

²¹ BASURKO, 2005, p. 17.

de mil formas “toda a terra possa cantar” o novo canto dos redimidos em esperança.²²

Disse **Lutero** que a música era a coisa mais divina, depois da teologia.²³

Para os antigos autores depois de Nicéia, “o canto do Salmo, [era] considerado como o canto cristão por excelência”.²⁴

Canto cristão e canto não cristão²⁵

Muito cedo a religião cristã se encontra diante do mundo pagão; a ele deve pregar sua mensagem divina; mas dele deve receber necessariamente também uma série de impactos e de influências que deverá assimilar ou rejeitar segundo possam ou não ajustar-se ao ideal de vida que ela apresenta.²⁶

O trabalho pastoral foi duplo: um negativo, no sentido de persuadir os fiéis a uma completa abstinência dos cantos pagãos e dos espetáculos, nos quais estes cantos, em sua maioria, eram escutados; o outro, positivo, valorizando espiritualmente aos olhos de seus fiéis o canto cristão, de uma forma especial o canto dos salmos, como antídoto e réplica eficaz aos cantos pagãos e à sua pernicioso influência nos espíritos.²⁷

A imoralidade dos cantos profanos notava-se pela falta de decência e moralidade.²⁸ A imoralidade radica, em primeiro lugar, na letra dos cantos. Também, na influência negativa das melodias.²⁹ **Clemente de Alexandria**, no livro do Pedagogo, recomenda aos cristãos que escolham para os cantos de suas reuniões as melodias simples, deixando de

²² BASURKO, 2005, p. 18.

²³ BASURKO, 2005, p. 18.

²⁴ BASURKO, 2005, p. 22-23.

²⁵ BASURKO, 2005, p. 121 e seguintes.

²⁶ BASURKO, 2005, p. 121.

²⁷ BASURKO, 2005, p. 122.

²⁸ BASURKO, 2005, p. 122.

²⁹ BASURKO, 2005, p. 124.

lados melodias efeminadas e cromáticas que excitam a lascívia.³⁰

Também nos Padres ocidentais, existe a mesma convicção de que há um gênero de música, corrente nos cantos profanos, que enfraquece o vigor e a virilidade da mente, arrastando-a ao vício.³¹

O perigo da idolatria e a renúncia batismal.³² Outro aspecto em se funda a oposição dos Padres a tais espetáculos e cantos está no fato de estes aparecem radicalmente dedicados ao demônio e aos ídolos.³³

Réplica cristã aos cantos profanos: o canto dos salmos.³⁴

Tertuliano já dizia que os cristãos tinham suficientes cantos e, além disso, de melhor qualidade do que os dos pagãos.³⁵

Santo Agostinho: “Quem gostava de fazer-se de espectador agora gosta de rezar; quem gostava de cantos frívolos e adúlteros gosta de cantar hinos a Deus, e quem gostava de correr ao teatro corre à igreja”.³⁶

Clemente de Alexandria recorda o costume grego de entoar um canto uníssono, chamado “*skólion*”, no meio das taças espumantes, e diz que também os cristãos devem cantar salmos antes de começar a refeição e durante ela.³⁷

Tertuliano fala dos esposos que porfiam em cantar salmos e hinos. Trata-se do canto em casa ou talvez durante o ágape.³⁸

Eusébio de Cesaréia afirma que também entre os cristãos existe o costume de cantar durante os banquetes.³⁹

³⁰ BASURKO, 2005, p. 124.

³¹ BASURKO, 2005, p. 126.

³² BASURKO, 2005, p. 127.

³³ BASURKO, 2005, p. 127.

³⁴ BASURKO, 2005, p. 131.

³⁵ BASURKO, 2005, p. 131.

³⁶ BASURKO, 2005, p. 131.

³⁷ BASURKO, 2005, p. 132.

³⁸ BASURKO, 2005, p. 132.

³⁹ BASURKO, 2005, p. 133.

Gregório de Nissa diz que o canto dos salmos constitui uma parte da alegria das bodas.⁴⁰

São Jerônimo aconselha: “Rejeita o cantor como pestilência. Os citaristas, os cantores e todo esse coro do diabo, com seus cantos mortíferos como os das sereias, expulsa-os de tua morada sem contemplação.”⁴¹

De um modo geral, os Padres insistirão em que assim como o som dos instrumentos musicais é um elemento das festas pagãs, assim também o canto dos salmos deve constituir uma parte das festas cristãs.⁴²

Santo Agostinho aconselhará aos monges os cantos dos hinos divinos até quando estão trabalhando manualmente.⁴³

Os cantos na difusão das heresias⁴⁴

Os hereges, que pulularam na Igreja desde seu início, usaram o canto não somente para seu próprio culto, mas também para propagar suas idéias heréticas; nos valores psicológicos do canto eles descobriram um ótimo meio para infiltrar suas heresias até nas próprias assembléias cristãs.

Segundo o testemunho de **Teodoreto de Ciro**, **Santo Atanásio** teve de lutar contra o cisma dos melecianos, que tinham por costume purificar seu corpo com um banho em dias alternados e, além disso, cantavam seus próprios hinos, batendo as mãos, e executavam um certo movimento de dança, agitando ao mesmo tempo grande número de campainhas suspensas em um pedaço de madeira.⁴⁵ [Veja heresia associada a acréscimos ao canto vocal – ACP].

Na Síria, será Bardesano e, mais tarde, seu irmão Harmônio que criarão cantos novos para propagar suas idéias

⁴⁰ BASURKO, 2005, p. 133.

⁴¹ BASURKO, 2005, p. 133.

⁴² BASURKO, 2005, p. 133-134.

⁴³ BASURKO, 2005, p. 134.

⁴⁴ BASURKO, 2005, p. 135-137.

⁴⁵ BASURKO, 2005, p. 136.

heréticas. Bardesano é propriamente o criador do hinário siríaco, e seus cento e cinquenta hinos tiveram uma grandíssima popularidade.⁴⁶

Santo Efrém não encontrou melhor método para neutralizar a influência desta heresia do que o de servir-se das mesmas melodias de Harmônio, acomodando-as a um texto mais ortodoxo.⁴⁷

O canto das mulheres: um problema da liturgia cristã?⁴⁸

A questão do canto das mulheres no culto cristão deu lugar a não poucas controvérsias entre os estudiosos.⁴⁹ Nos dois primeiros séculos, nada ouvimos a respeito da participação das mulheres no canto da assembléia e, no entanto, podemos afirmar com segurança que elas tomavam parte nele. Sua exclusão teria constituído uma flagrante contradição com a unidade de voz e de espírito com a assembléia litúrgica, tão insistentemente pregada pelos Padres.⁵⁰

Pode-se afirmar de um modo geral que, enquanto a execução do canto cristão permaneceu sendo puramente responsorial, todos os fiéis, sem distinção de idade nem de sexo, uniam conjuntamente suas vozes na resposta ao solista ou salmista.⁵¹

Santo Ambrósio diz: “O apóstolo manda que as mulheres se calem na igreja. Mas fazem bem em cantar elas também o salmo, que é doce para qualquer idade e apto para ambos os sexos”.⁵²

⁴⁶ BASURKO, 2005, p. 136.

⁴⁷ BASURKO, 2005, p. 137.

⁴⁸ BASURKO, 2005, p. 137-142.

⁴⁹ BASURKO, 2005, p. 137.

⁵⁰ BASURKO, 2005, p. 138.

⁵¹ BASURKO, 2005, p. 138.

⁵² BASURKO, 2005, p. 141.

Considerando o conjunto dos textos, devemos concluir que a posição negativa com relação à participação feminina no canto da liturgia cristã nunca foi unânime na Igreja.⁵³

O prazer de cantar: um problema ascético⁵⁴

Em certos meios cristãos, avançou-se, ao que parece, nesta direção, até o ponto de rejeitar não somente certo gênero de melodias que podiam ser consideradas impróprias para o canto cristão, mas todo som melódico e artístico, já que em sua opinião encerrava sempre um perigo oculto de lascívia. Em conseqüência, propugnava-se um culto meramente interior, sem necessidade de sons externos.⁵⁵

Entre os defensores de um culto interior, oposto a qualquer manifestação exterior de culto, deve-se citar, em primeiro lugar, **Filon**:⁵⁶ “Não se pode expressar o agradecimento a Deus pelos meios habitualmente empregados: edifícios, oferendas, sacrifícios, já que o universo inteiro não seria digno dele, mas somente por de cantos de louvor e hinos, não os pronunciados em alta voz, mas aqueles que o espírito invisível e perfeito profere e entoa.”⁵⁷

Na passagem de 1Co 14.14-19, onde **São Paulo** defende a necessidade de orar e de cantar não somente com o espírito, mas também com a mente, de tal forma que a assembléia, embora seja ignorante, possa compreendê-lo, Eric Werner quis ver um ataque à concepção filoniana de um culto meramente interior.

Santo Agostinho diz que se recorda de ter ouvido muitas vezes **Atanásio**, bispo de Alexandria, mandar o leitor cantar os salmos com inflexão de voz tão fraca que mais pareciam recitados que cantados.⁵⁸

⁵³ BASURKO, 2005, p. 142.

⁵⁴ BASURKO, 2005, p. 142-148.

⁵⁵ BASURKO, 2005, p. 142.

⁵⁶ BASURKO, 2005, p. 142.

⁵⁷ BASURKO, 2005, p. 143.

⁵⁸ BASURKO, 2005, p. 143.

Buscar o simples prazer melódico como fim do canto cristão constitui, no pensamento geral dos Padres, uma inversão completa de valores em detrimento do primado do texto e do canto interior do espírito; em resumo, significa esvaziar o canto cristão de seu verdadeiro conteúdo espiritual.⁵⁹

É o momento de considerar a opinião do próprio **Santo Agostinho** sobre o problema do prazer do canto.⁶⁰ “No entanto, quando me sinto mais movido pelo canto do que pelo que se canta, confesso que peço nisso e mereço castigo, e então quisera não ouvir cantar mais.”⁶¹

Este prazer como toda outra deleitação dos sentidos, deve acompanhar e seguir a razão; o erro consiste em que o sentido preceda a razão, tomando a direção dela.⁶²

Dos instrumentos musicais ao puro canto como sacrifício espiritual⁶³

Os instrumentos musicais e seu contexto pagão. A época patrística mostrou-se energicamente contrária ao uso dos instrumentos musicais não somente em seu culto, mas também em qualquer outra manifestação comunitária dos cristãos, como poderiam ser os ágapes ou as festas particulares.⁶⁴

Os pastores cristãos viram nestes instrumentos um significativo expoente da mentalidade pagã, como elemento integrante de seus cultos idolátricos e, sobretudo, como responsável direto da atmosfera de imoralidade que reinava nos espetáculos teatrais e nos restos das diversões pagãs.⁶⁵

⁵⁹ BASURKO, 2005, p. 144.

⁶⁰ BASURKO, 2005, p. 145.

⁶¹ BASURKO, 2005, p. 146.

⁶² BASURKO, 2005, p. 147.

⁶³ BASURKO, 2005, p. 149-173.

⁶⁴ BASURKO, 2005, p. 149.

⁶⁵ BASURKO, 2005, p. 149.

Os instrumentos musicais, naquele ambiente, pareciam rejeitáveis para a mentalidade cristã, sob um duplo motivo: por sua união com o culto pagão e com a imoralidade.⁶⁶

Clemente de Alexandria afirma: “Não usamos para honrar a Deus nem o saltério nem o tímpano nem a flauta; desses se servem os exércitos nas guerras ou também aqueles homens que, desprezando o temor de Deus, desatam suas baixas paixões nas festas por meio do som destes instrumentos.”⁶⁷

“Lá onde estão tocando estes instrumentos é impossível que exista o temor de Deus”, diz **São Jerônimo**.⁶⁸

Os instrumentos musicais vinham a ser como o símbolo da vida pagã: seus sons estavam ligados à idolatria e à imoralidade.⁶⁹

Os instrumentos musicais e a espiritualidade do culto no judaísmo.⁷⁰

No judaísmo contemporâneo ao nascimento da Igreja, existia uma corrente espiritualização do culto que se mostrava profundamente contrária a qualquer uso dos instrumentos musicais; esta tendência espiritualista foi também aceita pela Igreja primitiva.⁷¹

Na liturgia do Templo, a música instrumental apresentava-se relacionada com os sacrifícios: disso recebia o valor propriamente cultural. Com a destruição do Templo, a música instrumental ficou desterrada do judaísmo.⁷²

Nos manuscritos recentemente descobertos de Qumrã, fala-se com freqüência dos instrumentos musicais,⁷³ [contudo] a conclusão de que se trata de meras imagens e de

⁶⁶ BASURKO, 2005, p. 150.

⁶⁷ BASURKO, 2005, p. 150.

⁶⁸ BASURKO, 2005, p. 150.

⁶⁹ BASURKO, 2005, p. 151.

⁷⁰ BASURKO, 2005, p. 151-154

⁷¹ BASURKO, 2005, p. 152.

⁷² BASURKO, 2005, p. 152.

⁷³ BASURKO, 2005, p. 152.

que em tais escritos, portanto, não se encontra referência alguma a favor do uso dos instrumentos musicais no culto.⁷⁴

Os escritos do Novo Testamento parecem confirmar esta evolução da espiritualidade judaica. Os instrumentos musicais são mencionados ocasionalmente a propósito de costumes profanos (Mt 9,23; Lc 7,32; Ap 18,22) ou como comparações explicativas (1Co 13,1; 14,7-8; Mt 6,2); mas nunca aparecem na realização no novo culto cristão.⁷⁵

Os instrumentos do Antigo Testamento no canto dos salmos⁷⁶

Os Padres oferecem, além disso, uma explicação direta a respeito do porquê os instrumentos musicais podiam ser um meio cultural válido e aceitável a Deus no Antigo Testamento, enquanto que na economia cristã devem ser rejeitados completamente. O uso dos instrumentos era uma permissão feita por Deus, levando-se em conta aquele estado imperfeito da economia da salvação.⁷⁷

“Os instrumentos - dirá **Crisóstomo** - foram-lhes permitidos como uma concessão à fraqueza de sua mente e porque pouco antes haviam sido tirados do culto dos ídolos. Permitiu os instrumentos, como concedeu os sacrifícios, acomodando-se à sua fraqueza.”⁷⁸

Isodoro de Pelusa: “Se a vontade divina tolerou as vítimas cruentas em razão do período de infância em que os homens então se encontravam, causa-te estranheza que tenha também tolerado a música que se realça por meio da cítara e do saltério?”⁷⁹

Clemente de Alexandria no seu *Protréptico* dirá: “Este descendente de Davi, que existia antes de Davi, o Logos de Deus,

⁷⁴ BASURKO, 2005, p. 153

⁷⁵ BASURKO, 2005, p. 153.

⁷⁶ BASURKO, 2005, p. 154-157.

⁷⁷ BASURKO, 2005, p. 155.

⁷⁸ BASURKO, 2005, p. 155-156

⁷⁹ BASURKO, 2005, p. 156.

tendo desprezado a lira e a cítara, instrumentos sem alma, ordenou por meio do Espírito Santo nosso mundo, e de uma forma particular este microcosmos, o homem, alma e corpo. Ele se serve deste instrumento a mil vozes para louvar a Deus e canta ele mesmo de acordo com este instrumento humano. “Pois tu és para mim uma cítara, uma flauta e um templo”: uma cítara por tua harmonia, uma flauta por teu hálito, um templo por tua razão... O Senhor, enviando seu hálito a este belo instrumento que é o homem, formou-o a sua imagem, e ele mesmo é também um instrumento de Deus, todo harmonia, acorde e santo, sabedoria supra-terrestre, Logos celeste.”⁸⁰

O homem como instrumento musical⁸¹

“Vós sois – diz **Santo Agostinho** – a trombeta, o saltério, a cítara, o tímpano, o coro, as cordas e o órgão”.⁸²

“Todos aqueles instrumentos devem ser entendidos agora como membros humanos e ressoam melhor”, dirá **Nicetas de Remesiana**.⁸³

São João Crisóstomo explica em tons vivos esta transposição dos antigos instrumentos musicais dos judeus ao corpo do homem como instrumento que emite a melodia de sua vida cristã.⁸⁴ “Naquele tempo, eles tinham os instrumentos musicais, por meio dos quais emitiam seus cânticos; agora, em lugar dos instrumentos, podemos servir-nos do corpo. Pois podemos cantar com os olhos, e não somente com a língua; podemos cantar com as mãos, com os pés, com os ouvidos. Quando cada um destes membros faz obras que honram e glorificam a Deus, quer dizer, quando o olho não olha impudicamente, quando a mão não se estende para roubar, mas para dar esmolas, quando os ouvidos estão

⁸⁰ BASURKO, 2005, p. 157.

⁸¹ BASURKO, 2005, p. 160-163.

⁸² BASURKO, 2005, p. 161.

⁸³ BASURKO, 2005, p. 161.

⁸⁴ BASURKO, 2005, p. 162.

dispostos para acolher os salmos e os sermões espirituais, quando os pés correm á igreja, quando o coração não está preparando o engano, mas esta cheio de caridade, então os membros do corpo se convertem em saltério e em cítara.”⁸⁵

O canto puro, superior ao som dos instrumentos⁸⁶

O canto da assembléia cristã realiza também a simbologia destes instrumentos [do Velho Testamento – ACP].

“Nós emitimos o hino – comenta **Eusébio** – com um saltério vivo, com uma cítara que tem alma, com cantos espirituais. Pois mais agradável e aceitável do que qualquer instrumento é para Deus o canto dos povos de Cristo, quando em todas as igrejas de Deus cantamos os salmos com uma só mente, com uma mesma concórdia, com um mesmo sentimento de fé e de piedade, com uma só voz.”⁸⁷

O próprio **Eusébio** dirá em outra passagem: “Os instrumentos agradáveis a Deus, por meio dos quais o Cristo de Deus emite salmos, hinos e louvores ao Pai por todo o globo, que outra coisa são senão o povo reunido nas igrejas?... Se alguém comparar aqueles instrumentos judeus, compostos de cordas inanimadas e que emitam sons não articulados, com os hinos cantados a Deus na Igreja de Cristo por almas espirituais, não encontrará semelhança alguma. Pois superior a qualquer saltério material é a multidão que, estendida por todo o orbe, celebra a Deus que está sobre todas as coisas, com um mesmo canto e com uma mesma harmonia.”⁸⁸

Assim, as principais direções e instruções dos Pais sobre a vida do cristão e o canto comunitário da assembleia é que o

⁸⁵ BASURKO, 2005, p. 162-163.

⁸⁶ BASURKO, 2005, p. 165-168.

⁸⁷ BASURKO, 2005, p. 166.

⁸⁸ BASURKO, 2005, p. 166.

canto puro é superior e mais digno do que o som dos instrumentos.⁸⁹

Eusébio afirma-o explicitamente, quando começa a expressão “cantai e salmodiai a Deus”: entre o canto e a salmodia, é mais digno o canto, inferior a ele é som do instrumento.⁹⁰

Gregório de Nissa verá a superioridade do canto com relação à música instrumental, em que aquele nos oferece além da melodia a força expressiva das palavras que são cantadas.⁹¹

A superioridade do canto com relação ao instrumento musical é igualmente testemunhada pelos Padres ocidentais. Também estes dirão que o canto puro significa relação com a mente e com o espírito, enquanto que o salmo (entenda-se em seu sentido original: canto com acompanhamento do saltério) é referido alegoricamente ao corpo e as ações corporais.⁹²

O canto cristão como sacrifício espiritual⁹³

A piedade judaica contemporânea à Igreja primitiva, tal como se manifestava nos documentos de **Qumrân**, propugna um culto espiritual que se concretiza, por uma parte, no sacrifício dos lábios ou no canto de louvor e por outra parte, no sacrifício da vida, ou seja, nos esforços pela justiça e pela virtude. Assim lemos na **Regra da Comunidade**:⁹⁴ “Quando em Israel acontecerem estas coisas, de acordo com todos os momentos determinados pela instituição do espírito de santidade conforme à Verdade, expiarão pelas rebeliões culpáveis e pelas infidelidades pecaminosas, para obter a benevolência divina para a terra

⁸⁹ BASURKO, 2005, p. 166.

⁹⁰ BASURKO, 2005, p. 167.

⁹¹ BASURKO, 2005, p. 167.

⁹² BASURKO, 2005, p. 168.

⁹³ BASURKO, 2005, p. 168-173.

⁹⁴ BASURKO, 2005, p. 169.

sem carne de holocaustos nem gordura de sacrifícios. A oferenda dos lábios no respeito da lei será, pelo contrário, como um agradável odor de justiça, e a perfeição do caminho será como o dom voluntário de uma oblação deleitável.”⁹⁵

E, no mesmo documento, mais adiante, no mesmo documento: “Pela oferenda dos lábios eu o bendirei segundo o decreto gravado para sempre... Durante toda a minha existência o decreto gravado estará sobre minha língua como um fruto de louvor de meus lábios.”⁹⁶

Juntamente com esta orientação de espiritualidade judaica, também a filosofia e a mística pagã estavam propugnando uma espiritualização do culto.⁹⁷

Porfírio diz: “Sacrifiquemos também nós, mas sacrifiquemos como convém, oferecendo diversos sacrifícios às diversas potestades. Ao Deus que está sobre todos, como afirma um sábio, não se deve queimar nem pronunciar nada que seja sensível. Nenhuma coisa material há, de fato, que não seja em todo momento impura para o ser imaterial. Portanto, não é digna dele a palavra que se expressa com a voz, nem a do interior, se está manchada pelos afetos da alma, mas devemos adorá-lo com uma alma pura e com idéias puras sobre ele. É necessário, então, que, unidos a ele e tornados semelhantes a ele, ofereçamos a Deus como hóstia sagrada a elevação de nossa própria mente: esta é, ao mesmo tempo nosso hino e nossa salvação. Assim, então, o sacrifício deste Deus se realiza na complementação da alma vazia de afetos.”⁹⁸

Os hinos de louvor são para **Tertuliano** a realização do sacrifício puro profetizado por Malaquias. Os salmos e hinos

⁹⁵ BASURKO, 2005, p. 169.

⁹⁶ BASURKO, 2005, p. 169.

⁹⁷ BASURKO, 2005, p. 169.

⁹⁸ BASURKO, 2005, p. 169-170.

parecem ocupar no sacrifício cristão o lugar dos instrumentos musicais nos sacrifícios materiais.⁹⁹



⁹⁹ BASURKO, 2005, p. 171.

Os Instrumentos Musicais no Culto Público de Deus

por Kevin Reed (teólogo evangélico)

Introdução

Deus, que é infinito e eterno, quem criou os céus e a terra, pode apenas ser abordado em Seus próprios termos. Isto é verdade na salvação assim como na adoração. Deus redimiou um povo de uma humanidade decaída para servir, cultuar e adorá-lo. Deus tem tomado a iniciativa e salvado um povo morto em seus delitos e pecados por meio da morte sacrificial e vida imaculada de Jesus Cristo. Cristãos professos reconhecem que o único meio para serem salvos é por meio de Jesus Cristo.¹⁰⁰

Eles rejeitam a noção de que há muitos caminhos que levam a Deus. Mas, quando se chega ao culto de Deus, a maioria dos Cristãos professos acredita que podem fazer quase qualquer coisa que lhes agrade contanto que não seja clamorosamente pecaminoso.

O propósito deste livro é provar pela Escritura que Deus estabeleceu um princípio com respeito ao culto que completamente elimina a autonomia humana do culto. Deus não deixou oculto aos caprichos do homem. Deus, que é o objeto da adoração, diz ao Seu povo como cultuar. Uma vez que o princípio regulador do culto tenha sido estabelecido por meio da Escritura, tornaremos a nossa atenção para o uso dos instrumentos musicais no culto público.

O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO

Antes de examinarmos o caos das práticas cúlticas correntes e o princípio regulador do culto de Deus,¹⁰¹ precisamos primeiro definir culto. “Culto religioso é aquele pelo qual adereçamo-nos a Deus, como um Deus de infinita perfeição”; professamos uma inteira sujeição e devoção a Ele como o nosso Deus; colocamos nossa confiança Nele para o suprimento de todas as nossas necessidades; e atribuímos a Ele aquele louvor e glória que Lhe é devido, como nosso principal bem, o mais abundante benfeitor, e o nosso único quinhão e felicidade”.

¹⁰⁰ “O culto é o desenvolver natural da salvação, a resposta inevitável e necessária do pecador à graça de Deus. Porém, se não temos nada a acrescentar a nossa salvação soberanamente concedida por Deus, é razoável que devamos ter algo a acrescentar ao culto prescrito para nós na Escritura? Uma mistura de esforço humano à salvação é salvação por obras (Ef. 2:8-10; Rm. 11:6). Uma mistura de prescrição humana ao culto de Deus é ‘culto de si mesmo’ (Cl. 2:20-23). Ambos são condenados por Deus nos termos mais fortes, e mesmo assim a história da raça humana não poderia ser mais bem caracterizada do que um zelo imoderado por estas coisas” (Michael Bushell, *The Songs of Zion: The Contemporary Case for Exclusive Psalmody* [Pittsburgh: Crownand Covenant Publications, 1977], p. 120).

¹⁰¹ A primeira seção deste livro é expandido de outra obra deste autor: *The Regulative Principle of Worship and Christmas* (Southfield, MI: Reformed Witness, 1995).

PRINCÍPIO REGULADOR E OS INSTRUMENTOS MÚSICAIS NO CULTO PÚBLICO

Agora que a base escriturística do princípio regulador do culto foi estabelecida claramente, vamos analisar uma prática cültica comum hoje e ver se tem autorização (base) bíblica. Lembre-se, não é suficiente que uma prática não seja proibida pela Escritura. Deve haver uma sanção (i. e., prova bíblica) para toda prática de adoração na igreja. O uso de instrumentos musicais no culto público hoje é quase universal. Pianos e órgãos têm sido usados por gerações para preparar o estado de espírito “adequado” durante o serviço de adoração e têm sido usados para acompanhar os cânticos de hinos. Hoje muitas igrejas têm adotado o uso de bandas completas, com guitarras eletrônicas, baixos, órgãos, cornetos e baterias. Bandas de rock, pop e estilos sertanejos são usadas como ferramentas de crescimento de igrejas. Livros de crescimento de igreja argumentam que ter uma boa banda com música ritmada e cânticos de adoração atrairão visitantes e proporcionarão pessoas a voltarem. Embora instrumentos musicais sejam ferramentas poderosas no arsenal de manipulação emocional, será que a Palavra de Deus autoriza o seu uso em culto público na era da Nova Aliança?¹⁰² Um estudo do uso de instrumentos musicais na Bíblia revela que o uso de instrumentos musicais está conectado com o sistema sacrificial e é um aspecto da Lei Cerimonial. Um breve exame do uso de instrumentos musicais na Bíblia provará esta afirmação.

1. A Invenção da Música

Adão e Eva, que adoraram a Deus antes da queda, usaram apenas suas vozes em louvor a Jeová. Esta afirmação é provada pelo fato de que instrumentos musicais não foram inventados até oito gerações. “Ada deu a luz a Jabal: este foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gados. O nome de seu irmão era Jubal: este foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta” (Gen. 4: 20-21). “Jubal foi o ‘pai’ de todos que tocam harpa e flauta. Sem levar em conta que estes instrumentos eram ainda muito primitivos. Entretanto, estes instrumentos foram refinados grandemente mais tarde. Jubal foi o primeiro a empregar instrumentos musicais com o fim de produzir música”. Deus registra que a linhagem caída de Caim tomou iniciativa no desenvolvimento da cultura: Jabal: agricultura; Jubal: música; Tubal-Caim: metalúrgica.¹⁰³

¹⁰² Thomas Ridgely, *Commentary on the Larger Catechism* (Edmonton, AB, Canada: Still Waters RevivalBooks, 1993 [1855]), Vol. 2, p. 329. “Por adoração, é entendido algum tributo pago pela criatura racional a Deus como o Grande e Soberano Criador e Senhor, seja ele imediatamente e diretamente pago e apresentado a Ele, como oração e louvor, ou por Ele e ao Seu comando e para a Sua honra, como pregação, ouvir da pregação, e o recebimento dos sacramentos, que são adoração quando corretamente realizados. Em uma palavra, chamamos isto adoração, mais estritamente e apropriadamente, que é um dever da primeira tábu, e vem como mandamento nela para a honra de Deus, e não para o nosso próprio proveito ou de outra pessoa, que embora ordenado na segunda tábu, não pode ser apropriadamente chamado de adoração, muito menos de adoração imediata. Assim, ensinar aos outros os deveres da piedade pode ser adoração, quando ensinar os deveres de qualquer outro chamado ordinário não o é” (James Durham, *The Fourth Commandment* (Dallas, TX: Naphtali Press, 1989 [1653]), p. 10).

¹⁰³ G. C. Aelers. *Bible Students’ Commentary: Genesis* (Grand Rapids: Zondervan, 1981) Vol. 1, p. 131.73 O fato de que estes desenvolvimentos foram feitos por uma linhagem perversa, não deve de forma alguma refletir negativamente sobre este desenvolvimento cultural. Descrentes, freqüentemente destacam-se no desenvolvimento da cultura (artes, medicina, tecnologia, etc).

2. Prazer Pessoal

Existem exemplos na Bíblia de instrumentos musicais sendo usados com o propósito de prazer pessoal ou entretenimento. Depois de Labão ter alcançado Jacó, o qual tinha fugido a noite, ele disse, “Por que fugistes ocultamente, e me lograste, e nada me fizestes saber, para que eu te despedisse com alegria, e com cânticos, e com tamboril e harpa?” (Gn. 31: 27). Jó refere-se ao uso de música para o propósito de entretenimento familiar: “Deixam correr suas crianças como a um rebanho, e seus filhos saltam de alegria; cantam com tamborim e harpa e alegram-se ao som da flauta” (Jó 21: 11-12). Música também foi usada para acompanhar banquetes com bebidas e festas, muito parecido com hoje em dia. “A harpa e lira, tamboris e flautas e vinhos há nos seus banquetes” (Is. 5: 12; cf. 24: 8-9; Amós: 6: 5-6). Estes exemplos obviamente não se referem ao culto público.

3. Celebrações de Vitória

Instrumentos musicais eram usados também para celebrações de vitória. Depois da libertação de Deus do povo de Israel dos inimigos egípcios, o povo celebrou e cantou o cântico de Moisés. “A profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins¹⁰⁴ e com danças. E Miriã lhes respondia: cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou, e precipitou no mar o cavalo e seu cavaleiro!” (Ex. 15: 20-21). Era a prática com um de Israel celebrar grandes vitórias com mulheres dançando, cantando e tocando instrumentos musicais. “Sucedeu, porém, que vindo Saul e seu exército, e voltando também Davi de ferir os filisteus, as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e dançando, com tambores, com júbilo e com instrumentos de músicas. As mulheres se alegravam e, cantando alternadamente” (1 Sam. 18: 6-7). Depois o Senhor entregou o povo de Amom nas mãos de Jefté: “Vindo, pois Jefté, a Mispa, a sua casa, saiu-lhe a filha ao seu encontro, com adufes e com danças” (Jz. 11: 34). O profeta Jeremias falou do restabelecimento dos Israelitas na própria terra deles em meio a grande alegria e celebração: “Ainda te edificarei e serás edificada, ó virgem de Israel! Ainda serás adornada com teus adufes, e sairás com o coro dos que dançam” (Jer. 31: 4). Estas passagens têm inúmeros aspectos em comum. Primeiro apenas as mulheres tocavam os instrumentos e dançavam. Elas eram separadas dos homens. Segundo, o uso de instrumentos é sempre usado em conjunto com a dança; os dois nunca são separados. Terceiro, em cada exemplo existe uma comitiva ou uma caminhada (caminhada ao Templo, por exemplo). Quarto, cada ocasião é uma resposta direta a uma grande vitória nacional ou local; isto é, estas são celebrações extraordinárias e não nunca estabelecem um momento de adoração (Embora houvesse dança anual entre as filhas solteiras de Siló, cf. Jz. 21: 19-23.). Quinto, essas celebrações foram eventos ao ar-livre, ou seja, elas nunca

Como um pós-milenista, o autor acredita que cristãos herdarão as conquistas terrenas e então as usarão para a glória de Deus.

¹⁰⁴ “O nome hebraico deste instrumento musical é toph. O trimbal, tymanum ou tamborim foi usado principalmente por mulheres, e foi empregada em danças de coreografia, em ocasiões religiosas ou procissões festivas... O princípio (caráter) do toph, ou tamborim era de uma pele trabalhada que era esticada sobre um arco de barril ou quadro”. (James Anderson. Calvin's Commentaries on the Psalms, vol. 5, p. 310, rodapé 3). O trimbal era muito similar ao moderno tamborim. Era tocado com as mãos, pequenos bastões ou com um chicote emaranhado com muitas tiras.

ocorreram no tabernáculo, no templo ou na sinagoga. Essas celebrações de vitórias nacionais ou locais com mulheres dançando, cantando e tocando tamborim justificam o uso de instrumentos musicais no culto público? Não, de forma alguma. Embora essas celebrações pelo povo de Deus tenham sido feitas para a glória de Deus, há várias razões porque elas não devem ser classificadas como assembléias formais de culto público. Primeiro, mesmo que nós repetidamente encontremos (em registros bíblicos) grupos de mulheres dançando, cantando e tocando instrumentos em celebração ao ar livre, nós nunca encontramos mulheres dançando e tocando instrumentos no tabernáculo, templo ou sinagoga. Segundo, a Bíblia diz que toda coisa exigida para o culto de Deus no deserto foi mostrada para Moisés no Monte. (Ex. 25:40; Hb. 8:5). Mesmo assim, não existem instruções na Escritura dando a mulheres autorização para dançar e tocar instrumentos no tabernáculo. Terceiro, no registro bíblico, Miriã lidera um grupo de mulheres que cantam, dançam e tocam tamborim. Contudo o serviço no tabernáculo que foi prescrito por Deus Foi liderado e conduzido apenas por homens levitas.

O uso de instrumentos musicais no templo (como notificado antes) também foi reservado para o sacerdócio levítico, o qual eram todos homens. Quarto, estas passagens são realmente desnecessárias para aqueles que estão buscando uma sanção divina para o uso de pianos e órgãos no culto público da Nova Aliança; pois mesmo se lhes pudessem ser aplicados para o culto formal da Nova Aliança eles provariam que: apenas mulheres poderiam tocar instrumentos musicais, apenas em conjunto com dança feminina. Tal prática pode ser aceitável nas baladas modernas do “rock in roll” carismático, mas é simplesmente inaceitável para a maioria dos Presbiterianos conservadores. O autor não conhece nenhum pastor ou presbítero Presbiteriano que creia na Bíblia e que permita mulheres dançando, pulando e tocando tambores nos corredores da igreja, no culto. “A dança era um ingrediente essencial no serviço em que os instrumentos eram usados e não pode, por raciocínio algum, ou qualquer evidência obtida, ser excluída. Se instrumentalização nesta ocasião proporciona uma sanção para o uso de instrumentos no culto da presente dispensação e esta instrumentalização foi como propósito de liderar a dança, não há escapatória para a conclusão de que a dança tem pelo menos uma sanção satisfatória no culto do Novo Testamento como o tem o uso de instrumentos”.¹⁰⁵

4. As Trombetas da Proclamação

Em Números 10:1-10, Deus ordenou a fazer e usar duas trombetas de prata. O uso dessas trombetas foi cuidadosamente prescrito por Deus. As únicas pessoas autorizadas para tocar essas trombetas eram “os filhos de Arão, os sacerdotes” (v.8). Quando ambas as trombetas eram tocadas, toda a assembléia do povo se reunia junto à porta do tabernáculo da reunião (v.3). Quando apenas uma trombeta era tocada, apenas os líderes se reuniam (v.4). As trombetas eram usadas para “o som do chamado” para que os israelitas comessem suas jornadas (vv.5-7) e eram tocadas para “soar um alarme” para se ir à guerra. As trombetas eram também tocadas “através” ou durante os sacrifícios do

¹⁰⁵ D. W. Collins. Musical Instruments In Divine Worship Condemned by the Word of God. (Pittsburgh:Stevenson and Foster, 188), p. 38.

tabernáculo. Visto que as trombetas não eram tocadas durante louvores congregacionais ou o louvor levítico, e já que o propósito delas em todo capítulo era de anunciar (proclamar) alguma coisa ou soar um alarme, é provável que o propósito das trombetas durante o sacrifício era de proclamar ao povo o momento preciso que o sacrifício estava ocorrendo. Todos, sem dúvida, enfatizariam a solenidade e a importância do sacrifício. “Mas mesmo que alguém insistisse que essas trombetas foram usadas, em certo sentido, como instrumentos de música no culto, ainda seria verdade que isso se tornaria real apenas quando – e por causa – de uma ordem divina então dada. Se isto é o começo do uso de instrumentos no culto, em outras palavras, é digno de nota que era uma ordem inicial”.¹⁰⁶ Além do mais, deveria ser também observado que somente aos sacerdotes (os filhos de Arão) foi permitido por Deus o tocarem as trombetas; e o uso delas (durante a assembléia religiosa) ocorreu apenas durante o sacrifício. Conseqüentemente, elas estavam diretamente associados aos rituais cerimoniais.¹⁰⁷ O tocar cerimonial destas trombetas durante o sacrifício no tabernáculo poderia ser considerado o botão e a flor que desenvolveriam durante a mais suprema ordem cerimonial instituída por Davi para o Templo. Ao invés de duas trombetas solitárias durante o sacrifício no tabernáculo, o templo também tinha um coral levítico, címbalos, harpas e liras tocando tudo ao mesmo tempo. Ambos eram levíticos e cerimoniais e ambas ocorreram durante o sacrifício.

5. Instrumentos Musicais e os Profetas Primitivos

Há dois exemplos do uso de instrumentos musicais pelos profetas. O primeiro exemplo é a comitiva dos profetas em 1 Samuel 10: 5: “Então seguirás a Gibeá-Eloim, onde está a guarnição dos filisteus, e há de ser que, entrando na cidade encontrarás um grupo de profetas que descem do alto, precedidos de saltérios e tambores e flautas e harpa, e eles estarão profetizando”. O segundo exemplo é a profecia de Eliseu contra Moabe: “Ora, pois, trouxe-me tangedor. Quando o tangedor tocava veio o poder de Deus sobre Eliseu. Este disse: “Assim diz o Senhor: Fazei neste vale covas e covas”. (2 Reis. 3:15 –16). Nestes dois exemplos o uso de instrumentos musicais era intimamente conectado com a profecia. Estas passagens justificam o uso de instrumentos musicais no culto público? Não, pois estes exemplos não se referem a culto público. No exemplo a respeito de Eliseu, é claro que ele não estava cantando louvores a Deus, mas falando a palavra do

¹⁰⁶ G. I. Williamsom. *Instrumental Music in the Worship of God: Commanded or not Commanded?*, p. 5.

¹⁰⁷ “Nenhuma salmodia foi empregada quando as trombetas foram primeiro introduzidas, mas quando uma salmodia foi preparada e formalmente introduzida no templo por Davi, as trombetas foram empregadas conjuntamente com a voz e com os instrumentos empregados pelos Levitas. A conexão das três trombetas, a voz e os instrumentos – era tão essencial que a cada ocasião em que se observa a voz e os instrumentos sendo empregados na salmodia do templo, o uso de trombetas é especificado também. Isto é especialmente observável na ocasião da dedicação do templo, em que os quatro mil cantores e tocadores de instrumentos dos Levitas conjuntamente com cento e vinte tocadores de trombetas dos sacerdotes, soavam em uníssono. O grande aspecto deste som uníssono era que as trombetas, nas mãos dos sacerdotes, tinham um cunho cerimonial. De maneira que, em 1 Cr 25:5 é dito: ‘Todos estes foram filhos de Hemã, o vidente do Rei nas palavras de Deus para levantar a corneta’. A corneta é a trombeta, e os Levitas estão aqui representados claramente como agindo nessa relação cerimonial como sacerdotes designados por suas consagrações originais”. (D.W. Collins, p 60-67).

Senhor. No exemplo dos profetas descendo a montanha não há possibilidade que alguém possa dizer se eles estavam cantando ou não. Mesmo se eles estivessem cantando, este exemplo, não seria um caso de um culto público, mas de uma festiva procissão. Se este preferível exemplo raro em 1 Samuel 10 realmente justifica o uso de instrumentos musicais no culto público, apenas autorizaria o uso deles de acordo com profecia ou revelação direta. Visto que, o ofício profético cessou com o fechamento do Cânon do Novo Testamento, esta passagem não é aplicável para a igreja da Nova Aliança. Além disso, dada à prova de que instrumentos musicais foram apenas usados por sacerdotes e levitas durante o culto no templo e não foram usados na Sinagoga Judaica até 1810 d.C. na Alemanha, pode-se concluir seguramente que os próprios judeus não consideraram este exemplo em 1 Samuel como uma justificativa para instrumentos musicais no culto público. Para que propósito servia a música nestes exemplos? Muitos comentaristas argumentam erradamente que instrumentos foram usados para induzir um estado de êxtase para produzir uma certa atitude apropriada para receber a revelação divina. Entretanto, a Bíblia ensina que os profetas falaram porque o Espírito Santo os moviam (2 Pe. 1: 21). Além disso, a maioria dos profetas profetizaram sem música. Portanto, a teoria do êxtase induzido deve ser rejeitada. A música pode ter sido um sinal externo da obra do Espírito Santo. Qualquer que fosse o propósito do acompanhamento musical para a profecia certamente não proporciona uma base para o uso de instrumentos musicais no culto público hoje.

6. A Introdução da Música no Culto Público

Além das trombetas de prata introduzidas por Deus no serviço do tabernáculo sobre responsabilidade de Moisés, Deus apontou instrumentos adicionais perto do término do reinado do Rei Davi.¹⁰⁸ Estes instrumentos foram provavelmente introduzidos em antecipação à fase de acabamento do Templo com Salomão. Um estudo cuidadoso do uso de instrumentos musicais no culto na Antiga Aliança revela que instrumentos musicais foram apenas tocados por certas classes autorizadas de Levitas. Os não-levitas nunca usaram instrumentos musicais no culto público. Os instrumentos musicais que foram usados não foram escolhidos arbitrariamente por homem, mas foram projetados pelo Rei Davi debaixo da inspiração divina. Também, instrumentos musicais eram apenas usados em conjunto com sacrifícios de animais. Durante o serviço do Templo, instrumentos musicais eram apenas tocados durante o sacrifício. Um estudo objetivo de instrumentos musicais no culto público da Antiga Aliança prova que o seu uso na adoração pública era cerimonial. Este argumento é consideravelmente reforçado pelo fato histórico que instrumentos musicais não eram usados na sinagoga ou na igreja apostólica. O primeiro exemplo registrado de instrumentos musicais sendo usados no culto público ocorreu durante as festividades e cerimônias quando a arca de Deus foi transportada para Jerusalém. “Davi e todo o Israel alegravam-se perante Deus com todo o seu empenho, em cânticos, com harpas, com alaúdes, com tamboris, com címbalos e com trombetas”. (1 Cr 13:8). Esta

¹⁰⁸ “Davi encontra-se como a figura central entre Moisés e Cristo, e a época exata para a introdução da grande ordem cerimonial, a qual ele deu para o culto a Deus, fora significativa para maior perfeição e glória da Igreja do Novo Testamento. Pois era o milênio da Igreja Judaica e o apogeu da glória da Nação” (D.W. Collins, p.66).

tentativa de trazer a arca de Deus para Jerusalém falhou porque o povo envolvido não seguiu “o que fora ordenado” (15:13). O povo não fez o que Deus tinha mandado.¹⁰⁹ Noutras palavras, eles violaram o Princípio Regulador. “Deus fulminou Uzá, não meramente com um juízo sobre ele por seu ato precipitado e infiel em segurar a arca, mas como uma admoestação a Davi, sacerdotes, Levitas e todo o povo e como uma repreensão para todas as gerações futuras para tomar cuidado com a ordem divina em todas as questões do culto divino. Neste ato Ele deu prova singular que todo o procedimento estava errado. Tendo a ofensa consistido apenas em colocar a arca na carroça e Uzá a ter segurado, o remédio foi imediato. Os sacerdotes e Levitas estavam presentes com a multidão e poderiam ter sido imediatamente ordenados para tomarem conta da arca, mas todo o serviço foi rejeitado por Deus como desonra a Ele. Davi depois reconheceu francamente a desordem de todo procedimento”.¹¹⁰ “Pois visto que não a levastes na primeira vez, o Senhor nosso Deus irrompeu contra nós, porque então não o buscamos, segundo nos fora ordenado” (1Cron. 15:13). O segundo e bem sucedido transporte da arca para Jerusalém dá mais detalhe a respeito do uso de instrumentos naquele momento. “Santificaram-se, pois, os sacerdotes e levitas, para fazerem subir a arca do Senhor Deus de Israel.

Os filhos dos levitas trouxeram a arca de Deus aos ombros pelas varas que nela estavam, como Moisés tinha ordenado, segundo a palavra do Senhor. Disse Davi aos chefes dos levitas que constituíssem a seus irmãos, cantores, para que, com instrumentos musicais, com alaúdes, harpas e címbalos se fizessem ouvir, e levantassem a voz com alegria. Designaram, pois os levitas a Henã, filho de Joel; e dos irmãos dele a Asafe, filho de Berequias, e dos filhos de Merari, irmãos deles, a Etã, filho de Asaias. Assim os cantores, Henã, Asafe e Etã se faziam ouvir címbalos de bronze. Matias, Elifileu, Micneías, Obede-Edom, Jeiel e Azazias, com harpas, em tom de oitava, para conduzir o canto. Quenancias, chefe dos levitas músicos, tinha o encargo de dirigir o canto, porque era entendido nisso. Sebanias, Josafá, Natanael, Amasaí, Zacarias, Benaia e Eliezer, os sacerdotes, tocavam as trombetas perante a arca de Deus, Obede-Edom e Jeías eram porteiros da arca”. (1Cr 15: 14-17, 19, 21-22,24). Observe que apenas os Levitas eram designados a tocar os instrumentos musicais. Na verdade o uso específico de instrumentos musicais era restrito a certo grupo de Levitas. Revelações posteriores mostram

¹⁰⁹ “Davi procedeu irregularmente, porque ele estava sem autoridade escriturística. Portanto, ao invés de consultar os sacerdotes e os Levitas, aos quais pertencia a custódia da arca, ele ‘consultou os capitães de mil, e os de cem e todos os príncipes’, [1 Cr 13:1], ou seja, com conselheiros políticos e militares. Isto, no tempo moderno, seria considerado como uma interferência erastiana do magistrado civil em sacris. O resultado, no caso de Davi, implica em um impedimento de se introduzir qualquer observância religiosa sem autoridade divina. Se Davi não podia fazê-lo, como isso pode, sem responsabilidade pecaminosa, ser feito pelo homem no século XIX? Ao invés de permitir que a arca fosse carregada pelos levitas, ele a colocou em uma carroça –o qual pensou, sem dúvida alguma, que estava sendo feito com ‘decência e ordem’. Isto, porém, não foi designado, e conseqüentemente ele errou em fazê-lo”. (James Glasgow. Heart and Voice: Instrumental Music in Christian Worship not Divinely Authorized. C. Aitchison; J. Cleeland, Belfast, Northern Ireland, sem data, p.48). Além disso, se o povo em geral tocou instrumentos musicais (1Cr 13:8) e não apenas os Levitas, isto também teria sido uma violação da Escritura. Durante a segunda e bem sucedida tentativa de transportar a arca, isso é observado cuidadosamente, pois apenas os Levitas tocaram instrumentos musicais. (1 Cr. 15:16-24).

¹¹⁰ D.W. Collins. Musical instruments in Divine Worship, p 51-52.

que estas designações não foram arbitrárias, porém baseadas na ordem de Deus (2 Cr. 29:25). Por mandato divino, sacerdotes levitas usaram instrumentos musicais em conexão com a arca da aliança. Os eventos foram também acompanhados por sacrifícios e ofertas. Até esta época na história de Israel não houve o funcionamento do tabernáculo ou Templo, apenas a arca era o local da presença especial de Deus e, portanto o lugar central do sacrifício e holocausto.¹¹¹ Portanto, o uso levítico de instrumentos musicais era um aspecto do culto cerimonial. A Bíblia ensina que a introdução de instrumentos musicais no culto público de Deus foi por designação divina. “Também estabeleceu os levitas na casa do Senhor com címbalos, alaúdes e harpas, segundo mandato de Davi e de Gade, o vidente do rei e do profeta Natã, porque este mandato veio do Senhor, por intermédio de seus profetas”. (2 Cr. 29:25). Note, que o Princípio Regulador do Culto era rigorosamente seguido. Instrumentos musicais não foram usados até Deus ordenar o uso deles. Ninguém, nem mesmo os reis, tinham autoridade de introduzir uma inovação no culto sem instruções de Deus para fazê-lo. Deu Davi a Salomão, seu filho, a planta do pórtico com as suas casas, as suas tesourarias, os seus cenáculos, e as suas câmaras interiores, como também da casa do proprietário. Também a planta de tudo quanto tinha em mente, com referência aos átrios da casa do Senhor, e a todas as câmaras em redor, para os tesouros da casa de Deus, e para os tesouros das causas consagradas. “Tudo isto”, disse Davi, “me foi dado por escrito por mandado do Senhor, a saber, todas as obras desta planta”. (1 Cr. 28:11-13,19). A Sagrada Escritura enfatiza que Davi recebeu os projetos, divisões e tarefas relacionadas com o Templo por inspiração divina.¹¹² Nada relacionado como Templo e seu culto se originou da imaginação do homem. Sempre que práticas novas de culto foram introduzidas, Deus deixou bem claro que Ele – não o homem – era a fonte das novas adições. Portanto, quando adições eram feitas sob a administração de Moisés, nos é explicitamente revelado que estes acréscimos vinham por meio de divina inspiração (Ex. 25:9,40; 27:8).

As adições que vieram sob o reinado de Davi também vieram por meio de revelação divina.¹¹³ O sistema do culto no templo estabelecido por Deus durante o reino de Davi não recebe adições ou alternativas até a morte de Jesus Cristo. O fato de que novas revelações foram precisas para a introdução de instrumentos musicais no culto público é prova adicional que por milhares de anos, de Adão

¹¹¹ “O primeiro uso aceitável de instrumentos no culto de louvor da Igreja foi na inauguração da adoração templica por Davi e empregado exclusivamente naquele culto. Nós não temos outro exemplo registrado até ao fechamento do canon da Escritura do uso de instrumentos separados da forma peculiar dado na sua inauguração por Davi”. (D.W. Collins, p. 55).

¹¹² Assim como Moisés recebeu por inspiração divina o padrão do tabernáculo e até de suas vasilhas (Ex. 25:9,40, 27:8), assim o escritor de Crônicas, enquanto dando a Davi os créditos de preparar os planos do Templo, declara que Yahweh era a origem do conhecimento de Davi. “A mão de Yahweh sobre...” É uma expressão freqüente para a inspiração divina (cf. 2 Rs 3:15; Êx 9:3; 13:14, etc). (Edward Lewis Curtis and Albert Alonzo Madsen, A Critical and Exegetical Commentay on the Books of Chronicles [Edinburgh: T&T Clark, 1976 (1910)], p. 229).

¹¹³ “Esta maneira de adorar a Deus através de instrumentos musicais não tinha até então sido usada. Mas Davi, sendo um profeta, o instituiu por direção divina, e os adicionou às outras ordenanças carnis para aquela dispensação, como o apóstolo a chama (Cf. Hb. 9:10). O Novo Testamento mantém o cântico dos salmos, mas não designou música na Igreja” (Matthew Henry, Matthew Henry’s Commentary on the Whole Bible [T&T Clark], Vol. 2, p. 875).

até o reinado de Davi, o verdadeiro e aceitável culto foi oferecido a Deus sem o acompanhamento de instrumentos musicais. Na Antiga Aliança, instrumentos musicais no culto público foram sempre em função do sacerdócio levítico. Por quê? Porque o uso deles era intimamente conectado com o sacrifício de animais. Na verdade, durante o serviço no Templo os instrumentos de música eram apenas tocados durante o sacrifício. Quando o sacrifício não estava em progresso, eles cantavam louvores sem o acompanhamento de instrumentos musicais. “Também estabeleceu os levitas na casa do Senhor com címbalos, alaúdes e harpas, segundo mandado de Davi e de Gade, o vidente do rei e do profeta Natã; porque este mandado veio do Senhor, por intermédio de seus profetas. Estavam, pois, os levitas em pé com os instrumentos de Davi, e os sacerdotes com as trombetas. Deu ordem Ezequias que oferecessem o holocausto sobre o altar. Em começando o holocausto, começou também o cântico ao Senhor com as trombetas, ao som dos instrumentos de Davi, rei de Israel. Toda a congregação se prostrou, quando se entoava o cântico, e as trombetas soavam, tudo isto até findar-se o holocausto”.(2 Cr 29: 25-28). Quando o sacrifício começou, o uso de instrumentos musicais pelos Levitas também iniciou. Quando a oferta terminou, o uso de instrumentos também cessou. Não é óbvio para o intérprete imparcial que a música instrumental serviu como uma função cerimonial?¹¹⁴ E tipificou algo a respeito do sacrifício perfeito que viria?¹¹⁵ Os cultos cerimoniais do Templo, pelas representações audíveis e visuais, ensinaram ao povo de Deus várias coisas a respeito de redenção perfeita do futuro Messias. Portanto, a

¹¹⁴ “Os Levitas sob a lei eram justificados em fazer uso de instrumentos musicais no culto a Deus; foi Sua vontade treinar Seu povo, enquanto eles eram ainda tenros e como crianças, em tais rudimentos, até a vinda de Cristo. Mas agora, quando a clara luz do Evangelho dissipou as sombras da Lei e nos ensinou que Deus é para ser adorado de uma forma mais simples, seria uma consideração insensata e errônea imitar aquilo que os profetas desfrutaram e que apenas estava sobre aqueles da sua época. Disto, é evidente que os Papistas têm demonstrado ser extremamente macacos-de-imitação ao transferir isto a eles mesmos” (João Calvino, Commentary on The Book of Psalms, (Grand Rapids: Baker House, 1981) Vol. 2, p. 312).

¹¹⁵ Determinar exatamente o que o uso cerimonial de instrumentos no culto público tipificava não é fácil. O teólogo Presbiteriano americano John L. Gerardeau escreve: “A música instrumental na adoração templica tipificava a alegria e o triunfo do povo de Deus que iria culminar na efusão abundante do Espírito Santo nos tempos do Novo Testamento... agradou-se Deus em tipificar a alegria espiritual que viria a brotar de uma possessão mais rica do Espírito Santo através do sensível som produzido pela melodia apaixonante dos instrumentos de corda e o estrépido (estiado) dos címbalos, pelo bramido das trombetas e o ressoar das harpas. Era a instrução de suas crianças em uma escola inferior, preparando-as para uma escola superior”. (Instrumental Music in The Public Worship of the Church, pp.60-63). O ponto de vista de Gerardeau foi sustentado por inúmeros escritores reformados mais antigos. Dado o fato de que debaixo de circunstâncias normais os instrumentos foram apenas tocados durante o sacrifício, outra possibilidade é que o uso deles profetizava os eventos sobrenaturalmente dramáticos ocorridos na crucificação de Cristo. No momento em que Cristo morreu: “eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo: tremeu a terra, fundiram-se as rochas, abriram-se os sepulcros” (Mt. 27:51-52). Lucas escreve: “Já era quase a hora sexta e, escurecendo-se o sol houve trevas sobre a terra até a hora nona. E rasgou-se pelo meio o véu do santuário” (Lucas 23:45-44). A cacofonia do som durante o sacrifício no santuário central era uma dramática e deslumbrante inspiração. Os eventos sobrenaturais ao redor do sacrifício de Cristo foram impressionantes e aterrorizantes. “O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era o Filho de Deus” (Mt. 27:54).

Escritura Sagrada diz que os Levitas foram separados para “profetizarem com harpas, alaúdes e címbalos” (1 Cron. 25: 1). G. I. Williamson escreve:

O sistema interno do culto cerimonial servia como uma “sombra das coisas celestes” (Hb. 8:5). Era. “Uma parábola para a época presente” (9:9), mas uma parábola de algo melhor no futuro. Em palavras mais claras, aqui o drama da redenção foi realizado simbolicamente. Nós usamos a palavra ‘drama’ porque este culto cerimonial do Antigo Testamento foi apenas uma representação da redenção real que era para ser realizado, não com sangue de bois e bode, mas com o precioso sangue de Cristo. É por isso que esta impressionante assembléia de músicos era necessária. De uma maneira similar, um desenho animado é algo pálido em comparação com a realidade representada. Por isso, os efeitos sonoros e um pano de fundo musical são tão importantes.

Ajudou Seu povo do Antigo Testamento (como crianças de menor idade, Gálatas 4) aperceber algo mais nestes sacrifícios de animais do que realmente estava lá. Então, enquanto o sacrifício era oferecido, as emoções do povo de Deus eram balançadas por esta grande cacofonia de música.¹¹⁶ Visto que o Novo Testamento ensina que todos os aspectos cerimoniais de adoração do Templo foram abolidos, as passagens que falam do uso de instrumentos musicais no culto público, debaixo do Antigo Pacto, não providencia sanção bíblica para o uso de instrumentos musicais na adoração pública hoje. Jesus Cristo, com o perfeito sacrifício Dele mesmo na cruz, considerou o sistema Levítico inteiro como obsoleto (Cf. Hb. 7:27, 9:28). O inferior (Hb. 9: 11-15), a sombra (Hb. 10: 1; 8: 4-5), o obsoleto (Hb. 8:13), o simbólico (Hb. 9: 9), e o ineficiente (Hb. 10: 4) foram substituídos por Jesus Cristo e Sua obra. Os cristãos não podem mais ter interesses em usar instrumentos musicais no culto público do que usar vestimentas sacerdotais, velas, incenso, altares e um sacerdócio sacerdotal.¹¹⁷

¹¹⁶ G. I. Williamson. *Instrumental Music in the Worship of God: Commanded or not commanded?* pp.7-8. “Deixemos bem claro desde o início que, mesmo que nós falhemos, para satisfação dos instrumentistas, em demonstrar a coisa particular tipificada pela musica instrumental, o argumento para o uso cerimonial desta de modo algum cai por terra. Pois nós afirmamos que o significado definitivo de muitos rituais cerimoniais e coisas afins nunca foram satisfatoriamente determinados, tanto pelo Judaísmo moderno quanto pelo ensino cristão. Tipologia é um sistema de profecia. Símbolos ‘prefiguram, enquanto profecias predizem’ a mesma coisa, e se o significado definitivo de muitas profecias não pode ser apurado, muito menos o pode o de muitos daqueles símbolos” (D.W. Collins, pp.57-58). Fairbairn escreve: “Longe de nós fazer de conta que dominamos toda a dificuldade ligada ao gerenciamento prático do assunto, reduzindo-o a um todo numa clara e inquestionável certeza. Ninguém esperará isto; ninguém que corretamente entenda a natureza do problema e considere tanto a imensidão do campo que se estende quanto o caráter peculiar do terreno que aborda.” (citado por Collins, p.58).

¹¹⁷ João Calvino concorda: “Não tenho dúvida de que tocar por meio de címbalos, manuseando a harpa e os instrumentos de corda, e todo aquele tipo de música, o qual é freqüentemente mencionado nos Salmos, era uma parte da educação; isto é, a instrução pueril [i. e., imatura] da lei: Eu falo do culto estabelecido no templo. Pois, mesmo hoje em dia, se os crentes optarem por se alegrar com instrumentos musicais, eles deveriam, eu acho, ter como objetivo não separar a animação deles dos louvores a Deus. Mas, quando eles freqüentam suas assembléias sagradas, instrumentos musicais celebrando louvores a Deus não seriam mais apropriados do que a queima de incenso, a iluminação das velas e a restauração das outras sombras da lei. Os Papistas, portanto, tolamente pegaram isto emprestado, tanto quanto muitas outras coisas dos judeus. Pessoas que gostam de exibição externa podem se deleitar com este barulho; mas a simplicidade

Católicos Romanos estão sendo simplesmente consistentes quando eles incorporam todas as “sombras” ab-rogadas no sistema de adoração deles. Gerardeau escreve: “aqueles que têm urgentemente insistido nisto [instrumentos musicais no culto público] têm agido com consistência lógica em importar sacerdotes na Igreja do Novo Testamento; e como sacerdotes devem sacrificar, cuidado, o sacrifício da missa! Instrumento musical pode não parecer está no mesmo pé de igualdade com esta corrupção monstruosa (missa), mas o princípio que permeia ambos é o mesmo; e que se nós estamos satisfeitos com um simples instrumento, a corneta, o baixo, o órgão ou levando para um desenvolvimento natural da arte orquestral, as pompas catedrais e todo espetáculo magnífico de Roma. Nós somos cristãos e nós somos falsos para com Cristo e para com o Espírito de graça quando nós freqüentamos o ritual ab-rogado e proibido do templo Judeu”.¹¹⁸ Cristãos reformados devem notar que mesmo se estas passagens do Velho Testamento de fato autorizaram o uso de instrumentos musicais na era da Nova Aliança, eles apenas autorizariam certos instrumentos e não outros. Trombetas de prata foram especificamente autorizadas por Deus nos dias de Moisés (Num.10:1,2,10); e instrumentos de corda, harpas e címbalos (instrumentos de Davi, 2Cron. 29:26) foram autorizados para o uso debaixo do Reinado de Davi (1 Cron.15:16; 23:5; 28:13, 19; 2 Cron. 29:25-27, etc.). Alguns eruditos (baseados nas passagens como 2 Samuel 6:5 e Salmo 150) também incluem a gaita de fole ou flauta. A Bíblia indica que as escolhas desses instrumentos e até mesmo seus moldes não eram arbitrárias. Os Levitas tinham que usar apenas aqueles instrumentos escolhidos por Deus. Em lugar nenhum da Bíblia alguém pode encontrar autorização para pianos, órgãos, violinos, baixos, guitarras de seis cordas, bateria e outros. Se alguém que inferir do uso levítico de instrumentos de corda que guitarras, banjos, violinos e baixos são permitidos no culto público, então ele tem um grande problema. Por quê? Porque os dois instrumentos de corda que Deus autorizou para o culto público (o kinnôr e o nêbel) tinham dez (Cf. Salmo 33:2; 92:3; 144:9) oito (de acordo com os títulos do Salmo 6 e 12), e possivelmente 12 (de acordo com Josephus) cordas, nunca quatro ou seis. Além do mais, baixos e guitarras modernas não suscitam semelhança com aqueles instrumentos antigos. Se (como notificado antes) os instrumentos de Davi foram introduzidos e planejados debaixo da inspiração divina, então Igrejas que dizem aderir ao princípio regulador (que aponta para o uso levítico como justificativa para o uso de instrumento hoje) deveriam fazer uma séria tentativa para produzir estes antigos instrumentos.¹¹⁹

que Deus nos recomenda através do apóstolo é muito mais agradável a Ele”. (Commentary on the Book of Psalms, Vol. 1, p.539).

¹¹⁸ John L. Girardeau, Instrumental Music in the Public Worship of the Church, p. 79.

¹¹⁹ Os dois tipos de instrumento de corda usados em adoração pública pelos Levitas foram o kinnôr e o nêbel. Os nomes de instrumentos musicais na Bíblia são tormentos para os tradutores. A palavra kinnôr é traduzida verdadeiramente como: “lira” (RSV, NIV); “harpa” (KJV, NKJV, NEB) e “saltério” (KJV, NKJV). Nêbel é traduzido como “harpa” (NIV, RSV), “alaúde” (RSV, NEB, RJV, NKJV), “saltério” (KJV) e “viola” (KJV). “de acordo com Josephus o kinnôr tinha dez cordas e era tocado com uma pluma (i. e., um pequeno pedaço de metal, marfim ou chifre que um músico usa para bater nas cordas de um instrumento} ... mas, Davi tocou sua lira ‘com suas mãos’ quando confortava Saul (I Samuel 16: 23) o qual sugere que o kinnôr era também dedilhado para produzir um som mais suave e mais consolador. A figura permanece mostrando os tocadores de

Todos os exemplos do Antigo Testamento do Uso de Instrumentos Musicais no Culto Público são Cerimoniais

Aqueles que estão buscando uma sanção divina para o uso de instrumentos musicais no culto público certamente não podem apelar para o uso levítico, sacerdotal e cerimonial deles no templo durante o sacrifício como uma justificativa para o uso dele hoje. Entretanto, não existem exemplos do uso de instrumentos musicais no culto público fora do templo? Sim. Um exame cuidadoso do Antigo Testamento revela apenas cinco exemplos do uso fidedigno de instrumentos musicais na adoração pública fora do templo.

1. O transporte da arca de Deus para Jerusalém (1Cron. 15: 14-28).
2. A cerimônia dedicatória festejando o acabamento do Templo de Salomão (2Cron. 5:11-14).
3. A cerimônia dedicatória festejada no acabamento da fundação do segundo templo (Ed. 3:10-11).
4. A cerimônia dedicatória festejada no acabamento do muro de Jerusalém (Ne. 12: 27-43).
5. A procissão triunfal para Jerusalém e para o templo depois do Senhor derrotar milagrosamente o povo de Amom, Moabe e do Monte Sear (2Cron. 20: 27-28).

Estes exemplos são as únicas esperanças para aqueles que buscam uma sanção escriturística para instrumentos musicais do Antigo Testamento.¹²⁰ Pode alguém

lira com ou sem a pluma e a kithera grega era tocada em ambas as formas... O nêbel é virtualmente sempre mencionado junto com a lira-kinnôr e deve ter todo um caráter similar ou pelo menos complementar. Comparando os dois, a Misha colocava que as cordas do nêbel foram feitas de um longo intestino de ovelha, e aquelas cordas do kinnôr de intestino menor da ovelha (kinnin iii. 6). Tendo cordas mais grossas, o registro dos instrumentos era, portanto, presumivelmente mais baixo e seu som possivelmente mais alto do que do kinnôr... O termo asôr, lit. 'dez', aparece apenas nos Salmos, duas vezes descrevendo nêbel (33: 2; 244:9)" (D. A. Foxvog e A. D. Kilmer in "General Education", Geoffrey W. Bromiley, The Internacional Standard Bible Encyclopedia (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986, [1915]. Vol. 3, p. 441-442). Dado a evidência escriturística e histórica pode ter existido duas versões do kinnôr (oito e dez cordas) e duas versões do nêbel (oito ou dez cordas). Se as cordas do kinnôr eram tocadas com um pedaço de marfim ou metal, seria mais semelhante ao moderno cravo do que a guitarra.

¹²⁰ O autor não inclui o coroamento de Joás: "Ouvindo Atalia o clamor do povo que corria e louvava o rei, veio para onde este se achava na casa do Senhor; olhou, e eis que o rei estava junto a coluna, a entrada, e os capitães e as trombetas junto ao rei, e todo o povo da terra se alegrava, e se tocaram trombetas. Também os castores com os instrumentos músicos dirigiam o canto de louvores. Então Atalia rasgou os seus vestidos e clamou: "Traição! Traição!" (2 Cron. 23: 12-13). Embora este evento tenha ocorrido no templo e os levitas tocaram instrumentos musicais e cantaram, este evento não parece ser um serviço de culto, mas um certo tipo de coroação pública. Além disso, não está claro se as pessoas estavam apenas exaltando o novo rei ou exaltando o rei e então louvando Jeová. O que é claro é que o tema deste livro é apoiado por 2 Crônicas 23:18, "Entregou Joiada a superintendência da casa do Senhor nas mãos dos sacerdotes Levitas, a quem Davi designaram para o encargo da casa do Senhor, para oferecerem os holocaustos do Senhor, como está escrito segundo na lei de Moisés, com alegria e com canto, segundo a instrução de Davi:" Aqueles santos do Antigo Testamento (diferente da maioria das denominações Presbiterianas e professores do seminário) apoiaram-se numa rígida, severa e uma visão sem comprometimento do princípio regulador do culto.

encontrar um uso não-cerimonial, não-levítico dos instrumentos musicais nestes exemplos? Não. Existem inúmeras razões porque o uso de instrumentos musicais nestes exemplos devem ser considerados cerimoniais. Primeiro, note que em cada exemplo apenas Levitas eram permitidos tocar instrumentos (1Cron. 15:16-24; 2 Cron. 5:12-13; Ed. 3:10; Ne 12:35-36).¹²¹ Segundo, os sacerdotes e Levitas apenas tocaram instrumentos que eram autorizados por Deus: as trombetas de prata de Moisés e os instrumentos de Davi (1 Cron. 15:16,28; 2 Cron. 5:12; 20:28; Ed. 3:10; Ne. 12:27, 36). Terceiro, cada exemplo ou era conectado com a arca e o templo ou com o muro protetor do santuário central. A procissão de vitória registrada em 2 Crônicas 20 terminou no templo (v.28). As cerimônias dedicatórias com o uso levítico de instrumentos nunca ocorreram fora de Jerusalém, o lugar do templo – o lugar central do sacrifício. Quarto, os serviços dedicatórios envolveu sacrifícios e holocaustos (1 Cron. 16: 1-2, 2 Cron.7:1, 5-6; Ne. 12:43). Na realidade, os holocaustos e as ofertas pacíficas foram o clímax destes serviços. Além disso, todos estes exemplos ocorreram em circunstâncias históricas únicas. Foram serviços extraordinários envolvendo o magistrado civil, o sacerdócio levítico, a nação inteira e eram todos intimamente ligados ao templo cúltil. Estes exemplos do uso de instrumentos musicais no culto público são obviamente cerimoniais,¹²² e portanto, são desnecessários para aqueles que buscam sanção para pianos, órgãos e guitarras.

O registro do uso de instrumentos musicais no livro de Esdras prova que santos Judeus seguiam o princípio regulador do culto. “Quando os edificadores

¹²¹ A única exceção é do Rei Davi que se vestiu em um manto de linho fino e estola sacerdotal (Cron. 15: 27), tocou música (15:29) e ofereceu ofertas pacíficas e holocaustos com os sacerdotes (Cron. 16: 1-2). Davi (em uma maneira mais singular do que os Reis do Antigo Testamento que ofereceram sacrifícios) tornou-se um sacerdote para a ocasião. “Davi pareceu ser o líder no serviço e, portanto, colocou a estola de um sacerdote, talvez indicando que ele tinha a comissão divina para introduzir ingredientes novos no serviço do templo, do qual isto era à parte, como Moisés introduziu o serviço original do tabernáculo” (D. W. Collins p. 29).

¹²² De todos os exemplos citados, 2 Crônicas 20:28 é a melhor esperança para aqueles que buscam um uso não-levítico de instrumentos, pois não é especificamente revelado a nós quem tocou os instrumentos. A passagem nem mesmo diz especificamente se os instrumentos foram tocados. Porém, o contexto claramente infere que os instrumentos foram tocados pelos Levitas. No capítulo 20 Judá enfrentou uma grave crise, pois uma grande multidão das outras nações estava vindo atacar Judá (vv. 1-2). O rei e toda Judá reuniram-se no templo para jejuar, orar e buscar o Senhor (vv. 1-13). O Senhor respondeu através de Jaaziel, um Levita dos filhos de Asafe (v. 14ff.). As instruções do Senhor foram muito específicas (v. 16 ff). Depois de Deus ter falado por Jaaziel, o rei e o povo curvaram-se diante do Senhor e os cantores Levitas (os coatis e coraitas, os filhos de Coré, que era um neto de Coate [cf. 1 Cron. 6: 7, 22; 20:/f] ficaram de pé e louvaram ao Senhor. No dia seguinte o povo se levantou cedo e prosseguiu a Jerusalém e o Senhor mesmo derrotou o povo de Amom, Moabe e o Monte de Seir. O que é interessante é que os levitas iam diante do exército cantando louvores (v.21). Depois o Senhor matou todos seus inimigos, ele retornou a Jerusalém e para o templo. “com instrumento de corda, harpas e trombetas”. O capítulo inteiro descreve como se o templo de adoração continuasse diante do exército, deixa Jerusalém e então depois da batalha retorna ao templo. É como se Deus deixasse sua santa casa, trucidasse os inimigos de Judá e então retornasse para sua casa. Aqueles que não acham que os cantores eram Levitas deve notar que o verso 21 diz que o rei indicou “aqueles que deveriam cantar louvores ao Senhor”. Esta é uma referência óbvia para o grêmio de cantores Levitas. Além disso, verso 28, infere o término da caminhada no templo, nomeia apenas aqueles instrumentos apontados por Davi para Levitas e Sacerdotes usarem para o culto no templo. Isto não é coincidência. Qualquer interpretação que seja do Capítulo 2, estes eventos incomuns são claramente não-normativos, de qualquer forma, para o louvor da nossa congregação da Nova Aliança.

lançaram os alicerces do templo do Senhor, apresentaram-se os sacerdotes, paramentados e com trombetas, e os levitas, filhos de Asafe, com címbalos para louvarem ao Senhor, segundo as determinações de Davi, rei de Israel". (Est.3:10). Observe que por 400 anos depois da morte do Rei Davi as instruções inspiradas do Espírito que ele deu a respeito do culto estão ainda em força e severamente seguidos. Não eram apenas os Levitas usando os mesmos instrumentos ordenados por Deus sob o Reinado de Davi, mas a família levítica de Asafe ainda tinha responsabilidade no uso dos címbalos (Cf. 1 Cron. 15:19). Fensham escreve:

Nestes versos as celebrações são descritas depois da fundação ter sido estabelecida. O papel de liderança era exercido por sacerdotes e levitas. Os sacerdotes eram vestidos de vestimentas típicas (Cf. Ex 28; 2 Cron. 5:12; 20:21) e eles tocaram as trombetas. Os levitas tocavam os címbalos (Cf. Salmo 150:5), os quais consistiam de dois pratos de metais com o qual eles davam o tom (Cf. 2Cron. 15:16, 19; 16:5; 25:1-6; 2 Cron. 7:6). De acordo com o autor isto era feito da forma como Davi havia prescrito. Ele era neste estágio considerado como afigura mais importante que iniciou a música no culto.¹²³

O relato de Esdras é prova indisputável que líderes religiosos e civis da nação Judaica consideravam a introdução de instrumentos musicais no culto público como mandado por Deus e um aspecto permanente do sistema do templo.

Adoração na Sinagoga

Se alguém quer encontrar um uso não levítico, não cerimonial de instrumentos musicais no culto público, o lugar mais lógico para olhar seria a adoração conduzida na sinagoga. Por quê? Porque diferente do culto no templo o qual muito do que tinha era cerimonial, típico e temporário, a adoração na sinagoga não era típica nem simbólica. "A leitura e exposição da Palavra divina, estimulada, direciona o cântico dos Salmos e a contribuição de ofertas como elementos de culto que não podem ser considerados como tipos de sombras apontando para a realidade substancial que viria. Eles permanecem na classe: essencial e permanente".¹²⁴ "A adoração na sinagoga era muito diferente daquela no templo, naquela não havia rituais sacerdotais e não carregava sacerdócio inviolável".¹²⁵ Sabendo que o culto na sinagoga não envolve nada dos rituais cerimoniais do templo e que um estudo do uso de instrumentos musicais no culto público na Antiga Aliança mostra que o uso deles era cerimonial e levítico, alguém esperaria que o culto na sinagoga fosse praticado sem o uso de instrumentos musicais. Na verdade, isto é exatamente o caso!¹²⁶ Os Judeus não usaram instrumentos no

¹²³ F. Charles Fensham. The Books of Ezra and Nehemiah [Grand Rapids: Eerdmans, 1982], p. 64.

¹²⁴ John L. Girardeau, Instrumental Music in the Public Worship of the Church, p. 48.

¹²⁵ W. White, Jr., in Merrill C. Tenney, gen. ed., The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible (Grand Rapids: Zondervan, 1975), Vol. 5, p. 556.

¹²⁶ M. C. Ramsay escreve: "aqueles que persistem dizer que o culto Judeu tinha associação com os instrumentos musicais falha em prestar atenção nos efeitos; e alguns dos feitos são os seguintes: O culto ordinário dos Judeus era aquele da Sinagoga e era sempre sem adornos. Os homens de Israel eram ordenados a atenderem ao culto do templo apenas três vezes anualmente. Por todo ano lembrado, de Sábado a Sábado, eles reuniam-se para o culto nas suas sinagogas. Mulheres e crianças iam regularmente a sinagoga onde os serviços eram marcados por simplicidade... Na

culto público, mas cantavam salmos a capella, porque eles consideravam instrumentos musicais no culto público como pertencendo ao templo. “Em sua grande obra *On the Ancient Synagogue* (a antiga sinagoga), Vitringa mostra que apenas existiam dois instrumentos de som usados em conexão com a sinagoga e que estes foram empregados, não em culto ou durante como um acompanhamento, mas como sinais de proclamação – primeiro, para proclamar o ano novo; segundo, para anunciar o começo do sábado; terceiro, para publicar a sentença de excomunhão; e, quarto, para proclamar o jejum. Estes foram seus únicos usos. Não havia sacrifício para que eles tivessem que ser tocados como no tabernáculo e no templo. E da natureza dos instrumentos é claro que eles não poderiam ter acompanhado a voz no cântico. Eles eram apenas de dois tipos – trombetas (tubal) e chifres de carneiros ou cornetas (buccinae). Tinha mais uma observação, era muito fácil de ser tocado que até uma criança poderia assoprá-lo. Além disso, eles eram, na maior parte do tempo usados não só em conexão com os prédios da sinagoga, mas eram tocados nos telhados das causas para que fossem escutados a distância”.¹²⁷

Instrumento de música não foi introduzido no culto da sinagoga até o século XIX.¹²⁸ O argumento usado para introduzir música no culto da Sinagoga pelos judeus apóia o ponto de vista que a utilização da música na adoração pública na Bíblia é cerimonial. Os Judeus que trouxeram música para o culto da Sinagoga argumentam que música era tocada durante o sacrifício no templo. Porém, visto que o templo foi destruído (A.D. 70), Deus aceita as orações de Seu povo como um sacrifício, como expiação. Portanto, na mente deles, música deve está na casa de oração assim como acompanha o sacrifício de animais. Embora este argumento seja não escriturístico e é fundamentado em mérito humano como uma substituição para o sangue expiatório, pelo menos reconhece a interligação entre a música instrumental e o culto sacrificial. Os Judeus mais rigorosos (os ortodoxos) ainda não usam instrumentos musicais na adoração, porque eles reconhecem que era restrito ao sistema templo-levítico de adoração.

O fato de que, o templo usou instrumentos musicais enquanto as sinagogas não usaram, é significativo, pois as primeiras igrejas cristãs foram cópias próximas da Sinagoga. “O Legado mais importante do primeiro século é que a Sinagoga era a forma e organização da Igreja Apostólica”.¹²⁹ Na verdade, com o grande número

sinagoga onde havia cântico congregacional, não existia instrumento” (Purity of Worship, Presbyterian Church of East Austrália, 1968, p.11).

¹²⁷ John L. Gerardeau, *Instrumental Music in the Public Worship of the Church*, p. 39-40.

¹²⁸ “Alguns cristãos direcionam a atenção para o fato de que em muitas sinagogas judaicas nestes dias, instrumento musical acompanha o louvor congregacional. Nesta conexão as seguintes afirmações do Rabbi R. Brasch de Sydney devem ser úteis. ‘Não há registros definitivos para a real introdução de instrumento musical na sinagoga até 1810, quando templos Reformados na Alemanha introduziram-no pela primeira vez. No mundo atual, sinagogas ortodoxas ainda se abstêm da musica instrumental... mas todo templo Liberal e Reformado acompanha o cântico congregacional e o coral com um órgão. É tanto interessante quanto informativo perceber que os instrumentos musicais foram primeiro usados nas sinagogas no começo de século XIX, isto é, mais ou menos ao mesmo tempo em que eles (os instrumentos) começaram a ser introduzidos nas igrejas protestantes”. [i. e., Presbiteriana] (M. C. Ramsay, *Purity of Worship*, p. 12).

¹²⁹ W. White, Jr., *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, vol. 5, p. 556. “O termo ‘sinagoga’ é usado nos evangelhos mais de trinta vezes enquanto uma freqüência bem maior aparece em atos. É admitido tanto na literatura Talmúdica quanto no N. T. que isto era uma

de judeus que eram salvos e batizados em Jerusalém nos dias primitivos da Igreja, é provável que algumas Sinagogas tornaram-se Igreja Cristã.¹³⁰ “Portanto, não há surpresa em não encontrar instrumentos musicais na adoração da Igreja primitiva Cristã. Certamente, não é demais dizer que o testemunho para esta ‘rejeição de todos os instrumentos musicais é consistente entre os pais’”.¹³¹ “Os cristãos primitivos seguiram o exemplo da Sinagoga. Quando eles celebraram o louvor de Deus nos salmos, hinos e cânticos espirituais, a melodia deles era fruto dos lábios”.¹³²

INSTRUMENTOS MÚSICAIS E OS SALMOS

A maioria das pessoas que argumentam para o uso de instrumentos musicais no culto público hoje não usa passagens de Crônicas para justificar suas práticas, mas ao invés disso, citam as referências de instrumentos musicais do livro de Salmos.¹³³ O problema com esta consideração é que os Salmos frequentemente falam do culto de Jeová usando tipos cerimoniais. Os Salmos falam da oferta de sacrifício (Sl. 20:3; 54:6; 107:22; 118:27), holocausto (Sl.20:3; 50:8; 51:19; 66:13; 15), o altar (Sl. 26:6; 43:4; 51:19; 118:27), a casa de Deus – o templo (Sl. 101:2; 122:1). Os Salmos falam de andar na casa de Deus (Sl.101:2), de ir para a casa de Jeová (Sl. 122:1), de adorar por meio do templo de Deus (Sl. 5:7;138:8) e indagar no templo de Deus (Sl. 27:4). Cristãos ortodoxos não usam passagens dos Salmos que falam de sacrifícios e holocausto na igreja como texto-prova para oferecer seus sacrifícios na igreja porque eles sabem de outras porções da Escritura que estes deveres pertenciam ao sacerdócio levítico e eram do sistema do templo cerimonial que foi cumprido e suplantado por Cristo. Da mesma forma,

liderança e realização válida de Judaísmo, não importando se era em Jerusalém ou em Corínto” (ibid.). Entretanto, o começo da adoração na sinagoga é um mistério encoberto, o fato de que Jesus Cristo e os apóstolos adoraram em várias sinagogas e até expuseram a palavra, prova que Deus reconheceu sua legitimidade (i. e. tiveram sanção divina).

¹³⁰ De acordo com o Talmude existiam 480 sinagogas em Jerusalém no tempo da destruição do segundo templo (A.D. 70). Se mulheres e crianças são levadas em conta então havia provavelmente mais de 15.000 convertidos em Jerusalém dentro de poucas semanas depois do Pentecostes. Porém, muitos dos convertidos em Jerusalém rapidamente seriam dispersos por uma severa perseguição dos Judeus aos Cristãos.

¹³¹ G. I. Willianson. *Instrumental Worship in the Worship of God: Commanded or not commanded?*, p. 11.

¹³² Robert B. McCracken, *What About Musical Instruments in Worship?* (Pittsburgh: Crown and Covenant Publications, n.d.), região.

¹³³ Por exemplo, Gordon H. Clark escreve: “Em uma ocasião eu fui a uma Igreja Pactuante (Covenanter) por vários domingos. O auditório estava lotado. O louvor era vigoroso. A pregação era soberba. No final do culto... a congregação bramiu com o Salmo 150. Era tudo novo para mim e eu quase não me conti de risos”. Ler o Salmo 150 e comparar ou contrastar o que o Salmo ordena e o que os Pactuantes não faziam. Nada que eu queira ridicularizar os Pactuantes: Bem que eu desejava que outras denominações fossem pelo menos metade dos pactuantes, de tão bons que são” (Ephesians [Jefferson, MD: Trinity Foudation, 1985], pp. 181–182). A declaração de Clark revela que ele não está muito familiarizado com os argumentos bíblicos contra o uso de instrumentos musicais na adoração pública. O fato de que Gordon H. Clark, um Presbiteriano conservador, um ministro ordenado e excelente erudito, não sabia os argumentos a respeito da música instrumental no culto, mostra o declínio do Presbiterianismo conservador moderno na área da adoração bíblica. Além disso, (como observado antes) as denominações que usam pianos, violão e órgãos, certamente não estão obedecendo ao Salmo 150, mesmo se fosse aplicado hoje, pois estes instrumentos modernos não são mencionados nos Salmos.

claras passagens históricas da Escritura que fala da utilização de instrumentos musicais no culto público ensinam que o uso deles era cerimonial.¹³⁴ Portanto, as passagens do Salmo que falam de música em adoração pública não justificam seu uso hoje. Pois se eles justificassem, então as passagens que mencionam holocausto podiam ser utilizadas para colocar sacrifícios cerimoniais no culto de hoje. “O argumento deles dos Salmos prova por demais e, portanto, não tem valor algum.”¹³⁵ Girardeau escreve: “ Se agora o argumento é plausível, o qual é derivado dos Salmos em apoiar o uso de instrumentos no culto público da igreja cristã, então, igualmente justifica a oferta de sacrifícios sangrentos neste culto. O absurdo da conseqüência refuta completamente o argumento.”¹³⁶ A única esperança deles seria provar por meio do culto da sinagoga que instrumentos também tinham uma função cültica cerimonial ou achar autorização para instrumentos musicais no culto público no Novo Testamento. O culto da sinagoga (como observado antes) não envolveu nenhum instrumento musical. O Novo Testamento não autoriza a utilização de instrumentos musicais na adoração pública cristã.¹³⁷ G. I. Williamson escreve: “Os fundamentalistas falam em reconstruir o templo de Jerusalém e assim consideram seriamente o fato de que o culto do Antigo Testamento era ordenado por Deus. Se nós vamos reavivar o culto cerimonial, noutras palavras, então vamos pelo menos ser cuidadosos em restaurá-lo exatamente como foi mandado. Não vamos escolher e selecionar como desejamos. O fundamentalista está errado, porém, em desejar uma restauração do que se passou é perfeitamente coerente”.¹³⁸ A porção da Escritura mais freqüentemente aludida como justificativa para o uso de instrumentos

¹³⁴ “Nós podemos ir além e, não só admitir, mas afirmar que os termos ‘cantar’ e ‘cântico’ são termos que, usados pelos Judeus e especialmente por Davi em inaugurar o serviço de louvor para o uso do templo, incluem o serviço inteiro das trombetas, harpas, címbalos, saltérios e a voz. É a linguagem descrevendo o som único – o levantar da trombeta, como a expressão simbólica da oração. Quando o Salmista diz: ‘louvai-o com saltério’, ele quer dizer nada mais que o uso pessoal e literal do saltério, separando do seu caráter cerimonial, do que quando diz ‘Eu sacrificarei’ quando quer dizer que vale oferecer sacrifícios separados do uso cerimonial, ou de que ele mesmo queimaria incenso quando ele diz, ‘Eu oferecerei diante de ti holocausto de gorduras com incenso’. Nós repetimos, que o sistema inteiro de alusões cerimoniais, incluindo seus aspectos líricos, era necessariamente mesclado (misturado) com os Salmos e embutido neles (Salmos), como resultado de terem sido empregados cerimonialmente”. (D. W. Collins, p. 65).

¹³⁵ John L. Girardeau. *Instrumental Music in the Public Worship of the Church*, p. 77.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 78.

¹³⁷ João Calvino também argumenta que a informação de instrumentos musicais no salmo refere-se a um uso cerimonial. Seu comentário no Salmo 71:22 diz “Em falando do emprego do saltério e da harpa neste exemplo, ele faz menção ao costume geral prevalecente daquela época. Para cantar louvores ao Senhor com harpa e saltério inquestionavelmente formou-se uma parte do treinamento da lei e dos serviços de Deus debaixo daquela dispensação para serem usados em ações-de-graça pública’ (Vol. 3, p.98). A respeito do Salmo 92:3, Calvino diz: “ no [terceiro] verso, ele imediatamente direciona os levitas, os quais eram apontados para o ofícios de cantores de música – não como se isso por si mesmo fosse necessário, apenas útil como uma ajuda elementar para o povo de Deus nestes tempos antigos ... uma diferença deve ser observada a este respeito entre o seu povo do Antigo e do Novo Testamento: pois agora que Cristo apareceu e a Igreja alcançou o apogeu, se vamos apenas enterrar a luz do Evangelho, então deveríamos introduzir as sombras de uma dispensação passada.” (Vol. 3, p. 494 – 495). Seu comentário no Salmo 149:3 concorda: “ Os instrumentos musicais que ele menciona são para a infância da Igreja, nem devemos imitar tola mente uma prática pela qual era intencionada penas para o povo ancestral de Deus” (Vol. 5, p. 312).

¹³⁸ G. I. Williamson, *Instrumental Worship in the Worship of God: Commanded or not Commanded?* pp. 9-10.

musicais no culto público da Nova Aliança é o Salmo 150: “Louvai-o ao som de trombeta; louvai-o com saltério e com harpa. Louvai-o com adufes e danças; louvai-o com instrumentos de corda e com flautas. Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos retumbantes!” (Vs 3-5). Pessoas que apelam para o Salmo 150, como uma justificativa para o uso de instrumentos musicais no culto da Nova Aliança, violam vários procedimentos de padrão interpretativo. Primeiro, o que este Salmo quer dizer a platéia judaica da Antiga Aliança? Os Judeus utilizaram este Salmo e tantos outros como justificativa para inaugurar instrumentos no culto da sinagoga? Não. Eles certamente não fizeram isso. Sinagogas judaicas não usaram instrumentos musicais em louvor até 1810. Segundo, esta Escritura pode ser apenas usada como justificativa para o culto da Nova Aliança, se fosse isolada do resto da Bíblia. Escritura deve ser utilizada para interpretar Escritura. O contexto amplo da Escritura ensina que: dançar e tocar tamborim eram performances ao ar-livre durante ocasiões festivas por mulheres (Ex. 15:20; Jz. 11:34; 21:21; 1 Sam. 18:6; 21:11; 29: 5; Jer. 31:4); apenas sacerdotes eram autorizados para tocar trombetas no culto (Num. 10:8, 10; 2 Cr. 5:11-14; 29:26; Ed. 3:10) e harpa, lira e címbalo foram apenas autorizados para serem tocados pelos Levitas (1 Cr. 15:14-24, 23; 2 Cr. 5:11-14; 20:27-28; 29; 25-27; Ne. 12:27, etc.)¹³⁹ Ignorar completamente o ensinamento do Antigo Testamento a respeito do uso de instrumentos na adoração quando se fala do Salmo 150 como texto-prova para louvores da Nova Aliança é uma exegese malfeita e um método ilegítimo de usar um texto-prova. Terceiro, pessoas que utilizam desta passagem como autorização para instrumentos musicais também ignoram o contexto imediato. Esta passagem é para ser entendida literalmente? Ou é uma maneira poética de falar do povo de Deus oferecendo louvores dedicatórios e com fervor por toda parte? Se alguém entende esta passagem literalmente, então não só a faz se contradizer abertamente com o resto do ensinamento do Velho Testamento a respeito do uso de instrumentos musicais na adoração, mas também ensina que todo crente deve tocar instrumentos musicais durante o culto (uma noção absurda). Além disso, ensinaria que criaturas pagãs e brutas também devem adorar Jeová. A respeito do Salmo 150:3, Calvino escreve: “Eu não insisto nas palavras em hebraico os quais conceituam os instrumentos musicais [em outras palavras, eles podem apenas ser metáforas poéticas exortando os crentes a um louvor maior]; apenas deixa o leitor lembrar que tipologias variadas e diferentes são aqui mencionados, os quais foram utilizadas debaixo da economia legal, para mais enfaticamente ensinar as crianças de Deus que elas não podem por elas mesmas acharem-se muito diligentes no louvor a Deus”.¹⁴⁰ Sabendo que o Salmo 150

¹³⁹ Deve ser observado que o Antigo Testamento realmente utiliza tipos cerimoniais para descrever profeticamente a adoração não-cerimonial espiritual na era da Nova Aliança: “Mas desde o nascente do sol até o poente é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, diz o Senhor dos Exércitos”. (Mal. 1:11) “Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas: porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém”, (Isa. 2:2-3). Estas passagens são mencionadas para desfazer a noção de alguns que o Salmo 150 é uma profecia do culto “celebrativo” que será disseminado no mundo inteiro na era da Nova Aliança.

¹⁴⁰ João Calvino, Commentary on the Psalms, 5:320

incorpora a instrumentalização do templo, o tocar de tamborins e danças de celebrações de vitórias assim como instrumentos apenas usados em ocasiões seculares (e.g., V. 4: “instrumentos de corda”[minnim] e “flautas” [‘ugabh]); junto com a exortação de que todo ser que respira louve a Jeová, deveria ser, portanto, óbvio que este Salmo não era para ser utilizado como um guia de instrução legal para o culto público. Salmo 150 é uma exortação expressada em linguagem poética, ensinando que todos no céu e na terra devem louvar a Jeová com cada fibra de seu ser. (Além do mais, como observado antes, os Judeus da antiga dispensação não consideraram o Salmo 150 como autorização para a utilização de instrumentos no culto público fora do templo). Aqueles que buscam autorização para instrumentos musicais no Salmo 150 devem também prestar atenção na palavra santuário no verso um: “Louvai a Deus no seu santuário”. Se alguém vai usar o Salmo 150 como prova para a utilização de instrumentos musicais no culto público da Nova Aliança, então este alguém tem obrigação de usar todos os instrumentos específicos ordenados e deve também fazer a dança litúrgica. Pastores Presbiterianos, que apelam para este Salmo como autorização, não podem (de acordo com o modo literal de usá-lo) proibir de tocar tambores (tamborim) e danças nos corredores durante a adoração. Um ponto de vista bíblico do Salmo 150 é mais prontamente encontrado nos comentários Presbiterianos e Reformados mais antigos: O Pactuante David Dickson escreve sobre os versos 3 e 5: “Aqui estão outras seis exortações, ensinando a maneira de louvar a Deus sob a sombra da música tipológica, apontada na lei cerimonial. De onde aprende: 1. Embora as cerimônias típicas de instrumentos musicais no culto público de Deus pertencem a pedagogia da igreja, em sua minoria antes de Cristo, são agora abolidas com o resto das cerimônias, mas os deveres morais encobertos por elas (cerimônias) são ainda para serem estudados, porque este dever de louvar a Deus e exaltá-lo com toda a nossa mente, força e alma, é moral, pela qual nós somos perpetuamente obrigados”.¹⁴¹ Matthew Henry escreve: “De que maneira este atributo deve ser pago? Com todos os tipos de instrumentos musicais que foram então usados no serviço do templo, v. 3-5... Nossa preocupação é saber... que, vários instrumentos sendo usados em louvor a Deus devem ser feitos com harmonia exata e perfeita; eles não devem impedir uns aos outros, mas ajudar uns aos outros. A preocupação do Novo Testamento, ao invés disso, é com a mente e lábios para glorificar a Deus (Rom. 15:6)... Ele começou com um chamado a aqueles que tinham um lugar em Seu santuário e eram utilizados no serviço; mas ele conclui com um chamado a todos os filhos dos homens, em perspectiva ao tempo quando os gentios deveriam ser levados a igreja, e em todo lugar, assim como era aceitável em Jerusalém, este incenso deveria ser oferecido, Mal. 1:2.”¹⁴² O erudito Batista Reformado John Gill escreve: “Louvai-o com saltério, os quais as músicas eram cantadas. E com harpas, que eram instrumentos. Ambos eram usados no culto divino debaixo de antiga dispensação; e pelo qual Davi era bem habilidoso e deleitado, apontou pessoas próprias para louvar com ele (instrumento), 1 Cr: 15: 20, 21.

¹⁴¹ David Dickson, *The Psalms* (Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1959 [1653 – 5]) 2:536.

¹⁴² Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible* (McLean, VA: MacDonald, N.D. [1710]) 3: 788 – 789.

Eles eram tipologias da melodia espiritual feita nos corações do povo de Deus, enquanto eles estavam louvando-O nos Salmos, hinos e cânticos espirituais, sob o Evangelho, Efésios 5:19.”¹⁴³

O Novo Testamento e os Instrumentos Musicais

Até então tem sido observado que a utilização de instrumentos musicais na adoração pública do Antigo Pacto foi levítico e cerimonial. Estava intimamente conectado com o tabernáculo e o templo. Também foi visto que oculto público que acontecia semanalmente na sinagoga judaica ocorreu sem acompanhamento musical. Os judeus até tempos modernos consideravam o uso de instrumentos musicais pertencendo somente ao culto do templo. Sabendo que a Bíblia ensina explicitamente que cada elemento do culto deve ter uma sanção divina, aqueles que utilizam instrumentos musicais na adoração pública devem encontrar uma sanção no Novo Testamento. O Novo Testamento autoriza instrumentos musicais no culto público? Não. Não há nenhum vestígio de evidência no Novo Testamento para o uso de instrumentos musicais.¹⁴⁴ A utilização deles não é ordenada e nem mesmo existe um exemplo histórico do uso deles na igreja apostólica. Isto não deve ser nenhuma surpresa, dada a realidade de que a igreja da Nova Aliança era um padrão íntimo da sinagoga, o qual não usou instrumentos musicais, e a impressionante evidência do Velho Testamento que música instrumental serviu como tipos cerimoniais. Embora o Novo Testamento não autorize a utilização de instrumentos musicais na adoração pública, não se silencia a respeito do culto de Deus. O autor aos Hebreus diz: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (13:15). “Sacrifícios de animais foi vertido como obsoleto pelo sacrifício de Cristo, mas o sacrifício de ações-de-graças pode ser oferecido a ele por todos que apreciam o perfeito sacrifício de Cristo. Não mais em associação com o sacrifício de animais, mas através de Jesus. O sacrifício de louvor era aceitável a Deus”.¹⁴⁵ Visto que cristãos louvam a Deus por meio de Cristo e pelo seu perfeito sacrifício e não por tipos cerimoniais (e.g., incenso, velas, instrumentos musicais), ele deve falar “entre vós com salmos, entoando e louvando (fazer melodia) de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais” (Ef. 5:19). “A palavra grega para ‘fazer música’ (louvando) é psallo, que significa originalmente ‘dedilhar as cordas de

¹⁴³ John Gill. Exposition of the Old Testament (Streamwood, IL: Primitive Baptist Library, 1979 [1910]4:327).

¹⁴⁴ “Para considerar o silêncio do Novo Testamento a respeito do uso de instrumentos no culto, nós achamos claramente que eles (instrumentos) eram apontados para o templo como um acompanhamento do sacrifício; que com isto eles (sacrifício e instrumentos) eram conectados e por isso cessaram; na verdade, quando ‘o tabernáculo de Davi’ caiu [Amós 9:11; Isa. 16:5; Atos 15:15-17, etc], a indicação davídica dos levitas caiu com ele (tabernáculo de Davi). Em represária, tentativas são feitas para mostrar que este serviço instrumental tem um lugar na sinagoga. Mas isto envolve uma dificuldade imensa – pois como a sinagoga proporciona a plataforma geral da ordem eclesiástica na igreja cristã, se instrumentos pertenceram a sinagoga, eles devem ter tido o lugar deles na igreja cristã. Mas isto não está de acordo com o fato de que a igreja apostólica não os usou, nem a igreja pós-apostólica por vários séculos. Pois o uso de instrumentos musicais na sinagoga tem uma evidência que é muito evanescente – é com certeza sem nenhuma utilização de instrumentos. É certo que o Novo Testamento oferece nenhum uso de instrumentos”. (James Glasgow, Heart and Voices: Instrumental Music in Christian Worship Not Divinely Authorized. [Belfast: C. Aithchison; J. Cleeland, N. D.], p. 12).

¹⁴⁵ F.F. Bruce, The Epistle to the Hebrews (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 405.

um instrumento'. Isto dá uma figura linda de como um louvor verdadeiro e aceitável a Deus realmente é. Desde que a palavra psallo não pode ser separada da palavra 'coração', literalmente significa 'dedilhar as cordas de seu coração ao Senhor'. Quando a música do coração é expressa por meio de lábios que confessam o nome do Senhor, não há necessidade para apoiar instrumentos".¹⁴⁶ "Os ritos levíticos exigiram do povo terreno de Deus a providência material de oferta: mas os 'sacrifícios' de cristãos são totalmente espirituais no seu caráter".¹⁴⁷ D. W. Collins escreve:

"Pode ser apropriado lembrar o leitor que o apóstolo mostrou aos hebreus que o sistema cerimonial deles tinha acabado, e que ele incidentalmente refere-se no nono verso aos sacrifícios oferecidos no altar, e afirma no décimo verso que nós temos um altar na presente dispensação da qual eles não têm direito de participar, que adere a dispensação cerimonial. Assim como os corpos de animais, pelos quais o sangue era usado no santuário ou templo, foram queimados sem o campo, da mesma forma Cristo sofreu sem o portão – virou Suas costas para o serviço cerimonial, como não mais vantajoso. Os hebreus são, portanto, exortados a seguirem-No esquecendo a Jerusalém literal, com todas as suas associações cerimoniais – ir em frente sem o campo, agüentando Sua admoestação. Sem dúvida de que esta admoestação, na experiência de um Hebreu, seria seu abandono do ritual, o qual era orgulho dos Judeus e aceitar o culto simples do evangelho, o qual distinguia os seguidores de Jesus".¹⁴⁸

Todos os tipos do templo (a queima contínua de incenso, o sacrifício de animais, o tocar de instrumentos musicais durante o sacrifício, etc.) foram renunciados pela realidade – Cristo. Portanto, cristãos oram e louvam sem o incenso e sem instrumentos musicais, mas com os lábios apenas. A glória do templo com sua exibição visível e magnificência audível sem dúvida alguma estimulou os sentidos e a reverência inspirada, mas agora que Cristo veio e instituiu ordenanças no Novo Testamento, nosso foco é para ser inteiramente Nele – a realidade. O simples culto não adornado da era do Evangelho nos trás a presença do templo maior – Jesus Cristo – quando nós cantamos cânticos divinos, ouve a palavra de Deus, escuta a pregação e alimentasse espiritualmente do Corpo de Cristo. Colocar sombras, incenso, instrumentos musicais, vestimentas, altares, etc., dentro do culto da Nova Aliança meramente serve para esconder Cristo e Sua glória debaixo de externalidades obsoletas. "Fazendo assim, seria uma grave desonra para com o Senhor Jesus, pois indicaria uma maior apreciação dos tipos do que o arquétipo glorioso, o próprio Salvador".¹⁴⁹ Alguns crentes têm tentado encontrar sanção divina para o uso de instrumentos musicais no livro de Apocalipse. O livro realmente menciona a utilização de harpas (Ap. 5:8; 15:2) no céu. O problema com esta consideração é que Apocalipse frequentemente usa tipos do Antigo Testamento e símbolo para representar dramaticamente realidades da Nova Aliança. João continuamente refere-se a Jesus Cristo como "o cordeiro" (Ap. 5:6, 8, 12-13; 6:1, 16; 7:9-10; 12:11; 13:8; 14:1, 4, 10, etc.). Ele refere-se a igreja como "o templo" (3:12; 11:1-2) e a "Nova Aliança" (3:12; 21: 2, 10). João menciona a "arca de Sua aliança" (11:19) e até descreve um altar (6:9;

¹⁴⁶ Robert B. McCracken, What about Musical Instruments in Worship?.

¹⁴⁷ Arthur W. Pink. An Exposition of Hebrews (Grand Rapids: Baker, 1954), p. 1217.

¹⁴⁸ D. W. Collins, Musical Instrumental in Divine Worship, p. 77.

¹⁴⁹ M. C. Ramsay. Purity of Worship. p. 13

8:3, 5; 9:13; 11:1; 14:18; 16:7). Está João falando de um altar literal? Não. Philip Hughes escreve: “Além do mais, quando ele diz que ele os viu debaixo do altar, isto não deve ser entendido que existe um altar literal no âmbito celestial. O altar de sacrifício no sistema Mosaico, com seu sacerdote e ofertas, direciona tipologicamente ao altar da cruz, onde Cristo, tanto Sumo-sacerdote quanto Vítima, se ofereceu por nós pecadores”.¹⁵⁰ O livro de Apocalipse menciona incenso (8:4), mas João especificamente diz que o incenso é o símbolo das orações dos santos. João fala do uso de trombetas (1:10;4:1; 8:13; 9:14), mas em cada exemplo as trombetas simbolizam vozes ou proclamação de julgamento. “João não ouve uma trombeta literal, mas o som de uma voz comparada ao som da trombeta (4:1). De forma similar, a música que João ouviu (14:2, texto grego) não era o som da harpa. Era o som da voz humana comparada com os tocadores de harpas dedilhando o tal instrumento de corda”.¹⁵¹ Como o incenso representou a oração do povo de Deus, as harpas representaram o louvor dos santos. “O emprego destes símbolos cerimoniais –entendidos, como eles são, de um sistema ab-rogado – adiante confirma o fato de que eles não faziam parte da adoração do Novo Testamento”.¹⁵² Portanto, o livro de Apocalipse não mais autoriza o uso de instrumentos musicais no culto público do que autoriza incenso, altares, trombetas ou templos de sacrifícios. Não se pode aceitar arbitrariamente um sem aceitar também o outro. O papado está pelo menos consistente em aceitar todas as tipologias.

Conclusão

Um exame da lei escriturística de Deus do culto e do uso de instrumentos musicais na adoração pública na Bíblia pode-se chegar a apenas uma conclusão. A utilização de instrumentos musicais no culto público de Deus na era da Nova Aliança não possui autorização bíblica e não é escriturística. A evidência bíblica de que o uso de instrumentos musicais na adoração pública era levítica, cerimonial e tipológica é clara como o cristal e esmagadora. É uma tragédia que muitos cristãos pensem que estão adorando a Deus aceitavelmente quando eles estão engajados em práticas cúlticas que não são designações divinas, os quais, portanto, não podem agradar Jeová. “Não há nada que Deus, em sua palavra abençoada, defenda com mais zelo do que seu culto, como vimos também não há nada que Ele repreende com mais severidade do que presunção impenitente do homem em determinar forma de adoração para ele próprio”.¹⁵³ Esta conclusão não será aceita por muitos ciclos reformados hoje. Para tais pessoas nós pedimos: por favor, produza autorização divina para o uso de instrumentos musicais na adoração pública, mostre-nos apenas uma ordenança ou exemplo histórico que não seja cerimonial e tipológico. Nós não estamos sendo preconceituosos contra instrumentos musicais e o uso dele na hora apropriada; nós simplesmente não encontramos um vestígio de evidência bíblica de que são para serem usados no culto público da Nova Aliança. Alguns simplesmente vão arrancar umas poucas referências sobre instrumentos musicais dos Salmos fora

¹⁵⁰ Philip Edgcumbe Hughes, *The Book of the Revelation* (Grand Rapids:Eerdmans, 1990), p. 88.

¹⁵¹ G. I. Williamson, *Instrumental Music in the Worship of God*, p. 10.

¹⁵² *Ibid.*, p. 10.

¹⁵³ Thomas E. Peek. *Miscellanies* (Richmond, VA: The Prebyterian Committee of Publication, 1895), Vol. 1, pp. 68-69.

dos seus contextos bíblicos e históricos como um pretexto, porém a maioria atacarão a lei escriturística do próprio culto. Ou eles irão abertamente abandoná-lo, relegando-o a uma antiga dispensação,¹⁵⁴ ou eles simplesmente vão redefini-lo, subjugando-o virtualmente como desnecessário para apoiar a autonomia humana e a inovação no culto. Este ataque é uma má distorção das Escrituras, porém lógico para aqueles apaixonados por tradições humanas. Por quê? Porque o princípio regulador (bíblicamente entendido) é o fundamento do culto reformado verdadeiro e Presbiteriano. Abandoná-lo ou redefini-lo, levará a um declínio inevitável. Porquê? Porque todo homem, até os regenerados, são pecadores os quais se deixados por eles mesmos, eventualmente, poluirão e corromperão o culto de Deus. A história de Israel e da igreja cristã prova esta afirmação. “A grande lição ensinada pela história do culto-imagem e a reverência de relíquias é a importância de aderir a Palavra de Deus como a única regra de nossa fé e prática, recebendo nada como religião verdadeira, a não ser o que a Bíblia ensina, e admitindo nada na adoração divina que as Escrituras não sancionam nem ordenam”.¹⁵⁵ 125 Outros que objetam a tese deste livro reivindicam que o uso de instrumentos musicais na adoração pública é uma questão adiafórica – ou seja, é apenas uma mera “circunstância de adoração comum às ações humanas e sociedade”.¹⁵⁶ 126 Tal afirmação ignora o Velho Testamento inteiro que é claramente estabelecido que o uso de instrumentos musicais no culto era por autoridade divina. A utilização de instrumentos musicais, seus projetos e as várias famílias levíticas que tocaram todos eles foram determinações de ordem expressa. Este fato é inquestionável. Porém, ainda é argumentado: não poderia o uso de instrumentos ser mandato divino para o templo e ser adiafórico para o culto público da sinagoga e das assembléias

¹⁵⁴ Douglas Wilson (em *Credenda/Agenda*) tem argumentado que o princípio regulador aplica-se apenas para o templo e, portanto, não tem de forma alguma importância no culto cristão. Contudo, tal argumento completamente ignora o testamento escriturístico a respeito de ambos Velho e Novo culto da Aliança. A afirmação mais clara na Escritura do princípio regulador (Deut. 12:32) é uma ordem muito ampla e não é de maneira nenhuma restrita ao tabernáculo. Além disso, está óbvio das muitas passagens discutidas neste livro que o princípio regulador foi aplicado a situações que nada tinham haver com o tabernáculo ou templo (e.g., Gen. 4:3-5; Jer 7:31; 19:5; 1 Reis 12: 26-33; Mt. 15:1-3; Col. 2:20-33). Jesus aplicou o princípio regulador nos Fariseus por adicionar um ritual de limpeza a lei de Deus o qual foi feito em casa e nada tinha a ver com o templo (Mat. 15:1-3). O apóstolo Paulo acreditou em uma validade permanente do princípio regulador de Deus e até o aplicou explicitamente a igreja de Colossos (Col. 2:20-33). Os judeus que retornaram da Babilônia acreditaram que o princípio regulador era para ser aplicado além do templo de adoração, pois eles aplicaram especificamente no culto da sinagoga. Pastores e eruditos que advogam instrumentos musicais no culto público, dias santos extrabíblicos (e.g., Natal) e hinos não-inspirados se encontram em posição precária para ter que defender o que é escrituristicamente indefensável. O resultado é de eruditos brilhantes empenhados em exegeses falhas, raciocínios falaciosos e apelações para o sentimentalismo.

¹⁵⁵ Charles Hodge. *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1973), Vol. 3, p.3. “É feita a pergunta: Como isto exige da vida espiritual ser manifestada em relação ao culto de Deus? A história inspirada e não-inspirada fornecem apenas uma resposta – pelo descontentamento e inércia à simplicidade da exigência divina na adoração”. (D. W. Collins, p. 93).

¹⁵⁶ Muitos argumentam que instrumentos musicais são uma necessidade prática, como luz, cadeiras, prédio da igreja e assim por diante. Este argumento ignora o fato de que as sinagogas Judaicas viveram sem instrumentos musicais por mais de dois mil anos. Congregações cristãs se deram bem sem eles por mais de 250 anos. Ainda existe um número pequeno de igrejas Presbiterianas que não os usam. Além disso, se instrumentos eram apenas uma questão de necessidade prática, o uso deles no culto não teria tido que esperar por uma autorização divina.

cristãos? Não. O princípio regulador nunca foi limitado ao templo (cf. rodapé 124). Além disso, algo incidental para o culto por natureza é incidental ou adiafórico em todas as circunstâncias. O fato de que os Judeus em tempo bíblico (certamente até 1810) consideraram instrumentos musicais como uma necessidade de sanção divina para a sinagoga deve acabar com o argumento música-como-circunstância. “Se, como alguns imaginam, os apóstolos empregaram instrumentos de música no culto público, seus instrumentos devem ter sido enterrados com eles. Eles (instrumentos) tiveram um considerável sepultamento prolongado, pois eles não tiveram ressurreição até pelo menos sete ou oito séculos depois. Ele não reaparecerem na adoração cristã até a era negra do Papado quando, por adição não autorizada para o culto da igreja, homens danificaram a beleza divina e a simplicidade do culto puro do Novo Testamento”.¹⁵⁷

Infelizmente, no final das contas, nós estamos vivendo em um tempo de sério declínio a respeito do culto e doutrina. Muitas pessoas não estão interessadas em reforma. Muitos líderes estão satisfeitos em defender o status quo. (Mas, uma igreja não-reformada é deformada). Quando os confrontamos com a evidência bíblica a respeito do uso de instrumentos musicais no culto público (também, dias santos não-autorizados e salmodia exclusiva) a resposta geralmente é: “Eu não quero nem ouvir. Quem se importa com isso? É interessante, mas eu amo o som da música dos instrumentos no culto. Esta questão pode ser divisionista, portanto esquece”. Estas respostas revelam uma atitude não escriturística e anti-reformada. “Não está evidente – evidencia dolorosa – de que são realmente palavras arrogantes? ‘Quem se incomoda com o que Deus quer’, tais pessoas na verdade dizem: ‘Conquanto eu tenha o que quero! Eu sou o importante!’ Isto é a antítese da verdadeira religião”.¹⁵⁸ 128 Tradições humanas têm a habilidade de puxar os “cordões do coração”. É por isso que eles são tão perigosos para a pureza do culto evangélico. Nossa esperança e oração é que o Espírito Santo traga reavivamento para Sua Igreja e destrua estas inovações, raízes e ramos. Não é tempo para ser arrogante, mas para ser humilde, orar e labutar por reforma. Vamos retornar ao simples, não-adornado culto da igreja apostólica e dos nossos pais calvinistas. Que Deus tenha misericórdia da Sua Igreja e traga de volta as marcas da Reforma.

¹⁵⁷ James Glasgow. Heart and Voice, p. 9.

¹⁵⁸ G. I. Williamson, Instrumental Music in the Worship of God, p. 15.

Uma palavra fraterna ao irmão Bob Shaw e a outros que passam por experiências espirituais semelhantes

Recebi hoje, via e-mail, um documento do pregador Bob Shaw, que trabalha e mora no Canadá. Esse documento está sendo distribuído de forma ampla e narra a experiência pessoal desse irmão:

Passei mais ou menos os primeiros vinte e cinco anos da minha vida, lutando contra música instrumental na adoração, acreditando ser uma questão de fé. Já que eu via como uma questão de doutrina, eu não tinha receio em me sentir justificado em condenar ao inferno todos que usavam instrumentos. Durante os últimos dez anos, me convenci que música instrumental é uma questão de opinião. Para alguns, isto fará de mim um “liberal”, que não está se levantando pela verdade. Mas eu tenho o direito de mudar minha mente, e eu quero te contar por que eu mudei minha mente. Foi uma análise honesta e aberta da nossa “posição” e uma busca diligente das Escrituras. Aqui estão algumas das coisas que descobri:

Diante deste testemunho, quero contribuir com pensamentos e comentários sobre a proposta apresentada. Para aqueles irmãos que tema questão como resolvida, creio que tenho pouco a dizer, mas para os que estão na dúvida, eu gostaria de compartilhar algumas ideias.

Para que não se confunda o que disse o irmão Bob e o que estou dizendo, deixei as palavras dele sempre nas “caixas”.

Minha primeira palavra, dada por amor é: “Não condenemos ninguém ao inferno!” O problema de achar que um tema é questão de fé ou de opinião, é um problema é secundário. Condenar é verdadeiro problema.

Se algum irmão, ao pregar algo, condena pessoas ao inferno, mesmo que esteja falando de assuntos aceitos por toda a cristandade, não estará fazendo a verdadeira pregação. Nossa pregação é “boa nova” e não “más notícias”. No caso, o desconforto espiritual não eram os instrumentos, mas a condenação decorrente.

Aparentemente, Bob vivia um dilema: (i) ou condenava as pessoas que tocavam os instrumentos ou (ii) deixava de crer que a música da igreja era apenas vocal.

Parar de condenar ou parar de crer na música vocal? O caminho escolhido parece ter sido o segundo. Contudo, basta parar de condenar para a consciência espiritual ficar bem aliviada.

Quem condena, sente-se mal e logo busca uma forma de livrar-se do que gera a condenação. No caso, ele livrou-se da “música a capela”. Ao invés de parar de condenar, ele atacou a música vocal.

Vamos examinar estes argumentos rapidamente, pois uma análise maior pode ser encontrada em outros lugares.

1. Cheguei à conclusão que todas as referências a cântico, que usamos para defender nossa posição, estavam dirigidas a indivíduos cristãos e não à igreja congregada. Isto significa que para sermos consistentes, teríamos que dizer que música instrumental seria tão errada em casa quanto na igreja; uma posição que geralmente não tomamos.

As cartas de Paulo eram lidas para as igrejas congregadas (Cl 4.16; 1Ts 5.27) e os seguintes versos certamente falam de música cantada na assembleia:

Ef 5.19 – “**falando** entre vós com salmos, **entoando** e **louvando** de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais”.

Cl 3.16 – “**instruí-vos** e **aconselhai-vos mutuamente** com toda a sabedoria **louvando** a Deus com salmos, e hinos, e cânticos espirituais”

Isso vale para todo o louvor a Deus que fazemos em casa ou na “igreja”, quando estamos em comunhão com outros irmãos.

Por que será que o irmão não lembrou destes fatos básicos? Talvez, porque condenar outros faz com que fiquemos tão atrapalhados espiritualmente que nossa exegese fica cega.

2. Cheguei a questionar se eu poderia realmente acreditar que milhões de pessoas serão condenadas ao inferno por violar uma lei que nem mesmo se acha nos livros. Pode imaginar sendo preso, julgado, e condenado por quebrar uma lei que nem mesmo existe? E temos que admitir que não existe lei proibindo instrumentos na adoração. Não é Deus um Deus justo?

Condenar outros pode tornar-se um problema tão grande que faz aquele que condena busque “frases de condenação”: “Não pode isto e não pode aquilo”. Mas a Bíblia não é assim. Os judeus legalistas no tempo de Jesus tentavam transformar a Torá num conjunto de regras do tipo “pode-e-não-pode”. Infelizmente as igrejas também fazem isto. Mas a Bíblia geralmente ensina “o que deve ser feito” ao invés de ficar fazendo longas listas do que não pode ser feito.

Não existe um versículo no Novo Testamento dizendo “Não usarás instrumentos musicais na assembleia cristã”, mas também, não existe um versículo na Bíblia condenando o uso de incenso na adoração cristã. Não existe um único versículo que nos proíba de malhar e fazer ginástica na adoração ao Senhor. Na verdade, a Bíblia fala do que Deus quer que nós façamos. Não substituamos o que Deus pediu pelo que ele não pediu. (Mc 7.8).

Se Deus vai condenar ou não, isto é com ele, mas devemos ser honestos em admitir que Deus pediu certas coisas e seu pedido é

suficiente: ele não precisa inventar uma lista de “nãos” para garantir que façamos o que ele pediu. Ele pediu que cantássemos. Ele não pediu o incenso, nem a ginástica e nem os instrumentos. Ele só precisa pedir! O Novo Testamento não é um livro de lei, mas um evangelho onde Deus nos diz o que quer e nós o atendemos por crer que é bom para nós a forma como ele pediu.

3. Fui forçado a concluir que se música instrumental é o pecado em que o transformamos, então certamente Deus o teria deixado claro. Só iria exigir apenas uma linha a mais na Bíblia. Deus não deixa claro as questões de salvação?

Este é o perigo de transformar tudo em um grande pecado. Isto nos estressa e nos cansa. Chegamos ao ponto de não querer condenar nada nem ninguém. Chegamos ao ponto de querer que Deus diga as coisas do nosso jeito.

Exigir que Deus escreva estas “linhas” a mais na Bíblia, faria da Escritura um livro de “nãos”. Não ao incenso. Não à ginástica. Não ao batismo infantil. Não ao batismo forçado. Não ao batismo por interesse. Não ao ‘batismo’ por aspersão. Não... Não... Não...

Deus teria que prever todas as inovações da história da igreja e colocar um “Não” para cada uma delas na Bíblia.

A salvação vem de Jesus e não há nada mais claro na Bíblia do que isto. Quem condena muito perde o foco principal.

4. Eu tive que encarar o fato que enquanto lemos os Salmos em nossas assembleias, pulamos aqueles que chamam ao uso de instrumento no louvor a Deus. É como se esses salmos fossem cirurgicamente removidos da Bíblia! Estes salmos chamam as pessoas a fazer o que é pecaminoso?

Em meus 44 anos de vida cristã (desde 1968), tenho ouvido leituras dos Salmos que citam os instrumentos musicais, sem a omissão mencionada pelo irmão. O hábito recorrente de condenar os outros leva, finalmente, a condenar a Bíblia – é justamente isto que disse Tiago: “aquele que fala mal de seu irmão fala mal da lei e julga a lei” (Tg 4.11). Não condenemos nem a Bíblia nem os irmãos!

Leiamos todos os Salmos. Os que falam do sacerdócio de Arão (Sl 132), embora ele não esteja em vigor hoje em dia. Os que falam de holocaustos e sacrifícios de animais (Sl 50) ou de incenso (Sl 141), embora não façamos mais nada disto hoje em dia na igreja de Deus. Devemos ler os Salmos que falam de instrumentos como o Salmo 150, pois isto era feito desta forma pelos levitas do templo judaico,

embora não sejamos levitas e o templo de Deus agora não é mais um prédio.

Ler os Salmos não nos leva ao pecado – nos leva para Deus. Certamente, temos que levar em conta o momento histórico e as formas de adoração da época. Se tudo que está nos Salmos for introduzido no louvor cristão, só por não ser proibido, todas as coisas mencionadas acima, e muitas outras, terão que ser assumidas.

Os Salmos ensinam que os Israelitas e depois os Judeus honravam a Deus obedecendo os pedidos dele na adoração. O Velho Testamento nunca proibiu “virgens sagradas” para trabalhar no templo, mas não precisava proibir. O Velho Testamento escolheu os homens da família de Arão para este serviço. Logo, estão excluídas as “virgens sagradas” presentes em muitas religiões pagãs do mundo antigo. O silêncio proíbe.

Os Salmos mostram um povo que adora a Deus do jeito que ele pediu naquela época.

5. Eu tive que admitir para mim mesmo que havia cristãos bons, honestos, e conhecedores, que não veem esta questão da forma que vemos. Tais pessoas respeitam a autoridade da Bíblia o tanto quanto nós.

O problema de sempre condenar ao inferno quem não concorda exatamente conosco leva a esta dificuldade acima. As pessoas não parecem más e nem dignas de condenação. Na verdade, muitas vezes parecem (e são) melhores do que nós, pois não ficam condenando!

De tanto condenar outro, perdeu-se a percepção de poder estar errado, tanto sendo “não-instrumental”, quanto sendo “instrumental”. Sempre podemos estar errados. Somos salvos pela graça e não por nossa capacidade intelectual de acertar a doutrina!

Ora se não somos salvos pela doutrina, por que preocupar-se com ela? Os autores do Novo Testamento nos ensinam que as falsas doutrinas nos tiram de Cristo, o Salvador (Gl 5.4). Este é o perigo!

Assim, vamos parar de condenar os outros, mas não vamos deixar de buscar a verdade nas Escrituras. Todos reconhecemos que a sinceridade e honestidade não garantem a verdade: Saulo era um sincero matador de cristãos (At 23.1).

Vamos reconhecer que outros irmãos pensam diferente de nós. Não precisamos condenar e nem inocentar: não somos juízes. Somos profetas: falamos a vontade de Deus conforme nossa melhor compreensão: (i) com humildade, pois somos humanos, mas (ii)

tentando interpretar a Bíblia que é a Revelação Divina para a humanidade.

6. Eu consegui enxergar a falácia da nossa posição em certo evento. Em um fórum aberto na Universidade de Freed-Hardman, um dos nossos pregadores mais conhecidos, Guy N. Woods, foi perguntado se estava tudo bem se um instrumento fosse colocado no prédio de uma igreja para um casamento. Sua resposta começou assim: “Já que a Bíblia claramente ensina que música instrumental na adoração é pecaminoso...”. Ele continuou a aconselhar contra, uma vez que pessoas poderiam pensar que aprovamos o seu uso na adoração.
- Devo dizer com honestidade e sinceridade que a Bíblia *não* ensina claramente que música instrumental na adoração é pecaminoso! Isto é apenas [fruto de] nossa dedução e inferência. A Bíblia de fato claramente ensina que música instrumental é apropriado e bom e agradável a Deus (Sl 92, 147, 150, etc.).

O Salmo 92 era para ser usado no dia de Sábado, conforme a antigo título hebraico e menciona o Templo Judaico (v. 13). O Salmo 147 louva Jerusalém ou Sião como local de reunião do povo de Deus. O Salmo 150 fala do Templo Judaico (ou do Universo), de danças (ou flautas) e numa hipérbole, de todos os seres que respiram.

Sábado, Templo Judaico, Jerusalém e Sião, danças e muitos animais. Tudo isto não tem muito a ver com o que fazemos na igreja. Na verdade, Jesus e os apóstolos “espiritualizaram” estas coisas. Jesus disse que ele era o templo e passou isto para seu corpo, que é a igreja. Jerusalém, Sião e até o sábado tornaram-se símbolos dos céus.

O que a Bíblia ensina claramente é que a música instrumental foi mandamento de Deus no culto do Templo Judaico. Outra coisa que a Bíblia ensina claramente é que os cristãos devem cantar a Deus e a Jesus em suas assembleias.

O que Deus pediu, basta. Ele não teve que proibir, no Velho Testamento, o uso de dançarinas rituais. Ele só não pediu. Ele não tem que proibir, no Novo Testamento, o uso de instrumentos: ele só não pediu.

Mas alguém pergunta: “Mas é pecado ou não?” E eu respondo: “Você quer fazer o que Deus pediu ou quer fazer o que você quer?”

A questão não é descobrir o que é pecado. Todas as listas de pecados do Novo Testamento são mais extensas que as listas de virtudes correspondentes. Não busquemos saber “o que Deus não permitiu”, e, sim, saber “o que Deus pediu”. O que ele pediu já exclui muitas coisas.

7. Fiquei ainda mais desarmado pela promessa que Deus está fazendo em me entregar uma harpa com a qual posso louvá-lo no céu (Ap 15.1-3). Se Deus aceitou e até mesmo ordenou instrumentos no Antigo Testamento, os condenou no Novo Testamento, e depois os aprovou novamente na adoração celestial, [então] nós temos um Deus vacilante, o qual é uma conclusão inaceitável. Tão pouco posso conceber um Deus misericordioso, amável, me dando um instrumento no céu, após condenar milhões de outras pessoas por tê-los usado.

Ao ler este ponto, e acreditando na sinceridade do irmão Bob, pensei: (i) Ou ele inexplicavelmente esqueceu de todo o seu treinamento teológico sobre a literatura simbólica da Bíblia, ou (ii) ele estava apenas revelando sua indignação contra tanta condenação.

Deduzo que o que ocorreu foi a última coisa. Acreditar que as coisas celestiais sejam exatamente como as descritas no Apocalipse é muito difícil para alguém que já estudou a Bíblia a nível “profissional” como é o caso dele.

Por que ele correu atrás de um texto tão simbólico e sem relação com a adoração da igreja na terra para defender o uso de instrumentos?

Porque, talvez, ele já não podia crer em tanta condenação! Ele não podia crer que Deus condene tanto e por “tão pouco”! No desespero teológico de escapar de uma teologia da condenação, o livro da Apocalipse sempre serviu de consolo para os cristãos oprimidos. O livro serviu de justificativa para o instrumento musical, levando ao fim o discurso condenatório.

O Apocalipse fala de incenso (Ap 5.8), altar de sacrifícios (Ap 6.9), vestes sacerdotais (Ap 6.11; 7.9), do Templo Judaico (Ap 11.1-2) e até da arca da Aliança (Ap 11.19). Normalmente não queremos supor que isto tenha algo a ver com a adoração realizada em nossas assembleias, a não ser em linguagem simbólica.

Que tal aceitar que no Velho Testamento, Deus incluiu os instrumentos no culto e no Novo Testamento ele retirou e simplificou a adoração a atos simples, feitos com o corpo, de modo racional, em espírito e em verdade, em todo lugar e, um dia, nos céus, como simbolicamente descrito no Apocalipse, tudo será restaurado?

8. Cheguei a enxergar que o problema básico em tudo isto é distinguir entre questões de fé e questões de opinião. O mesmo argumento que condena música instrumental condena escola dominical, escolas bíblicas de férias, múltiplos copinhos na ceia do Senhor, harmonia de cântico em quatro vozes, e muito mais. Até que enxerguemos que essas são opiniões sobre as quais podemos concordar em divergir, continuaremos a nos dividir.

Neste ponto chegamos ao âmago da questão. O irmão acredita que o princípio de interpretação que diz que “o silêncio proíbe” é equivocado. Ele vê que este princípio tem gerado divisões nos vários assuntos citados acima. Assim, ele pensa que a raiz do problema é o princípio que “o silêncio proíbe”¹⁵⁹. Assim, ele está assumindo o princípio que “o silêncio permite”¹⁶⁰.

O ponto, contudo, é que não podemos viver sem ele! Ninguém consegue viver nem na igreja e nem mesmo na sociedade em geral sem usar, muitas vezes e de muitas maneiras, o princípio de comunicação e também de hermenêutica que diz que “o silêncio proíbe”.

Se “o silêncio permite”, quase qualquer coisa não proibida objetivamente na Bíblia pode ser apresentada como atividade de louvor nas assembleias. Vamos fazer “exercícios” em louvor a Jesus? Podemos também usar velas, terços, batinas, mitras, água benta, pegar em serpentes, cair em nome do Senhor, latir em nome do Senhor, etc., afinal, nada disto é objetivamente e claramente proibido.

Enfim, se eu pudesse ter ajudado o irmão Bob, antes que ele rejeitasse a música da igreja, eu teria dito a ele para não condenar ninguém e continuar louvando do modo como Deus pediu. Provavelmente, haveria menos culpa e evitaria esta rejeição da música ao estilo da igreja.

Se você tem dúvidas e quer saber mais sobre a música à moda da igreja, pode escrever para mim. Terei prazer em ajudar. Há muitas boas e excelentes razões para usar apenas música vocal nas assembleias cristãs. O Novo Testamento é rico em explicar isto. Sugiro que continuemos a estudar e praticar a Escritura na adoração a Deus, nunca para condenar alguém.

Fiquem com Deus!

Álvaro César Pestana

alvarocpestana@gmail.com

Recife, 26 de setembro de 2012.

¹⁵⁹ O que é não é ordenado é proibido. Embora possamos buscar meios não especificados para uma ordem específica.

¹⁶⁰ O que não é proibido é permitido. Estamos livres para introduzir novas práticas, desde que não proibidas de modo claro.

Pedindo ajuda para o Dr. Augustus Nicodemus Lopes

Álvaro César Pestana

Estou deliberadamente “cortando e colando” textos do Dr. Augustus Nicodemus Lopes sobre a “dança” nas igrejas, para mostrar que o raciocínio que vale para não ter “dança litúrgica” na igreja é o mesmo para não ter “música instrumental” nas assembleias cristãs.

1. Contra o argumento de usar o exemplo de heróis do Velho Testamento para afirmar práticas do Novo Testamento:

Bem, primeiro porque não acredito que devemos fazer normas ou estabelecer princípios gerais para a vida da igreja simplesmente com base em atos, ações, eventos, incidentes envolvendo os heróis da Bíblia. Nem tudo o que aconteceu na vida deles pode virar paradigma para os cristãos. A não ser aquelas coisas que a Bíblia determina. Jesus, por exemplo,

Ou seja, se Davi tocava harpa ou se dançava, isto não é padrão para a igreja.

O ponto é que o que ocorreu no Velho Testamento não pode e nem precisa ser tomado como padrão para a igreja cristã que vive em outra aliança, o Novo Testamento

2. Contra o uso dos exemplos sem cuidadosa consideração histórica e contextual.

Uma segunda dificuldade que tenho é com esse tipo de interpretação, muito popular hoje entre os evangélicos, que simplesmente transpõe para nossos dias os eventos históricos narrados na Bíblia, sem levar em consideração o contexto cultural, histórico, teológico e literário deles, usando-os como base para construir ritos, práticas e regras a serem seguidos nas igrejas cristãs. Moisés bateu com a vara na rocha — lá vem a reencenação do episódio nas igrejas como símbolo da vitória. Ouvi falar que a derrubada da muralha de Jericó foi

Ou seja, não é porque a Bíblia narra um evento que ele tem que ou pode ser repetido nas reuniões cristãs, a título de “ritual religioso”. Parece que a ceia é para ser repetida, outras coisas não foram pedidas.

3. Contra o uso daquilo que não era ordenado. O “argumento da proibição pelo silêncio”.

alegria perante o Senhor. Segundo me consta, nos cultos determinados por Deus no Antigo Testamento não havia dança alguma. Deus não determinou a dança como elemento de culto. Não há nenhum registro de que as danças fizessem parte do culto que lhe era oferecido no templo. E acho que os apóstolos e primeiros cristãos entenderam dessa forma, pois não há danças nos cultos do Novo Testamento.

O argumento do Dr. Lopes é simples: o Velho Testamento não pediu danças. Os apóstolos e os primeiros cristãos, não praticaram isto. Logo, “o silêncio proíbe”!

Isto vale para a música instrumental. Ela era usada apenas no Templo. Ela não foi usada na igreja. Parafraseando a última

expressão do parágrafo acima: “Não há instrumentos musicais nos cultos do Novo Testamento”.

4. Contra misturar princípios da vida comum com os princípios que conduzem a assembleia cristã.

Todos nós já ouvimos o argumento que tudo que fazemos é adoração a Deus, logo, se eu toco instrumentos ou se eu danço, isto pode ser feito para a glória e honra de Deus, pois tudo deve ser feito para este fim.

O prof. Augustus, com muita lucidez, mostra que não devemos “misturar” as coisas que estão separadas nas Escrituras.

Por último, acho que esse tipo de argumento, “Davi dançou, eu também quero dançar”, deixa de lado alguns princípios importantes sobre o culto que devemos prestar a Deus. Primeiro, embora toda a nossa vida seja um culto a Deus (1Co 10:31), ele mesmo determinou que seu povo se reunisse regularmente para cultuá-lo, cantar louvores a seu nome, buscá-lo publicamente em oração e ouvir sua Palavra (Hb 10:25; Mt 18:20; At 2:42, 20:7; 1Co 11:17-18, 11:20, 14:2). Uma coisa não exclui a outra, mas não devem ser confundidas. Nem tudo que cabe na minha vida diária como culto a Deus caberia no culto público e solene. Por exemplo, posso plantar bananeira para a glória de Deus, mas não vejo como justificar isso no culto público regular das igrejas. Cabia perfeitamente a Davi dançar de alegria naquele dia, na procissão de vitória, nas ruas de Jerusalém. Todavia, não o vemos fazendo isso no templo de Jerusalém, durante os cultos estabelecidos por Deus.

“Plantar bananeira para a glória de Deus” nunca foi proibido, mas não é pedido: logo, é proibido!

5. Contra “ultrapassar o que está escrito” – não inventar nas reuniões cristãs.

Segundo, não podemos inventar maneiras de cultuar Deus além daquelas que ele nos revelou em sua Palavra. Os elementos que compõem o culto a Deus, até onde eu entendo a Bíblia, são a oração, o cantar louvores, a ação de graças, a leitura e pregação da Palavra, as contribuições voluntárias de seu povo, o batismo e a ceia (quando houver). É claro que

Veja que os meios que Deus nos revelou são os que devem ser usados. Inventar coisas não é o caminho, quando Deus já revelou o que queria.

6. Contra o uso do Salmo 150 para justificar a dança e a música instrumental.

Um dos textos do Antigo Testamento mais usados para defender as danças litúrgicas é o salmo 150. Ele é lido como prova incontestável de que havia danças como parte da liturgia dos cultos no Antigo Testamento realizados no templo de Deus em Jerusalém. Como consequência, acredita-se que dançar, ter grupos de coreografia e ministério de dança profética durante os cultos das igrejas evangélicas de hoje não somente é permitido, como também ordenado por Deus.

Observe que também é o Salmo mais citado para defender o uso de instrumentos musicais na igreja de Jesus.

Vou começar admitindo, por um momento, que o salmo 150 está falando do templo em Jerusalém e de danças durante o culto. A pergunta, que deveria ter sido feita desde o início, é se o culto cristão toma sua inspiração, gênese e formato do culto do Antigo Testamento. Para mim, a resposta é negativa, embora com qualificações.

O culto cristão toma sua inspiração, gênese e formato do culto do Velho Testamento? – Não!!

Abaixo, o prof. Augustus Nicodemos faz considerações que sustentam esta negativa.

(i) Os cristãos usaram um culto mais simples, como o da sinagoga.

(ii) O culto católico é o resultado de falta de cuidado na obediência: foram adicionando elementos rituais que não estavam no culto da igreja, mas que foram justificar no Velho Testamento.

Ao que tudo indica, os cristãos deram continuidade ao culto do Antigo Testamento apenas no que se refere aos princípios espirituais: a ideia de encontro com Deus, de adoração, de louvor, de solenidade, de alegria, de serviço espiritual como povo do Senhor, mas foram buscar nas sinagogas judaicas o formato para esse culto mais simples e despojado. Nas sinagogas, instituição onde cresceram o Senhor Jesus e todos os apóstolos, havia leitura e pregação da Palavra, orações, cânticos e bênção.

Ou seja, o formato do culto cristão foi o da sinagoga. Não tinha dança e nem música instrumental!!

que de fato houvesse danças no culto ali. Por falta desse cuidado, a Igreja Católica tem um culto muito similar ao do Antigo Testamento, no qual há o sacrifício da missa, sacerdotes que são mediadores entre Deus e homens e que perfazem esse sacrifício, estolas sacerdotais e mitra, queima de incenso etc.

O culto católico é um exemplo de ritual do Velho Testamento aplicado para a igreja de hoje.

Alguém poderia legitimamente indagar: “Se Deus aceita as danças no seu alto e sublime lugar, no santuário celestial, será que ele se desagradaria das danças no local da adoração terrena?”. A única resposta que eu tenho para isso é que a maneira que temos de saber o que agrada a Deus ou não em seu culto hoje é mediante o estudo do Novo Testamento. Então, o que Deus prescreve para o culto dos cristãos? Certamente, não encontraremos uma liturgia detalhada, uma sequência dos atos de culto, mas encontraremos os princípios espirituais que governam esse culto e os elementos que nele devem constar. E entre estes não acharemos as danças.

O que Deus aceitou no Velho Testamento e no Apocalipse não muda o que ele determinou para a igreja cristã: sem dança e sem música.

Temos que usar o Novo Testamento para saber o que Deus quer no culto a ele nos dias de hoje.

Augustus Nicodemus Lopes é presbiteriano, calvinista e puritano – por suas próprias palavras. Contudo, os princípios que ele usa para combater a dança litúrgica é o mesmo que muitos outros presbiterianos mais antigos sempre usaram para combater a música instrumental nas reuniões cristãs.

Obra citada:

*LOPES, Augustus Nicodemus. **O Ateísmo Cristão e outras ameaças à Igreja.** São Paulo: Mundo Cristão, 2011. Utilizamos o capítulo 28: “Davi dançou e eu também quero dançar”, p. 180-185.*

Lifting Our Voices

by Everett Ferguson

During my graduate study days at Harvard, I lived in the same dormitory with a Greek Orthodox student who was a graduate of the University of Athens and a candidate for the master's of theology degree at Harvard. I asked him if it was correct that the Greek Orthodox churches did not use instrumental music in their public worship. He said, "Yes." Then, I inquired as to the reasons why. His reply was most interesting to me: "We do not use instrumental music because it is not in the New Testament, and it is contrary to the nature of Christian worship." He stated my case for unaccompanied church music better than I could.

In elaborating my reasons for defending *a cappella* music in the public worship of the church, I would like to apply a method of approach that I have found helpful in considering disputed matters of Christian practice. This methodology involves three steps: 1. an analysis of the New Testament evidence, 2. a testing of one's interpretation of the New Testament by the testimony of church history, and 3. a consideration whether there is a doctrinal or theological reason that explains or gives meaning to the biblical and historical evidence.

New Testament Evidence

According to the New Testament evidence, instrumental music was not present in the worship of the early church. Singing incontestably was present in the corporate life of the early Christians (1 Corinthians 14:15; Colossians 3:16; Ephesians 5:19), and this was rooted in the practice of Jesus with His disciples (Mark 14:26). But there is no clear reference to instrumental music in Christian worship in any New Testament text.

We may note in passing that the New Testament passes no negative judgment on instrumental music *per se*. It makes neutral references to playing on instruments (Matthew 11:17), uses instruments for illustrations - with unfavorable connotations it may be noted (1 Corinthians 13:1; 14:7) and compares the heavenly worship to the sound of instruments - probably under the influence of Old

Testament and temple practice (Revelation 14:2). The situation is simply that instruments are not referred to in the church's worship.

Testimony of History

In J. W. McKinnon's doctoral dissertation, *The Church Fathers and Musical Instruments* [Columbia University, 1965], later summarized in his article "The Meaning of the Patristic Polemic against Musical Instruments" [*Current Musicology*, Spring, 1965, pp. 69-82], McKinnon presents information about the history of instrumental music in the church. His studies put the introduction of instrumental music - first the organ - even later than the dates found in reference books. It was perhaps as late as the 10th century that the organ was played as part of the worship service. This makes instrumental music one of the late innovations of the medieval Catholic church. And that was only in the Western branch of Christendom, not in the Eastern Orthodox branch, which we have seen still today does not use an instrument in worship - except for congregations under the influence of Western churches. Even in the West, the acceptance of instrumental music has not been uniform. The Reformed and Anabaptist branches of Protestantism eliminated the instrument as a Catholic corruption and only came to reaccept it - and then not uniformly - about the time instruments were being introduced into churches of the Restoration Movement. Thus, to abstain from the use of the instrument is not a peculiar aberration of a frontier American sect; this is easily the majority tradition of Christian history. Virtually no one has said it is wrong to worship *a cappella*, whereas many have thought instrumental music in worship is wrong. *A cappella* music is truly the ecumenical ground to occupy.

The church's nonuse of instrumental music is in contrast to the surrounding religious world. Any nonuse of instrumental music was not in the same category with nonuse of loud speakers. Instrumental music was available and was part of the surrounding religious practices. Pagan religions used instruments to accompany their sacrifices and to arouse the emotions of their worshipers. The instruments accompanied song. If the church were going to reject instrumental music because of its association with pagan worship, song should have been rejected too.

The temple cult of the Old Testament also employed instrumental music as an accompaniment to its sacrifices. Here, indeed, we may have a clue to the nonuse of instrumental music in Christian worship.

When the Levitical priesthood and the sacrificial cult were abolished, naturally its accompaniments were too. Thus, the incense that accompanied the offering of animal sacrifices became a symbol of the prayers of the saints (Revelation 5:8), but there is no reference to literal incense used in early Christian worship and several references in early Christian literature explicitly disowning it. Similarly something external and mechanical like instrumental music was superseded by the songs of praise.

Historical evidence makes it most unlikely that use of an instrument is implied in the term *psallo*, the Greek term for “music,” in the New Testament and shows that the absence of clear reference to instrumental music in the church’s worship in early days was not accidental. It was not mentioned because it was not there, not because there was no occasion to refer to it. There is no time when we can point to an original use of instruments in the church being abandoned.

The Nature of Worship

Thus far, we have seen that the testimony of church history and the circumstances of New Testament times point to a negative conclusion on the use of instrumental music in early Christian worship. Was there some reason, other than cultural or sociological, for the absence of instrumental music in early Christian worship? We turn now to the doctrinal or theological aspect of our study. It seems to me that this is the really conclusive consideration on which a decision about our practice today must be made. I would argue that *a cappella* music is more consistent with the nature of Christian worship. It is really the nature of Christian worship that determined early Christian practice and should determine our practice.

Worship is what we offer to God. The important thing in Christian worship is not our uplift, what pleases our senses, or what we find aesthetically satisfying. Instrumental music may put me in a certain mood, may stir my heart, and may stimulate high sentiments (as well as lower or lesser sentiments), but my feelings are not my worship. Instrumental music performed by someone else cannot be something I offer to God. Our worship is to be determined by what is rational, spiritual and verbal, not by what is emotional, aesthetic or sensual.

Worship is grounded in our relation to God, as creature to the Creator. That means we must come before God on His terms. The

gifts we offer are those He appoints. Instrumental music was an act of worship and not an aid in the Old Testament. It was a separate act. Playing an instrument is doing something different from singing. To offer mechanical music would require explicit authorization from God.

When Paul was confronted with disorders in the worship assembly of the church at Corinth, he invoked the standard of what “edifies the church” to govern the conduct of the worshipers (1 Corinthians 14:4, 6, 9, 12, 19, 26). What goes on in the assembly must be intelligible, understandable. Rational, spiritual, vocal music corresponds to this criterion. “[E]ach one has a hymn, a lesson, a revelation, a tongue, or an interpretation. Let all things be done for edification” (1 Corinthians 14:26 RSV). It is difficult to conceive of instrumental music contributing to the biblical meaning of edification, building one up in the faith. It is more likely to interfere with the purposes of edification than to contribute to them.

The type of vocal praise that evolved in the synagogue and the early church made instrumental music irrelevant. It is only the instrumentally conceived music of modern times that makes us think differently. It is no wonder, therefore, that historians and interpreters of church music agree that *a cappella* singing is the purest and highest type of church music. Many quotations could be assembled on this theme. Historians may not agree on an exclusive stand, but they do agree that this is the classic form of church music. I should not be understood as saying that just because the singing is unaccompanied it measures up to these standards of Christian worship - as edifying, spiritual, and an appropriate offering of man to God. I am simply saying that vocal music is best fitted to express the nature of Christian worship.

Conclusion

We are on good historical and theological grounds to engage in *a cappella* music in our public worship. This is safe, ecumenical ground that all can agree is acceptable. Instrumental music cannot be confirmed as authorized in the text of the New Testament. It did not exist in worship until centuries after the New Testament was written. Vocal music is more consistent with the nature of Christian worship.

Neither side of the instrumental music controversy has had a monopoly on Christian love and humility, and neither side has reason

for pride. My hope is that we can go beyond our recent history of bitterness and unite on the original undivided ground of the Restoration Plea. This should not be done out of the spirit “one side is right and the other wrong.” But let us be New Testament churches - in practice and in attitude, in loyalty to the Bible, and in the exercise of Christian freedom.

This article is adapted from Everett Ferguson’s book, A Cappella Music in Public Worship, which is being reissued in its third edition by Star Bible Publishing. Used by permission.

February 2000, *Gospel Advocate*, pgs. 12-13



IS IT TIME TO CHANGE?

by Stafford North

In 1827, Walter Scott was chosen as the traveling evangelist for the Mahoning Baptist Association of which Alexander Campbell's Wellsburg Church was a member. In this role, Scott preached to a religious world primarily Calvinistic in theology. The common view held that God chose who would be saved and notified those chosen by giving them a "religious experience." This experience, often taking place at the "mourner's bench," could be "the singing exercise," "the barking exercise," "the falling exercise," or some other "feeling" about which one could testify. Such experiences were considered proof a person had been "chosen" and thus, was saved and could not be lost.

Walter Scott, through his own study and through contacts with Campbell and others, knew such beliefs were not the teaching of scripture. In his preaching to churches of the Mahoning Baptist Association, he became the first among those restoring New Testament Christianity actually to evangelize on the truths Campbell, Stone and others had espoused. They had written about them and defended them in debate, but Scott was the first publicly to call people to obey them. During his first year as a traveling evangelist, Scott baptized over a thousand "for remission of sins."

In the nearly two hundred years since that time, great changes have taken place in the "Christian" world. William Adams, in his introduction to *Elect in the Sun* by Robert Shank, wrote, "Let it be remembered that, less than a hundred years ago, all five cardinal points of Calvin's system of theology generally prevailed among Baptists, as theological textbooks of the time will confirm. Today, only one point remains to any appreciable extent among Baptists, inevitable perseverance, and there is growing evidence that Baptists are increasingly questioning this last vestige of the central core of Calvin's system of theology."

Other religious bodies have changed since 1827 as well and, in many cases, these changes have brought them closer to what those in the Restoration Movement understand the Bible to teach. Many "community churches," for example, have sprung up which often bear many similarities to us. These "Bible churches" often have elders, renounce the denominational approach to Christianity, sometimes sing *a cappella*, and in some cases, even baptize for forgiveness of

sins. In fact, one of the best books written recently against the use of instruments in worship comes from Baptist minister John Price, whose congregation recently became *a cappella*.

All of this movement toward the teaching of scripture is not, of course, the direct result of our efforts at restoration, but some of it is. In an earlier generation we had debates with the leading figures in many denominations, thus exposing them to our understanding of scripture. They have certainly had access to our publications and some have attended our schools. And, as demonstrated in Everett Ferguson's *The Church of Christ: An Ecclesiology*, leading scholars among all faiths have concluded that the positions we hold are, indeed, the teaching of scripture. In short, there has been a movement among many in "Christendom" toward what have been teaching for the past two hundred years. While some, of course, are moving in other directions, the belief of many is growing closer to what we understand scripture to teach. It is also clear that churches moving away from stronger doctrinal teaching are tending to decline while those seeking to move closer to scripture are growing.

So here is the main point. At the very time there is movement toward the teaching of scripture by many outside of our fellowship, some in our fellowship want us to move away from what we have taught. They are uncomfortable with positions which, they say, are not "inclusive" enough, and so they advocate that we leave positions we have held to accept "broader" doctrinal positions. This would, they say, allow us to consider more people as saved.

Let me, however, advance a different proposition. There is a strong need in "Christendom" for a body of people who understand and practice Christianity as it was in the first century. Holding such a model before the religious world is not only true to scripture but can help bring others to this understanding. That has been and should remain our goal.

We do not have to operate in a "condemning mode" to do this. What we have to do, rather, is to operate in a mode of demonstration and proclamation. We baptize for remission of sins, for example, because that is what the Bible teaches, and because it is what the early church practiced. When we are asked, as I was last Wednesday night, "What will God do in judgment with an un-baptized believer?" we can reply that God does not authorize us to judge the salvation of individuals, but we find no scripture which offers such a person the promise of

salvation. God has not revealed just how He will handle every situation in the judgment. Will the un-baptized believer, for example, be treated differently than one who has intentionally rejected Christ altogether, or than one who never heard of Jesus at all? We don't know how God will handle every case.

And this is just the point. In saying "Our role is not to make final judgment of others," we can add, "we do know, however, that God promised salvation to the faithful baptized believer." Surely we should not trust our souls to a position of "I don't know," when we can stand in "I am sure." Or even more to the point, why would any of us want to lead someone to a doctrinal position that could only allow us to say, "This may be acceptable," when we could lead them to a position of "Based on scripture, I can be sure." No one, for instance, can find scripture which, when fully understood, promises salvation to one who rejects baptism "for forgiveness of sins." One can, however, find a promise of salvation to those who believe, repent and are baptized to be forgiven.

The same approach can be taken to the instrumental music question. "Will God send a person to hell just for worshiping with an instrument?" We know God has dealt severely in both the Old Testament and the New with people who have varied from his prescribed plan for worship. And yet, He has not revealed to us exactly how He will deal with the person who adds instruments to the specified singing. To this question, then, we say, "Since God has not specifically revealed the answer to that question, we can't say for sure." And again, that is just the point. Why would any of us want to stake our souls on a position about which we cannot be sure when we can have a position of certainty? No one doubts that unaccompanied singing from the heart is acceptable as worship to God. If you were teaching someone what music to use in worship, with certainty you could teach them to sing, but you could have no such certainty in teaching them to use instruments. So why would you encourage them to take a chance by using instruments?

Or, to take another example, no one can be certain that God approves of women as leaders in public worship. God has not told us that He does. We can, however, be certain that male-led worship pleases Him as Paul commands in 1 Corinthians 14:33-34, and as the early church practiced when under apostolic direction. So why move from what we can be sure of to what we cannot be sure of?

Let's continue to see our role in churches of Christ as providing, as nearly as we possibly can, a picture of the early church for all to see, while proclaiming that gospel message of which we can be sure. Since such a position is both the teaching of scripture and the direction many are moving, *this is no time to change*. "See that what you have heard from the beginning remains in you. If it does, you also will remain in the Son and in the Father. And this is what he promised us—even eternal life" (1 John 2:24-25).



CHURCH MUSIC IN EPHESIANS/COLOSSIANS

Part 1

Everett Ferguson

Exegesis of Colossians 3:15-17

Col. 3:15-17 is part of a passage that describes sins to be avoided (Col. 3:5-11), virtues (including worship) to be practiced (3:12-18), and a code of conduct for the members of a household (3:18-4:1). Some scholars suggest that this sequence of putting away sins, putting on the virtues of Christ, and conduct according to one's position in society represented the pattern followed in the instruction of new converts in early Christianity. At any rate, these topics provide the context of the verses we will study.

Verses 15 and 16 have a similar grammatical form, each introduced by a third person singular imperative, "Let the peace of Christ rule in your hearts" and "Let the word of Christ dwell in you . . . with gratitude in your hearts" (NRSV). The readers must open themselves up to peace and the word of Christ and allow those things to work. The dominant themes of this section, as they are of Colossians as a whole, are Christ and thanksgiving. The passage speaks of the peace of Christ (3:15), the word of Christ (3:16), and the name of Christ (3:17). The idea of thanksgiving also occurs in each of these verses (3:15, 16, 17).

The peace that Christ gives is to hold sway over the whole of our lives. "Hearts" is used in the Biblical sense of the center of intellect and will that governs the total person. God calls us to peace (1 Cor. 7:15). This calling takes place "in the one body," that is the church (Col. 1:18). The calling is not just individual but collective. In this one body there is to be unity. As there is one body, there is to be one spirit, that of peace, animating it. Along with peace there goes thanksgiving as characteristic of the church. The command calls for more than a grateful attitude: thanksgiving is to be expressed. Be a people who are thankful, Paul says. The community should give thanks. On the theme of thanksgiving in Colossians see 1:3, 12; 2:7; and 4:2.

The reference to the collective church, the one body, continues in 3:16. "Let the word of Christ live in you" (plural). The word of Christ is to be active among you, in your midst. We may compare 1:27,

"Christ in you," with 3:16, the "word of Christ in you"--in both cases the reference is not individual, "inside you," but collective, "among you." The individual indwelling would accompany the collective presence of Christ and his word; that individual aspect is expressed by "in your hearts" in 3:15 and 16). Col. 3:16 may refer to three elements of the corporate assembly: the announcing of the word (either by prophetic speech or reading), teaching and admonition, and singing. A corporate context is indicated by the "one another" who are taught and admonished. Notice the emphasis on everyone in 1:28. Although the term translated "one another" is the reflexive pronoun (heautous, literally "yourselves"), in usage it does not really differ from the reciprocal pronoun (all*lous, "one another") and is frequently used in that sense, as in verse 13, where both words occur together.

The literary context of Col. 3:16, as of Eph. 5:19, is instruction on Christian living. However, the social context from which these verses are drawn is that of the church assembled. Therefore, it is appropriate to cite these verses for what is to be done in church. That is the ultimate context from which Paul draws his wording.

The "word of Christ" is the message that centers in Christ. It is not clear whether the genitive is subjective (Christ as the source of the word) or objective (Christ as the content of the word). Both ideas may be involved (cf. 2:17). Parallel expressions to the "word of Christ" are "the word of the truth, the gospel" (1:5-6); the "word of God" (1:25; Acts 12:24); and "word of the Lord" (1 Thes. 1:8; 2 Thes. 3:1; Acts 8:25). We may compare Ps. 37:31 for the law of God dwelling in the hearts of his people; for Christians it is the word of Christ. On the word "richly" cf. 1:27 and 2:2.

The richly indwelling word results in teaching and admonishing and in singing. These participles have the force of imperatives. Participles can be used as imperatives. Here the sentence begins with an imperative, "Let the word of Christ dwell in you," which sets the tone for the following construction. Compare verse 13, where "bear with one another . . . and forgive each other" are actually participles that get their imperative meaning from the main verb, the imperative "clothe yourselves," in verse 12.

There are two possible ways to construe the grammar of verse 16: We may read, (1) let the word of Christ richly dwell in you in all wisdom, as in gratitude you teach and admonish one another with

psalms, hymns, and spiritual songs, singing with your hearts to God; or we may read, (2) let the word of Christ dwell in you richly, as you teach and admonish one another in all wisdom, and as you sing with thanks in your hearts to God. Other arrangements of the words are possible, but the main choice is whether the teaching is done by the psalms, hymns, and spiritual songs, to which is added the singing with grace, or whether these songs are the objects of the singing, with their singing taken as a distinct activity from the teaching. The former construction (with the teaching done by the different kinds of songs) is closer to the sense of Eph. 5:19, but recent commentators favor taking the items sung with the participle "singing," and I give a cautious preference to this construction.

The three activities of teaching, singing, and giving thanks are marked each by a prepositional phrase. The teaching is "in wisdom," the singing is "in gratitude," and the giving thanks is "in the name of Christ." Wisdom is a prominent theme in Colossians (1:9, 28; 2:3, 23; 4:5). This emphasis is possibly intended as a contrast to the false teachers' claim to wisdom. The phrase "with gratitude" is literally "in grace [*charis*]." The word *charis* has three meanings: charm (graciousness--which could be the meaning of 4:6), divine grace (as in 1:6), and thanks (possible in 1 Cor. 10:30). Either of the latter two are possible here (in a state of grace, or with thankfulness), but I have opted for the repetition of the theme of thanksgiving.

The other prepositional phrase with "in," "in your hearts," is not silent worship but as in verse 15 refers to the center of one's being, "with your whole self."

Most modern commentators recognize that it is impossible to distinguish "psalms, hymns, and songs." If one were going to do so, the psalms would be primarily the Old Testament Psalms or compositions like them; hymns would be songs of praise; and songs (odes) would be the more general word. The words can be distinguished by their etymology, as was done by Gregory, bishop of Nyssa in the fourth century. He said: "A psalm is the melody made by a musical instrument. An ode is a melodious expression made by the mouth with words. . . . A hymn is the honor rendered to God for the good things which are ours." (On the Titles of the Psalms 3.2.) In spite of this etymologically correct definition, Gregory's own usage, like that of other Christians, was to refer "psalms" to vocal music. By the time of the writing of the New Testament, Christian and most Jewish usage had dropped instrumental associations from *psalmos*.

The three terms are interchangeable in the titles appearing in Greek manuscripts of the Psalms and in other compositions, such as the Psalms of Solomon (first century B. C.). Philo and Josephus use "hymns" to mean the "Psalms." It may be that "spiritual" modifies all three nouns, not just "songs" and is feminine because the nearest noun ("songs") is feminine. It is possible that these types of songs are seen as the result of the activity of the Holy Spirit. If "spiritual" is to be applied only to "songs," then the contrast is to secular songs (the other two words already referred to religious songs); in this case there is no explicit note of the Holy Spirit at work in them. Cf. the phrase "spiritual wisdom" in 1:9.

Verse 17 shows that these injunctions are not limited to the assembly of the church. To do everything in the name of the Lord Jesus recalls 3:11, "Christ is all in all." In the Old Testament one's "name" meant the person's self. To do all in Jesus' name is to proclaim that Jesus is Lord. He is the mediator of Christian worship. "Giving thanks" is another imperatival participle. Linking Jesus with "everything" one does means that one asks, "Can I do this in the name of Jesus?" "Can I thank God for the opportunity of doing this?" (Bruce 160).

Exegesis of Ephesians 5:18-20

Like Colossians, there is in Ephesians the sequence of renouncing the old life (4:17-5:14), walking in wisdom (including worship--5:15-20), and a household code (5:21-6:9); but there is no confirmation that this was a standard sequence in early Christian instruction.

Eph. 5:15-20 contains three exhortations in the second person plural imperative. Each is constructed in a contrast: (in Greek m* . . . alla, "not [one thing]. . . but [something else]"). In 5:15, "not as unwise but as wise"; in 5:17, "not be foolish but understand"; and in 5:18, "not get drunk . . . but be filled with the Spirit."

The last of these exhortations, "Do not get drunk with wine" (5:18), quotes Proverbs 23:31 according to the Greek version. The comparison between drunkenness and being filled with the Spirit is that a person is under the control of an external power--spirits or the Spirit. Drunkenness, Paul says, leads to profligacy (wastefulness) or debauchery (sexual excess). Some suggest that the contrast between being drunk with wine and being filled with the Spirit occurs because of drunkenness in the worship of Dionysus, but there is no indication that such was a special problem for the readers. Drunkenness is

probably introduced simply for the sake of making a contrast with the Holy Spirit. Nevertheless, we may observe that the Spirit is the Christian's alternative to alcohol and drugs. The Spirit pushes us not to ecstasy but to songs of praise and to mutual submission.

We may translate "Be filled with" or "Be filled by" the Spirit--both are possible. Or, to paraphrase, "Let your fullness come through the Holy Spirit" (Bruce 379 n.). When the Spirit is in control, the exercise of the intellect is not eliminated but is enhanced. The Spirit strengthens the inner person (3:16). Being filled with the Spirit, therefore, is the equivalent of the word of Christ living within a person in Colossians 3:16. The two ideas of being filled with the Spirit and having the word dwelling within belong together, and it is not necessary to interpret one as really being the other.

What is involved in being filled with the Spirit is indicated by five participles in vv. 19-21: speaking, singing, making melody, giving thanks, and submitting oneself. These are the results, not the means, of the filling with the Spirit. According to Ephesians the Spirit provides wisdom (1:16), inner strength (3:16), and worship (5:19).

The "speaking," undoubtedly a vocal activity, includes "psalms, hymns, and spiritual songs," the same triad as in Col. 3:16. In Ephesians the double verbs, "singing and making melody," and the three nouns--"psalms, hymns, and spiritual songs," are examples of the writer's fondness for piling up synonyms and for multiple descriptions. As instances of triple expressions compare 3:6; 4:22-24; 4:32. What was said about the difficulty of distinguishing the three terms in Colossians applies here as well.

Even if "spiritual" means inspired by the Spirit, the verbal expressions in song are still intelligible, because the believers speak to one another in the "psalms, hymns, and spiritual songs." The singing derives from the Spirit, but it involves understandable articulation, because the songs are addressed to one another as well as to God.

Heautois (translated "among yourselves" or "to one another") is once more used not as a reflexive pronoun ("talking to yourselves") but in a reciprocal sense ("speaking to one another"). The same usage is found in 4:32, where the two pronouns (the reflexive and the reciprocal) are interchangeable. This "speaking to one another" underlines the communal character of the instructions. The occasion

where this was possible was the common meeting of Christians, for everyone was to take part. Although addressed to one another, the songs were still directed to the Lord.

The participles "singing and making melody" are verbal forms of two of the nouns that describe what is sung, namely songs and psalms. The construction in verse 19 follows the phraseology of the Greek translation of the Psalms, where ad* ("sing") and psall* ("make melody") frequently occur together (Psa. 21:13; 27:6; 57:7; 101:1); they sometimes occur in synonymous parallelism, showing their equivalent meanings for vocal music (Psa. 13:6; 59:16-17; 68:4, 32; 104:33).

The Greek translation of the Old Testament contains the construction psall* with the preposition en and the name of an instrument and a reference to "the Lord" also in the dative case with the meaning "to play on the (named) instrument to God" (Psa. 33:2; 71:22; 98:5; 144:9; 147:7; 149:3). Ephesians may be following this construction, although some of the best manuscripts lack the preposition en. If so, the heart is the specified instrument on which the music is made. One difference is that in Psalms the "Lord" is God but in Ephesians is always Christ. Where the instrumental connotation of psall* is present in early Christian literature, it is with such a metaphorical meaning, but even that metaphorical usage is not the principal way the word is used. Most often the verb psall* in Christian writings means simply "sing the Psalms" or "sing praise." It is probably best, therefore, to take the combination of the verbs "sing and make melody" in Ephesians as an example of hendiadys, that is, saying the same thing in two words joined with "and."

The melody comes from the heart as well as from the lips. The presence of the pronoun "your" with "heart" rules out the possibility that t* kardia is adverbial "heartily." The heart in Biblical language, unlike modern usage, does not refer primarily to the emotions. The heart is the center of intellect and will, the total person. The thought is that the singing is to be with sincerity and conviction, rather than with heartiness. The outward melody is accompanied by the inward music of the heart.

There was a rich vocal environment of early Christianity. The Dead Sea Scrolls contain many hymns and also psalms in addition to the canonical Psalms; the Jewish sect of the Therapeutae described by Philo had a richly varied vocal music; and choruses were prominent

in Greco-Roman religions. From these sources we know of various ways in which song could be expressed: solo (one person singing at a time), responsorial (a leader singing the main line with the group responding with the same words or with a refrain), antiphonal (with two choruses alternating with each other), and a group singing all together. Early Christian literature outside the New Testament attests responsorial, antiphonal, and congregational or unison singing in the assemblies of the church and solo singing in other contexts.

Instrumental music was present in the Jewish temple and in pagan religious activities. Thus there was available to the early church religious music that was instrumental (and not just pagan, because it was used in the temple at Jerusalem), music that was vocal and instrumentally accompanied, and music that was vocal. Early Christianity followed the vocal but not the instrumental practices of its time. This would appear to have been a deliberate choice out of the musical options available.

A parallel to Ephesians 5:19 is found in the report the Roman governor Pliny sent to the emperor Trajan about A.D. 110 concerning what he had learned about Christian meetings: "They were in the habit of meeting on a certain fixed day before it was light, when they sang in alternate verses a hymn to Christ, as to a god" (Letters 10.96). Both statements refer to the context of a meeting together. The "alternate verses" of Pliny's description correspond to Paul's "speaking to one another," but the specific interpretation of this activity as antiphonal singing is not necessarily the meaning of Pliny or of Paul. Responsorial singing also would fit both statements, and collective congregational singing would accord with Paul's statement. That the hymns were addressed to Christ is common to both statements.

Singing in Ephesians 5 is associated with thanksgiving, as it was in Colossians 3. Verse 20 reminds the readers that thanksgiving is to be made in all circumstances (cf. 1:16). It is made with reference to the name of Christ and directed to God the Father.

CHURCH MUSIC IN EPHESIANS/COLOSSIANS

Part 2

Everett Ferguson

History of Interpretation

Clement of Alexandria (about A.D. 200) cited Col. 3:16 in his chapter on conduct at banquets (Instructor 2.4.41-44). In this passage he condemned the pipe and aulos as instruments associated with revelry and unsuited to a temperate banquet. He gave qualified approval to the kithara and lyre in such a setting, but clearly his preference was for vocal music with emphasis on the words. He cited Col. 3:16 in support of this vocal emphasis. Psalmody is the most suitable music at a Christian's meal. Clement associated psalmody with thanksgiving and said that the apostle (Paul) called the psalm a "spiritual song." It is characteristic of Clement to weave together texts about religious worship with his discussion of daily activities, so his use of Col. 3:16 here is no indication that he thought the verse applied only (or even primarily) to a private social gathering. His approval of the kithara and lyre applies to social banquets and not to assemblies of the church.

Tertullian from Carthage, a younger contemporary of Clement of Alexandria, set singing to the Lord with psalms and hymns (Eph. 5:18-19) in contrast to drinking wine with drums and psalteries (Isa. 5:11-12). (Against Marcion 5.18.7.)

The first commentary on either of these books for which there are significant remains is Origen's Commentary on Ephesians (first half of the third century). Origen applied the adjective "spiritual" to all three nouns in Eph. 5:19. He distinguished hymns, psalms, and songs according to his usual allegorical method: Hymns have to do with God and divine things; psalms with practical matters and what we do with our bodies; songs with the natural world and the created order. Here are his words:

Hymns declare the power and divinity of God, and if one knows how to discourse about God it would be in spiritual hymns; and perhaps the one who grasps practical matters and those things that must be done through the instrument of our body as if it were a psalterion [a musical instrument] does so in spiritual psalms. The one who investigates natural phenomena concerning the order of the universe

and other created things does so in spiritual songs. For one must sing with reference to natural causes and make melody to the Lord with reference to the description properly settled in regard to customs. For this is to make melody and sing with the heart to the Lord.

His comments on "psalms" imply the association he made elsewhere of psalms with the instrument known as a psalterion (etymologically related to psalmos and psall*) but applied, again as was his custom, to the human person. In commenting on Psa. 33:2 he makes an allegorical distinction between the kithara and the psalterion, two stringed instruments that differed in their construction, the kithara having its sounding board at the bottom of the instrument and the psalterion having its sounding board at the top. Thus Origen could find it appropriate to apply the kithara to practical activities and the psalterion to the higher part of human nature. Here is his interpretation:

The kithara is the active [or practical] soul moved by the commandments of God, the psalterion is the pure mind moved by spiritual knowledge. The musical instruments of the Old Covenant are applicable to us when understood spiritually. Speaking figuratively, the kithara is the body and the psalterion the spirit. These things have been applied to the wise person who employs for reverence the members of his body and the powers of his soul like strings. The one who makes melody well makes melody [psall* both times] with the mind, speaking spiritual psalms and singing to God with his heart. (Cf. Ferguson, A Cappella 52-53).

Origen, therefore, it is to be noted, interpreted the Psalms by the New Testament, not vice versa.

Eusebius of Caesarea (early fourth century) made explicit in regard to worship what was implicit in Origen's allegorizing about Christians' practice. Christians "are accustomed to employ spiritual psalmody and kitharas, since the apostle teaches this, saying `psalms, odes, and spiritual hymns.'" Then he proceeded to contrast these with instruments, for the body is the kithara, the soul is a hymn, and the ten-stringed psalterion is worship performed by the Holy Spirit through the five senses and five powers of the soul (Commentary on Psalms 92:2-3).

Jerome's Latin commentary on Ephesians essentially repeats Origen's interpretations of hymns, psalms, and songs. He makes a point against certain singers in his day: "Listen young men whose duty it is to recite the office in church: God is to be sung not with the voice but with the heart. Nor should you, like play-actors, ease your throat and jaws with medicaments, and make the church resound with theatrical measures and airs."

Pelagius (early fifth century) wrote a Latin commentary on the epistles of Paul, and he makes some of the same observations as the Greek commentators did. On Col. 3:16 he identifies the Psalms as the Psalms of David, the hymns as the hymn of the Three Youths in the (apocryphal) additions to the book of Daniel, and the songs (odes) as the song of Moses and other songs in Scripture. The fifth-century Greek manuscript of the Bible known as Alexandrinus collects fourteen Biblical Odes in one place, and nine of these came to be used in the liturgy of the Greek church. Patristic authors after this time commonly referred the "songs (odes)" of Paul's statements to these Biblical songs.

John Chrysostom, the great preacher of Antioch and Constantinople at the end of the fourth century gave full attention to our verses in his homilies on these books. His Homily 9 On Colossians in commenting on 3:16-17 takes the "teaching and admonishing" as being done "in all wisdom" by the psalms, hymns, and spiritual songs. These kinds of songs are to replace the "songs and dances of Satan." Hymns contain nothing human but are "a diviner thing." In keeping with a common patristic interpretation that gave a higher evaluation to hymns than to psalms because the etymology of psalmos (which referred to the sound made by plucking a string) had the connotation of physical activity in contrast to the higher activity of contemplation associated with hymns (Ferguson, A Cappella Music 62-67), Chrysostom says, "The powers above chant hymns, not Psalms." He offers different possible meanings of singing "with grace": God in his grace has given us these songs; singing is to be done with grace; admonishing is to be done in a gracious way; Christians had these gifts in grace; song comes from the grace of the Spirit. "In your hearts" means to sing not simply with the mouth but with heedfulness, not to the air but to God. It is not to be done for display. When a person is in the market place or walking, he can sing and pray in the heart.

Chrysostom's Homily 19 On Ephesians 5:18-21 comments, "They who sing Psalms are filled with the Holy Spirit, as they who sing satanic songs are filled with an unclean spirit." The phrase "with your hearts to the Lord" means "with close attention and understanding, for they who do not attend closely, merely sing, uttering the words, while their heart is roaming elsewhere." We should give thanks, he said, for everything that befalls us. We can even be thankful for hell itself, for the dread of hell is a bridle on our hearts.

Theodoret of Cyrus (fifth century) says on Col. 3:16 that "The old law commanded continual meditation on the divine word" with Deut. 6:7 quoted. "The divine apostle commands this so that we may always carry about the teaching of Christ in our soul, to praise him, and to sanctify the tongue with spiritual songs." We are to sing "not only with the mouth" but "with the heart." (Commentary on Colossians 3.16.)

Theodoret interprets being filled with the Spirit in Eph. 5:18 as "praising God continually, deferring to one another, and always stimulating the reasoning." "The one who makes melody with the heart moves not only the tongue but arouses the mind to the understanding of the things said." (Commentary on Ephesians 5:18-19.)

Moving ahead to the Middle Ages, I select Thomas Aquinas (thirteenth century), who wrote a commentary on Ephesians. In order to be filled with the Spirit in relation to God, Thomas says that Paul prescribes spiritual meditation, spiritual exultation (5:19b), and thanksgiving (5:20). He explains that there are two ways of "speaking to yourselves": external, of a man talking to other men; and interior, of a man speaking to himself. The latter speech ought to be repentant and to be done in secret. He identified the subjects of meditative prayer as "Psalms, hymns, and spiritual canticles." He built on patristic exegesis in interpreting psalms as concerned with good works, hymns with divine praises, and spiritual canticles with the hope of eternal realities.

Thomas continues that spiritual exultation and joy relate to "singing and making melody": so that our will would be stirred by spiritual joys to undertake good works [1 Cor. 14:15; Col. 3:16]."

Furthermore, Thomas responded to the error that the singing was to be only in the heart and not vocalized. It is an error to claim that "it is useless to sing vocal canticles to the Lord; that only spiritual ones matter." "In your hearts" is an essential element, but there is another element, the external expression. This external expression has two purposes: "One is that it is for us, to stimulate our minds to an interior devotion. If someone is rather moved to frivolity or vain glory by it, this is contrary to the Church's intention. Its second purpose is for others, since by it the illiterate become more devout." Moreover, "The third effect is thanksgiving because, when someone is influenced in these ways toward God, he recognizes that everything he has is from God." All blessings come through the "Lord Jesus Christ." Singing, therefore, is addressed to three persons: God, one's neighbor, and one's self.

He continues that to be filled by the Spirit in relation to one's fellow men is by "being subject one to another" (Eph. 5:21). (St. Thomas Aquinas, Commentary on Saint Paul's Epistle to the Ephesians, tr. Matthew L. Lamb [Albany: Magi Books, 1966], pp. 213-216.)

Thomas' Summa theologiae, Question 91 also is relevant to our subject. Here he dealt with two questions, "Whether God should be praised with the lips?" and "Whether God should be praised with song?" Thomas affirmed both. He answered the first question with Psa. 63:5 in the Latin, "My mouth shall praise Thee with joyful lips." The second question received longer treatment. Among the five objections that were raised to praising God in song and to which Thomas responded the first is based on Col. 3:16--God should be praised with spiritual, not bodily, canticles. Another objection (the fourth) included a passage that is often quoted out its context as a viewpoint to which Thomas replied: "In the Old Law God was praised with musical instruments and human song, according to Psa. 33:2-3, But the Church does not make use of musical instruments, such as harps and psalteries, in the divine praises, for fear of seeming to imitate the Jews. Therefore in like manner neither should song be used in the divine praises." (Q. 91, art. 2, obj. 4.) Thomas then affirmed the place of song in the church. In responding to the first objection he said that "the praise of the voice is necessary in order to arouse man's devotion towards God." He replied to the fourth objection by saying that "musical instruments move the soul to pleasure rather than create a good disposition within it." They were employed in the Old Testament because the people were carnal

and needed to be aroused by material instruments and because such instruments were "figures of something else." (Fathers of the English Dominican Province, The "Summa Theologica" of St. Thomas Aquinas [London: Burns Oates & Washbourne, 1922], Vol. 11, pp.163-168.)

The interpretation of Colossians 3:16 as requiring "silent singing" was picked up by the early Anabaptists from the teaching of Zwingli. A letter from Conrad Grebel and his friends in Zurich to Thomas M*ntzer, dated Sept. 5, 1524, argued, among other things, against singing in church. Eph. 5:19 and Col. 3:16 were cited as teaching that we should speak to one another and only sing and give thanks in the heart. (George H. Williams, ed., Spiritual and Anabaptist Writers, Library of Christian Classics 25 [Philadelphia: Westminster, 1957], pp. 75-76.) This viewpoint did not prevail among either the Swiss Reformed nor the Anabaptists.

John Calvin's Commentary on Ephesians (1548) included comments against silent singing: "'Speaking to themselves' is 'speaking among themselves.'" He added, "Nor does he enjoin them to sing inwardly or alone." "'Singing in your hearts'" he interpreted as, "Let your praises be not merely on the tongue, as hypocrites do, but from the heart." He further says the saints are not told to "sing to themselves," that is, for individual pleasure. (John Calvin, Commentaries on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians, tr. John Pringle [Grand Rapids: Eerdmans, 1948], pp.217-18.)

Calvin's Commentary on Colossians offered the following explanation of how the three terms were "commonly distinguished": "A 'psalm' is that, in the singing of which some musical instrument besides the tongue is made use of; a 'hymn' is properly a song of praise, whether it be sung simply with the voice or otherwise; while an 'ode' contains not merely praises, but exhortations and other matters. He would have the songs of Christians, however, to be 'spiritual,' not made up of frivolities and worthless trifles." "'Singing in your hearts'" Calvin related to the disposition "that there may not be merely an external sound with the mouth. Paul did not intend everyone to "sing inwardly to himself, but he would have both conjoined, provided the heart goes before the tongue." (John Calvin, Commentaries on the Epistles of Paul the Apostle to the Galatians and Ephesians, tr. William Pringle [Grand Rapids: Eerdmans, 1948], pp. 315-316.) Although Calvin gave the common etymological definition of "psalm," he must have understood that the command was only to "sing" the

Psalms. This conclusion follows from the fact that he elsewhere said that musical instruments such as were mentioned in the Psalms were no more to be employed than other practices of the Old Testament law "in the holy services of the church," where only understandable vocal music was to be used (Commentary on Psalms 33:2). The Reformed churches followed Calvin's rejection of instrumental music in their services until the nineteenth century.

The commentaries by J. B. Lightfoot on Colossians (J. B. Lightfoot, St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon [London: Macmillan, 1879; repr. Grand Rapids: Zondervan] and B. F. Westcott on Ephesians (B. F. Westcott, St. Paul's Epistle to the Ephesians [London: Macmillan, 1906; repr. Grand Rapids: Eerdmans, 1952] have been justly influential for their solid philological and historical learning. Lightfoot understood the "psalms, hymns, and spiritual songs" as the instruments of the teaching and admonition (p. 224). He distinguished them etymologically: "While the leading idea of psalmos is a musical accompaniment and that of hymnos praise to God, *d* is the general word for a song" (p. 225). He observed, however, that in the text the reference in psalmois "is specially, though not exclusively . . . , to the Psalms of David." Lightfoot concluded that "The reference in the text is not solely or chiefly to public worship as such" (p. 225). "In your hearts" indicated that "There must be the thanksgiving of the heart, as well as of the lips" (p. 226).

On the three items to be sung, Westcott cited Jerome, who followed Origen (referred to above). He considered the passage to refer to the Christian congregation: "The same strains which set forth aspects of God's glory elevate the feelings of those who join in them" (p. 82). The outward song is accompanied by the inward music of the heart (p. 82).

Two substantial recent commentaries in the Word Biblical Commentary series may be noted as representing the current state of evangelical scholarship: Peter T. O'Brien on Colossians and Philemon and Andrew T. Lincoln, on Ephesians. I drew extensively from them in the exegesis given previously.

This, admittedly selective, review of the history of interpretation of Col. 3:15-17 and Eph. 5:18-20 shows what the predominant views have been. There is general agreement that these passages refer to unaccompanied vocal music. It is agreed that, although the songs are

directed to God in Christ, there is also an emphasis in these verses on a horizontal dimension so that the words bring mutual benefit. Most interpreters refer these passages to the assembly of the church, although granting that the instructions are not limited to that setting. The overwhelming consensus is that the verses call for audible expressions and do not refer to silent music in the heart. Rather, the verses call for sincerity of heart to accompany the words.



CHURCH MUSIC IN EPHESIANS/COLOSSIANS

Part 3

Everett Ferguson

Theology of Singing

Most of the affirmations in the New Testament about the doctrinal significance of Christian song may be found in Colossians 3:15-17 and Ephesians 5:18-20 (Ferguson, Church 268-273).

Christian songs are directed to God the Father (Col. 3:16, 17; Eph. 5:20). They are expressions of worship, praise, and petition to him who is Father of all, who is over all, through all, and in all (Eph. 4:6). This gives a sense of reverence and awe that should characterize all activities in the assembly.

Singing is also directed to Christ as the one Lord and Savior (Eph. 5:19). It is done in the name of the Lord Jesus (Col. 3:17), that is, as an act of worship to him, with reference to his saving work for us, and by his authority. Christ provides the motivation and essential content of Christian songs.

The songs Christians sing spring from being filled with the Holy Spirit (Eph. 5:18) and so are spiritual in nature (Col. 3:16; Eph. 5:19). As derived from the Spirit and his indwelling, songs are to express the spiritual nature of human beings, created with the capacity for rational, spiritual worship (Rm. 12:1). Christian enthusiasm comes not from artificial stimulation but from the presence of the Holy Spirit, who through the word of Christ makes us realize the greatness of God and the greatness of our salvation in Christ.

The predominant note in Christian song is thanksgiving (Col. 3:15, 16, 17; Eph. 5:20). This is because Christians know God as Father, have received salvation in Christ, and have received the gift of the Holy Spirit. So, there is a deep underlying spiritual joy expressed in song, a joy that can be thankful to God for other people and thankful in all circumstances.

Christian song expresses one purpose of the assembly, namely mutual edification. In song we speak to one another (Eph. 5:19). Song results from the active presence of the word of the Lord in the gathering of God's people (Col. 3:16). Hence, the singing involves intelligible words. It will support the teaching and admonishing

expressed in the delivery of the word of Christ. The word of Christ will control the content of the songs.

Singing both expresses unity and contributes to unity (cf. Rm. 15:6). Christians meet as called by God into one body, where peace rules (Col. 3:15). Singing is a unifying activity.

Christian song proceeds from the heart (Eph. 5:19; Col. 3:16). It expresses concentration and intention. It is not mere words; it is not pretty melodies. It comes from the center of our beings and is concerned with basic spiritual truths.

My friend and former student Jeff Childers writes of a conversation he and a group of students while they were studying in Oxford had with bishop Kallistos of the Greek Orthodox Church that included a discussion of why the Orthodox church did not use musical instruments in worship. "[The bishop] didn't merely stress the fact that this [a cappella] was the way the first Christians sang in worship. He also connected it to other things, including early Christian views of creation, their sense of our having been made by God's hands as the ideal worship instrument. He connected it to the Orthodox emphasis on unity as expressed in univocal singing and he stressed the priority of focusing solely on God in worship, without mechanical distractions. He referred to early Christian teachers on the subject." (Crux, pp. 205-206.)

The historical evidence is quite strong and conclusive for a cappella singing in Christian meetings (some of which we touched on in lessons 2 of this series). Nevertheless, I have become convinced that, in addition to this historical argument, we need to say more about the doctrinal reasons for this practice. Hence, I have stressed the doctrinal aspects of Christian song to be found in Colossians 3 and Eph. 5.

Vocal music accomplishes these things that we have outlined. Instrumental music cannot do these things. And even as an accompaniment may work against these spiritual purposes.

Instruments are a distraction, or an actual interference, to accomplishing the purposes of song in the assembly. I remember thinking as I heard the singing of Christians at the Nigerian Christian Bible College lectureship last year and then later in the year the singing of African Christian congregations in Zimbabwe how out of place or even detrimental the sound of an instrument would have

been. An instrument would have taken away from the power of the vocal expressions. And, of course, we have experienced the same power of congregational singing in our gatherings in the U. S.

Such good a cappella music is strong argument for its use; even so poor singing has been a major concern in the introduction of instruments or special singing groups. Many religious people are rediscovering a cappella music; now is not the time for us to give up on it.

Observations on Contemporary Practice

The teachings of Colossians 3:15-17 and Ephesians 5:18-20 have a practical application to our singing today. The instructions were addressed to the whole church and presuppose that all participate. Some practices ostensibly intended to improve the singing may actually work against congregational participation. Any practice that calls attention to certain singers, either visually or in volume, makes others want to watch or listen to them rather than to participate themselves.

Pianos, organs, and choruses were sometimes justified as aids to improve singing. The experience of most groups is that as often as not the addition of instruments and choral groups have not supported the intended outcome of improving the singing. They have often worked against congregational singing, so that fewer people sing and many come in order to listen. Moreover, many churches now have gone beyond these instruments to have bands and other musical groups corresponding to the types of musical expression found in settings designed for entertainment. The participation that these ensembles generate is the emotional excitement of concerts that have nothing to do with Biblical edification. I am told that some conservative Christians churches are having internal tensions because of the introduction of drums, guitars, and bands into their services and the consequent change in musical styles that go with them. Of course, the long-standing advocacy of the acceptability of instruments leaves them with no defense other than personal preference against these further innovations.

Elaborations of the music that emphasize the musical quality at the expense of the words easily focus attention on the wrong thing and enhance aesthetics at the expense of instruction and edification.

Melody is useful in deepening the impression of the words, making them memorable, and adding to their emotional impact, but the melody should not detract from the message and direct attention to itself and away from the words. The melody is subordinate to and supports the words, not the other way around.

The singing of rounds is particularly subject to this criticism, for they are destructive of communication and instruction of one another. I think especially of the now popular and beautiful, "The Greatest Commands." Would we permit four men in the congregation to read simultaneously four different passages of scripture? The words would be scriptural, but would intelligible communication take place? Setting those words to beautiful music does not mean edification occurs. 1 Cor. 14:27 requires that even those with the Spirit-inspired gift of speaking in tongues bring one message at a time and have an interpreter so that edification may take place.

Making this point leads me to comment on an argument sometimes made for playing an instrument or having special groups to sing. The argument is that "I have this gift, and I should be able to exercise it in church." One should use his or her gifts, but not necessarily in the meetings of the church. If someone has a great gift for running track, does this mean we should build a track and stage a display of the person's ability to run fast as part of our church meetings? We could no doubt generate a lot of emotional excitement if we make a competition with the team from the neighboring Baptist Church! The tongue speakers at Corinth could have made the same argument that they had a gift and should exercise it in church, and with more justification. They had a gift inspired by the Holy Spirit, but this did not give them the right to exercise it in the assembly. Theirs was a speech addressed to God (1 Cor. 14:2, 27), but even speech addressed to God had to be intelligible to the congregation for it to have a place in the assembly of the church.

There is a fine religious music that is appropriate in other settings and for other purposes. Handel's "Messiah" is great religious music, but it belongs in the concert hall or a church that does not expect participation by those in attendance. The quality of the music calls as much attention to aesthetics as to the religious content. In combination they have a powerful impact, but rare indeed would be the congregation that could perform the "Hallelujah Chorus"--and the operative word there is "perform," for performance is what it would be and not meaningful congregational praise.

"I Come to the Garden Alone" is a popular song that I judge inappropriate for the assembly of the church, since it is too individual, private, and sentimental in its expressions, as meaningful as they may be on a personal level. "The Church in the Vale" does nothing more than evoke a vague sentimentality and does nothing to express the purposes of song in the assembly.

Clapping to the accompaniment of a song does not support the purposes of the words but serves the same purpose that a drum or another instrument would in emphasizing the beat. Some defend clapping on the grounds that the spirit is leading them to express their joy and praise in this way, but it seems odd to me that the spirit only prompts this reaction on certain songs and at certain places in those songs, hardly a matter of supposed spontaneity. Clapping, by promoting a change in the style of music, changes the character of the song service. While in Africa this past year I was told of how Christian Church missionaries used clapping as a step to introducing instrumental music into previously a cappella congregations. Perhaps someone can instruct me better, but I fail to see how one can justify clapping and not at the same time the use of instrumental accompaniment.

The verbal content is primary in the texts of Ephesians and Colossians, both from what is expressly said and from the larger contexts of the verses studied. For something to be vocal does not necessarily mean that it corresponds to the teaching of these verses. Of course, instrumental sounds cannot do the things described in these verses. But neither do non-verbal sounds made by the voice or other parts of the body--only words that are rational, intelligible, and spiritual.

As a concluding observation, I would suggest that in the so-called "worship wars" more is at stake than "styles of worship." More is at stake than "traditional" versus "contemporary" songs (some of both are good and some of both are bad). More is at stake than personal preferences. More is at stake than the use of technology (I assume it will be used; the question is how it will be used and what images and uses are appropriate). What I mean is that there is a major shift occurring from the classic, historic center of the assembly in the supper and the sermon to music as the focus of the assembly and the principal bearer of worship. Music formerly was subordinate to prayer and scripture reading. Now it is viewed by many as the principal activity, and other things like the sermon, the supper,

prayer, and scripture reading are made to fit around the theme of the songs.

Our speech betrays us: song leaders are now worship leaders, either planning the whole service or subsuming worship into song. We have seen the narrowing of the Biblical meaning of worship down to what takes place in the assembly, and now worship is being further narrowed to refer to the song service.

The shift is further evident in the songs that we sing. They say more about what we feel and what we do than about who God is and what he does.

Worship committees typically (and this is true of my home congregation) do not include persons with education in Biblical doctrine and worship, so they cannot bring standards other than what appeals to them or what others are doing to their task of planning services.

Ephesians, Colossians, and the rest of the New Testament can call us back to what pleases God and give us guidance in our service to him.

WHERE DO YOU STAND ON INSTRUMENTAL MUSIC?

WHERE SHOULD YOU STAND?

by Stafford North

A useful way to study whether instruments of music are acceptable in Christian worship is to study the various positions taken for and against their use and then to examine each in light of scripture. Below are listed the most widely recognized of these positions, pro and con, and some thoughts on each.

A Review of Positions Favoring the Use of Instruments in Christian Worship.

1. Instruments should be used in Christian worship because they are commanded. Those with this view cite Psalm 150:3, for example, which says “make music to Him with tambourine and harp” and 2 Chronicles 29:26 which says they used cymbals, harps, and lyres as “commanded by the Lord through his prophets.”

The weakness of this view is that the commands and examples are from the Old Testament plan for worship and not from any teaching for Christian worship. In the Christian age, we do not worship as the Jews did with priests dressing in special clothing, offering of animal sacrifices, burning of special incense, and confessing sins over the head of a goat. To look to Jewish worship for what is acceptable in Christian worship is not God’s way. Jesus told the woman at the well (John 4:23) that the time had come when people would worship God in a new way, and in the Christian age we follow that new plan contained in the New Testament. To use commands about Jewish worship as authority for God’s plan for Christian worship is to use the wrong source. Those teachings are not our guide in the Christian age. Christ nailed that law to the cross (Colossians 2:14) and Romans 7:1-7 says that it has passed away. In discussing this point, some say, since Jesus worshipped at the temple where instruments were used in an indication that we can worship in this way. Does that apply to all the actions of temple worship such as offering animal sacrifices and other special ceremonies of the priests? We follow Jesus’ example by worshipping as God has taught for our era just as He followed God’s plan for His era.

2. The use of instrumental music in Christian worship is authorized by the New Testament's use of the Greek word *psallo*, a word which means to sing with an instrument.

The New Testament does, in some passages, use the word *psallo* in regard to Christian worship. In Ephesians 5:19, for example, the passage says to “Sing [*ado*] and make melody [*psallo*] in your heart to the Lord.” The original meaning of the word *psallo* was “to pluck.” Over time it was associated with “plucking” a stringed instrument. Then it came to mean to “sing while plucking.” Still later, in New Testament times, it was typically used to mean to sing without an instrument (Ferguson 13). We all know that words can change meaning over time. Take the word “cool,” for example. For years this word meant that something was less than room temperature and thus was “cool” as opposed to “warm.” Now, however, the word is often used to mean that something is “neat,” or “hip” or “stylish.” “Cool” has a new meaning, and so have “neat” and “hip.” Words do change in meaning.

We should not be surprised, therefore, that over several centuries, “*psallo*” had changes in its meaning. Look carefully, however, at Ephesians 5:19. It says to sing (*ado*) and make melody (*psallo*) in your heart. In this passage, the word for sing is *ado* which clearly means to vocalize in song. Literally translated, the verse would read, “sing (with your voice) and sing with your heart.” The verse uses *psallo* to describe something one does with the heart. Surely the verse does not mean we can play an instrument with our hearts. If the word necessarily includes the use of an instrument, then the passage says I must sing and along with that I must play an instrument in my heart. What could that mean? It can and does mean that I should sing and, as I sing with my voice, I should sing or “make melody” with my heart. Since to do something “with the heart” means to do it “with feeling,” or “with meaning,” another way of stating the meaning of this verse is to say we should “sing and feel and mean what we are singing.” All the translators of major versions of the New Testament have understood what the word *psallo* meant to those of the first century and have, therefore, translated it “sing.”

To argue that *psallo* authorizes the use of instruments puts one in a very odd situation. If “*psallo*” means to “sing with instruments,” it is very strange that early Christians did not do it. The historical record on this point is quite clear. Musical instruments were not used in Christian music until about a thousand AD. As late as 1250, the

Catholic theologian Thomas Aquinas was opposing the use of instruments in worship. Are we really to believe that early Christians, who knew Greek very well, knew that *psallo* meant to sing with instruments but they never did what the word called for? Clearly they knew that *psallo* did not imply the use of instruments to accompany singing for such was never their practice. The Greek Orthodox Church, also well acquainted with the Greek language, still does not use instruments in its worship. If instruments are inherent in *psallo*, then one could not fulfill the command of that word without using instruments and that would mean that *a cappella* singing falls short of the command and that everyone would have to play an instrument.

The Latin word *a cappella*, in fact, is a word used to describe early Christian music. It means “as in the chapel” or “as in the church.” The very word everyone uses to describe “singing without instruments,” then, means to sing like the church sang in the early centuries. To say, then, that the word *psallo* implies the use of instruments is to say the writers of scripture told the church to use instruments and yet, while the church was under the leadership of these very writers, they didn’t do as they commanded. So the *psallo* argument is not a justification for the use of instruments in Christian worship.

3. Instruments are allowed in Christian worship because they are mentioned as being part of worship in heaven. Some say, as John relates the vision he sees in heaven, he mentions instruments in the worship. Since, the argument goes, we will use instruments in heaven, we should be allowed to use them on earth.

This argument sounds good on the surface but a careful examination reveals its flaws. Let’s look at the passages in Revelation which some say justify their use in Christian worship. Revelation 1:10 speaks of one whose voice is loud “like a trumpet.” Just a loud voice. No worship with instruments. Revelation 14:2 speaks of a sound like a “roar of rushing waters and like a loud peal of thunder. The sound I heard was like that of harpists playing their harps. And they sang a new song before the throne.” The singing here is compared to rushing waters and to thunder and to the sound of harps. No worship with instruments here either, but there was loud singing. In Revelation 18:22, when the wicked city is destroyed, the angel said there would no longer be the music of harpers or flute players or

trumpeters in the city any more. This verse speaking of secular music on earth and is not describing a worship scene.

In Revelation 5:8, the text says, “the four living creatures and the twenty-four elders fell down before the Lamb. Each one had a harp and they were holding golden bowls full of incense, which are the prayers of the saints. And they sang a new song.” The elders and living creatures are seen holding both harps and golden bowls. We are told that the golden bowls of incense are a figurative expression representing the prayers of the saints. As incense, in the Jewish age, rose as a sweet smell to God, so in our age, our prayers rise as a sweet smell to him. The harps, of the Jewish age, here are a figure also taken from the Old Testament worship, to represent the singing in heaven. When the passage speaks directly of what these creatures and elders did musically, it just says they “sang a new song.” Still no worship with instruments. Revelation 15:3 says that those victorious over the beast “held harps given them by God and [they] sang the song of Moses the servant of God and the song of the Lamb.” Again, a group is said to be holding harps, still used as a figure from the Old Testament, for when we are told what they actually did, we are told they “sang the song of Moses . . . and the Lamb.”

So these passages in Revelation that mention harps are using these instruments in a symbolic sense as does Revelation with bowls of incense, lambs, an altar of burnt offering and an altar of incense. Do we want to take all of these figures, like the altar for incense and the altar for burnt offering and make them justification for using these things in our Christian worship?

Even if one were to prove that the heavenly scene has singing with instruments, that would not be proof that Christians on earth should use them. We must take our practice in Christian worship from what God has directed Christians to do in their worship. So, no proof from Revelation either that actual instruments are used with singing in heaven and certainly no proof that they are to be used in Christian worship.

4. Instruments are allowed in Christian worship as an aid to the singing. Those who hold this position say that instruments are not, in themselves, intended as an act of worship. They argue that just as we use a song book to aid our singing, and just as we use a loud speaker system, an electronic device, to project the song leader’s voice, we can use a piano or organ to help people sing the right notes.

The issue in this argument is whether the playing of instruments in worship is, in itself, an act of worship offered to God, or is simply done to help us to do more effectively something God has told us to do in worship. First, it must be admitted even by those who take this position, that in many instances, instruments are played in worship services intended as an offering of worship to God. Many churches use instruments to play entire pieces of music with no singing at all. Such could hardly be called using instruments as an aid to singing.

Others who use instruments argue that just as a singer gets to use his/her talent in music to praise the Lord, so should one with an instrumental talent should be allowed to use that talent to praise the Lord. The point is, then, that many who believe in the use of instruments consider their use a means of worship on their own and not an aid to anything. To make the aid argument, one would have to confine the use of instruments to the role of aiding the singing and nothing more, and that is not the typical practice.

But let us examine this argument in a different way. Can the use of instruments be considered in the category of aids like a hymnbook, or an air conditioner or a speaker system? There is a strong reason, in addition to what is stated above, why this is not an acceptable position. We must recognize that instruments can be and have been a means of worship on their own. In the Old Testament, instruments were viewed as a means of worship when no one was singing. "Praise Him with the tambourine and the harp" (Psalm 150:3). A hymnbook cannot in any sense be a means of worship on its own, nor can a loud speaker system. Thus, something incapable of being a means of worship on its own might be considered as an aid to worship—a building, pews, a heating system, even a song-leader. But instruments do not belong in this category. Many use instruments today as an act of worship even while others claim the use of instruments is only an aid. It cannot be both. The aid argument takes an element of Jewish worship, just like offering an animal sacrifice or the burning of incense, and seeks to use it "only as an aid." At the least, it is highly questionable to take what, on its own, can be a means of worship, and to consider it only an aid even though many others have intended it as worship. Can one take what is often used as a means of worship on its own and, simply by declaring so, change that use into just an aid? Surely such is not a wise course when following God's directions for worship is so important.

Those who take the position that instruments are only an aid, often couple that view with a statement that instruments are nowhere forbidden in Christian worship. So we move next to examine that position.

5. Instruments in Christian worship are acceptable because they are nowhere forbidden. According to this argument, if God had not wanted us to use instruments He would have specifically forbidden them. God told us not to lie or to commit fornication. Since God, in a similar way, did not forbid the use of instruments in worship, then we may use them without any violation of scripture.

I sometimes wonder if those who make this argument have thought through it carefully. Do they really believe that one can do *anything* in worship that is not specifically forbidden? Has God forbidden using brownies for the bread of the Lord's Supper? Has God forbidden milkshakes for the cup? I sure like brownies and milkshakes. They would taste good to me. If one takes the position that we can use instruments because they are not forbidden, how would he explain that we would be wrong to use brownies and a milkshake for communion? We all understand, of course, that when Jesus instituted the Lord's Supper, He used unleavened bread and the fruit of the vine and said to take these elements in memory of Him. He did not, of course, have to give a list of all the foods not to use in the Lord's Supper. When He specified what to use, that settled it. He did not have to provide a list of five hundred things not to use; He only had to specify what to use. This is how language works. If the doctor specifies a particular prescription for you, you don't expect the pharmacist to say, "I know the doctor said Zocor, but he didn't say not to give you Milk of Magnesia. Since it is cheaper, I thought you'd like me to substitute it." You would say, "Look, the doctor said Zocor, and that is exactly what you should give me. Anything else is an unauthorized substitution." And you would be right.

The New Testament specifies "singing" as the type of music for Christians to use in worship. Paul mentions singing as he describes what happened in the Corinthian assembly (1 Corinthians 14:15). Paul mentions singing "one to another" in Ephesus 5:19 and Colossians 3:16. These and other passages describe what we are to do when we are with each other, when we come together. Romans 15:6 speaks of our glorifying God "with one heart and mouth." As we sing together, then, we sing with one mouth and one heart. Hebrews 13:15 says our sacrifice of praise is the "fruit of lips that confess his

name.” When one type of music is specified for worship, all other types of music are necessarily eliminated. The Bible is replete with examples of this principle. God prescribed one way to move the ark of the covenant. When David chose another way, he could not justify that by saying, “But you didn’t say not to move it on an oxcart” (1 Samuel 6). In another case, when God specified a particular way the priests were to obtain the fire for offering incense, Nadab and Abihu were not permitted to “bring strange fire” derived in another way (Leviticus 10). Their father Aaron didn’t say, “But God didn’t say they couldn’t get their fire somewhere else.” They were stricken dead because they used “unauthorized fire.” When the Corinthians were making the Lord’s Supper into a common meal, Paul told them He had received from the Lord the instructions he had given them about how to take the supper, and they were to partake as they had been told and were not, therefore, to invent new ways of doing it (1 Corinthians 11:24).

If my wife asks me to go to the grocery and get a bottle of decaffeinated, diet coke, she does not give me a list of all the things not to buy. Just specifying what I am to get is sufficient. That is how language works. And so it is with God. When He tells us to sing as part of our worship to Him, we are not at liberty to use anything not forbidden; we are, rather, permitted to do in worship only what He has specified. Since instruments are not specified as a means of Christian worship, we should regard them as forbidden.

6. Some say using instruments in worship is not “a salvation issue,” so whether we use them or not is a matter of little importance. Those making this argument say that those who like instruments can use them, and those who oppose them can refrain. The use of instruments, they say, is just a matter of preference. After all Paul said that on “disputable matters,” we should let people do as they choose (Romans 14:1-3). We are not to judge each other in such matters.

There certainly are “matters of preference” about which we should not raise an issue or judge one another. The specific cases Paul mentions in Romans 14 are eating meat that had been offered to idols and observing special days. On such matters, we should allow each person his own personal opinion and not treat this difference as a “salvation issue.” Paul’s explanation of these issues makes it clear, however, that there are other issues which cannot be treated in this fashion. Paul certainly does not recommend that personal choice be

allowed in every matter on which we differ. So the real question here is whether the use of instruments falls in the category of “matters of preference” or do instruments fall in the category of things about which Paul would say some “are turning to a different gospel” (Galatians 1:6). Peter described some as those who “have left the straight way and wandered off” (2 Peter 2:15). The New Testament is filled with admonitions like the one from John: “See that what you have heard from the beginning remains in you (1 John 2:24).

So the question is this: Does the use of instrumental music in Christian worship belong among those issues on which we can and should grant liberty, or does it belong among those issues on which we must take a firm stand? How do we go about answering such a question? What guidance does the scripture give in deciding what is “a matter of opinion” and what is “a matter of faith.”

Since Romans 14 is a passage often cited in such discussions, what light would that passage cast on this matter? The prime issue in Romans 14 is eating meat offered to idols. Certainly Paul would never have approved eating meat offered to an idol as worship to an idol. He is here discussing, rather, the extent to one must take special precautions to avoid eating such meat in a non-worship setting. There is no question of worship here for Paul makes clear in 1 Corinthians 10:18-21 that no one can eat at an idol’s table and at the Lord’s table too. The question, then, is only a matter of how far one must go to avoid the appearance of eating meat offered to idols. One man eats everything, asking no questions, because he knows an idol is nothing. The other goes to great lengths to find out about the meat so he can avoid eating the meat if it has been sacrificed to an idol. His conscience is still tender on this issue. In 1 Corinthians 10:25, Paul says one does not have to check out the meat he buys in the meat market. In Romans 14 he says that if someone wants to take such care, it is not wrong, and all should be willing to accept the brother who does it differently than himself. So those who take special care should not condemn those who do not take such special care. Neither one is worshipping an idol. Also in Romans 14, Paul makes a similar point about keeping special days. It is not wrong, for example, for a Jew whose national custom is to refrain from work on the Sabbath to continue to do this. Those who choose to continue such a custom may do so but should not bind it on other Christians who do not wish to participate in it.

What do we learn from this examination of the issues on which Paul insists there must be liberty? They are matters of personal practice, not something all the church does in their solemn assemblies. These matters of liberty do not involve moral questions or doctrinal differences. Paul is not speaking here of allowing liberty on what the whole church does when they come together for worship. He is only dealing with what meat a person puts on his table at home or the way in which a family deals with a national tradition. On matters like these we should allow liberty and not expect all to follow the same practice.

When we come together in our assemblies to worship God, however, we are dealing with an entirely different type of issue. On matters of worship God has always given very specific teaching, and if there is any lesson to be learned from God's dealing with people over the span of the Bible story, it is that when God tells His people how to worship Him, He expects them to follow His instructions exactly. From the very first occasion of worship recorded in scripture, the case of Cain and Abel, it is clear that one can worship unacceptably. God wants His specific instructions about worship to be followed. While we do not know all the details of what Cain did wrong, we learn from him that it is possible to worship improperly. Later, the Israelites disobeyed by worshipping a golden calf when God had said to worship only Him. The priests Nadab and Abihu brought "unauthorized fire before the Lord, contrary to his command" (Leviticus 10:1-2.). What did they do wrong? God had told them how to obtain the fire for offering incense and they got their fire in some way that was "unauthorized." God does not permit in worship what He has not "authorized." Saul offered a sacrifice and Samuel told him he had "not kept the command the Lord your God gave you" (1 Samuel 13:13). What command did Saul disobey? God never told Saul directly he could not offer a sacrifice. The command he disobeyed was God's command authorizing the tribe of Levi to offer sacrifices. When God told the Levites to preside at the sacrifice, He was also commanding all others not to do it. Saul disobeyed this implied command and was severely punished for it. In 2 Chronicles 26:16-20, we read of Uzziah entering the temple to offer incense. Eighty courageous priests confronted him saying "It is not right for you, Uzziah, to burn incense to the Lord. That is for priests, the descendants of Aaron, who have been consecrated to burn incense. Leave the sanctuary for you have been unfaithful; and you will not be honored by the Lord." Uzziah, the king, became angry, but the Lord

struck him with leprosy which he had until he died. Thus, another case showing that when God designated certain people or certain things in worship, He is, by that statement, excluding other people or other actions. Hebrews 7:14 states that when Moses “said nothing about priests” from Judah, that was equal to stating that priests from Judah were excluded. So when the command specifies only one possibility out of several in a category, the others in that category are excluded.

But these are all Old Testament cases? While we are told to learn from such examples (1 Corinthians 10:11), is God as strict in the New Testament age about worshipping only as He commands? If God expected strict obedience to His worship instructions in both the Patriarchal Age and the Jewish Age, the presumption would be that He would expect strict adherence in the Christian Age. And that is exactly what we find. In 1 Corinthians 11:17-34, Paul gives a strong rebuke to the Corinthians about how they were partaking of the Lord’s Supper. They had made of it a time of a common meal, a time which created divisions and insults to those who had less to bring. Paul reminds them in verse 24, that what he had told them about how to partake of the supper had come directly from the Lord, and he calls them back to the instructions he had given them before about how to partake. Note that Paul got the instructions about how to worship from the Lord and had passed these to the Corinthians. They, however, had added unauthorized things to their partaking of the communion. Paul urges them to return to what he had taught before. He further charges that those who have added these things would be worshipping “in an unworthy manner” and so are guilty of sinning against the body and blood of the Lord (1 Corinthians 11:27). Clearly this makes worshipping according to what has been revealed to us a matter of highest importance.

In view of what God has said in both the Old and New Testaments about how important it is to worship only as He has revealed, and in view of the condemnation that falls on those who do not, surely adding a kind of music not used by early Christians when under apostolic guidance must be viewed as a matter of importance. Does this raise it to the level of a salvation issue? Clearly there are worship errors that do reach that level. And here is the clincher: How can anyone be absolutely certain that God does not care whether one adds instruments or not? One may say he thinks God does not care, but there is no way, in view of all the Bible says about

not departing from the revealed plan of worship, that anyone can be certain. Since we can be certain that singing without instruments is in harmony with God's revealed plan, but cannot be equally certain that using instruments is acceptable, surely it is wiser not to use them.

So is the use of instruments a "salvation issue?" Since God has shown us that worship is to be done only as He commands and He has not commanded instruments, surely it is wiser to offer Him singing, which He has authorized, rather than the instruments, which He has not authorized. Exactly how God will deal with this unauthorized addition in the judgment day, He has not said specifically. And that is just the problem; we don't know. So let's offer vocal music, which we know pleases Him, rather than instrumental music which we cannot know will please Him. Since one cannot know for sure that offering "unauthorized" music is not a salvation issue, we are clearly on more certain ground to sing "a cappella," in the manner of the early church. What we bring to God in worship matters to God. Let us, therefore, bring to Him what He has asked us to bring.

Should those who oppose the use of instruments, then, extend their fellowship to those who do? Fellowship implies approval. In 1 Corinthians 5, Paul addresses the question of fellowship with the man who has his father's wife. He says that even the pagans do not approve of such behavior. For the Corinthians to continue to fellowship him would be to send a message of approval for something even pagans condemn. Paul then commands them to withdraw from him. Paul also writes in 2 Thessalonians 3:14-15 that "if anyone does not obey our instruction in this epistle, take special note of him. Do not associate with him, in order that he may feel ashamed." To associate with those who have strayed, Paul says, is to send the message of approval of what they do. In the same way, John tells Christians that if someone "comes to you and does not bring this teaching, do not take him into your house or welcome him" (2 John 10). Again the point is clear, to extend fellowship implies approval. This does not mean, of course, that we can have no contact with such people, but does mean that we do not extend to those who are engaging in a practice which is not in harmony with scripture the same fellowship we would to those who are in such harmony.

If those not believing the use of instruments is God's plan for Christian worship extend full fellowship to those who do, by such fellowship they indicate that they consider the matter of no

consequence. For them to extend their fellowship, indeed, is an encouragement to use the instrument. If it makes no difference in fellowship, then it really makes no difference. While, as indicated above, we cannot predict exactly how God will deal in judgment with those who use the instrument, the very fact that we do not know that God will approve of it should be sufficient reason not to give it our support. Extending fellowship to those who use instruments in worship is certainly an encouragement for them to continue its use and, eventually, a discouragement for anyone to oppose it. Surely no one would believe that churches who fellowship those who use the instrument will, over the long term, not have pressure to begin to use it themselves. To fellowship those who use the instrument in worship is but a way of saying that the issue is of no significance.

A Review of Positions Opposed to the Use of Instruments in Christian Worship.

1. Instruments should not be used in Christian worship because this violates the principle of seeking to restore New Testament Christianity. It is widely accepted that instruments were not used in Christian worship when the inspired apostles were in charge of worship assemblies. Everett Ferguson quotes J. W. McKinnon's doctoral dissertation at Columbia University which places the introduction of instruments in the tenth century (12). If we seek, then, to restore New Testament Christianity in worship, as well as in doctrine, organization, and membership, then we certainly would not use instruments. Since instruments had been used both by themselves and with singing under the Jewish system, it seems clear that abstaining from the use of instruments in either fashion under the New Covenant was intentional. If, then, one is seeking to be the church of the New Testament, as restoration churches do, then one would sing without instruments. To add them is clearly to weaken one's stance as a restoration church and, thus, to make it more difficult to stay with the restoration concept on other issues. If one refrains from the use of instruments in worship for no other reason than this, the choice would be the best one. "Because the early church when under apostolic guidance did not do it that way" is an excellent reason to refrain from any activity in worship or church practice.

2. Instruments should not be used in Christian worship because they hinder rather than aid the congregational singing. That congregational singing was part of Christian worship is clear both from references to it in the New Testament and in Patristic writing.

What was the purpose of this singing? Christians were to “teach and admonish one another” as they sang “psalms, hymns and spiritual songs” (Col. 3:16). The singing was to edify or strengthen the church (1 Corinthians 14:26). The singing was to praise God (Hebrews 2:12; 13:15; Romans 15:9). But instruments can do none of these things. Instruments do not teach, admonish, edify, or praise. So playing an instrument cannot achieve what we are to achieve with our singing. Churches using instruments with their singing, moreover, do not have as much congregational participation in the singing as do those do those not using instruments. Often the instruments overpower the singing so that it is hardly heard. Rather than help achieve the purposes of praising God and teaching and edifying one another, instruments tend to thwart such purposes.

3. Instruments should not be used in Christian worship because they tend to move “worship” toward “entertainment.” A problem in many churches today is that their worship occasions are becoming more and more like entertainment. This trend involves two wrong moves: (1) those who are supposed to be offering their own worship to God are transformed into mere spectators, and (2) worship that should be “God-centered” becomes “me-centered.” Thus the occasion is planned around what the people like to hear rather than around what can help people send the right message to God in the way He has prescribed. Unfortunately, some churches use the “concert” mode to attract people to attend and, in the process, “sell out” their worship to entertainment. The use of instruments adds to this “entertainment” mode along with other elements of a concert—singers on stage with microphones, lots of sound equipment in evidence, lots of clapping after the songs, adulation expressed to the “big name” singers, and songs chosen to please the crowd. Such “entertainment” is not the picture we get of New Testament worship offered to God and the use of instruments contributes to this trend.

4. Instruments should not be used in Christian worship because they have frequently been a source of division among churches. Churches where instruments are introduced are often split apart and churches which use them and those who do not cannot have close fellowship because of the difference in their worship style. This has been true through the ages and is still true today. Why introduce something into Christian worship, which is supposed to bring us together, (Romans 15:5) which, in actuality, tears congregations apart?

5. Instruments should not be used in Christian worship because they introduce an unauthorized element to worship. The Bible makes it clear that we must worship God only as He has authorized. God has never left human beings to design their own plans to worship Him. Since the New Testament does not authorize instruments in worship and since Christians in the apostolic age did not use them, we should not presume that God desires them in our worship. The use of unauthorized elements into worship is condemned in the Bible and those who did it were censured. We would have to believe, therefore, that God would be displeased by adding such unauthorized elements today.

Once two men were debating the use of instruments in worship. Since the one for using instruments played the piano, the other asked him to go to a piano and play Amazing Grace. When he was finished his opponent asked, "Why didn't you sing?" The man favoring instruments said, "Because you didn't ask." The opponent of instruments said, "I rest my case. I don't use an instrument in Christian worship because God didn't ask."

In this study, we have seen that positions taken in favor of the use of instruments in Christian worship do not stand in the light of examination. The positions against such use, on the other hand, are worthy of acceptance. At the very least, the use of instruments in the assembly of Christians is highly questionable, and there are strong indications that God does not authorize or approve their use. Of course there are other elements involved in acceptable worship, and we should all be concentrating on how to make our singing as God would have it as well as how to improve our participation in other elements of worship. Any congregation, however, that wants to be sure its worship receives God's approval will refrain from including unauthorized elements such as the use of instruments. We can be certain that sincere a cappella singing is pleasing to the Lord. We cannot, however, be sure that using instruments pleases Him. At the very least, it would seem wise not to take such a chance? If those singing are otherwise worshipping properly, no one thinks that singing without instruments is unacceptable to God. Surely this is the better course to follow!

Works Cited

Ferguson, Everett. "Lifting Our Voices." *Gospel Advocate* (February, 2000), 12-13.

INSTRUMENTAL MUSIC AND COLLATERAL DAMAGE

Howard W. Norton

Collateral damage is the harm that comes in warfare when a destructive action exceeds the intended boundaries of the target area. During World War II and every other war the United States has entered, military leaders have tried not to destroy such things as ancient cathedrals, works of art, schools, hospitals and civilian neighborhoods. Sometimes, however, mistakes happen and a bomb designed to destroy a munitions plant accomplishes its purpose; but in the process, ancient landmarks, innocent men, women and children suffer destruction from the explosion. This is collateral damage. No one desired these consequences, but the bomb's effect went beyond what was intended.

A husband and wife decide after years of fighting that they will end their marriage. Divorce, like a nuclear warhead, is fired at the relationship. The marriage dies. Unfortunately, there is collateral damage. William J. Bennett, social critic, quotes Karl Zinsmeister of the American Enterprise Institute, who describes this damage, saying, "There is a mountain of scientific evidence showing that when families disintegrate, children often end up with intellectual, physical and emotional scars that persist for life. . . . We talk about the drug crisis, the education crisis, and the problem of teen pregnancy and juvenile crime. But all these ills trace back predominantly to one source: broken families." These "ills" are collateral damage.

Collateral damage can also happen within the Lord's church. We are hearing reports about congregations that have added instrumental music to their worship assembly. The largest church in our brotherhood recently announced that it would launch a Saturday evening service that will include both the Lord's Supper and instrumental music. These decisions are bad enough within themselves, but the potential for collateral damage may be even greater.

I am filled with sadness that a few churches are adding instrumental music to their worship because there is not a shred of authorization for it on the pages of the New Testament, our written authority for the church's faith and practice, and not a shred of historical evidence for its use for centuries following the death of the apostles and the end of the New Testament period.

For the sake of argument, let us grant the sincerity of the brothers and sisters who are pushing this agenda. Not being a prophet, I don't know whether or not they are sincere. What I do know is that, judging from the past, their actions are provoking collateral damage that spiritual descendants will be cleaning up a hundred years from now.

First, their actions are dividing our spiritual family. For my entire lifetime, I have believed in the overall plea of churches of Christ to restore New Testament Christianity and to attempt to be like the church Jesus Christ envisioned when he laid down his life to purchase it.

For my entire lifetime, we have been able to assume with virtually no exceptions, at least in the South, that we could worship biblically with any group that called itself a church of Christ. We could expect to find such a group doing in their assembly what the early church did in its assembly: singing, praying, studying the Scriptures, partaking of the Lord's Supper and giving to the cause of Christ. These activities are both biblical and ecumenical. By adding mechanical instruments to worship, a few congregations have fractured this unity from within our own ranks.

Second, those adding instrumental music are contributing to the spiritual division of families that once were united. Parents could attend worship with their adult children, and those children could go to church with their parents; and all could worship with a clear conscience. Today, the addition of instrumental music threatens the unity that so many families have loved and cherished through the years.

Third, their actions are endangering work in foreign mission fields. I just returned from a country where the winds of change in American churches have been exported. They are sweeping through congregations 5,000 miles away and creating church splits, mutual distrust among fellow workers, and a certain despair among the faithful. How tragic!

Paul warned against division and other forms of damage to the church when he said, "Don't you know that you yourselves are God's temple and that God's Spirit lives in you? If anyone destroys God's temple, God will destroy him; for God's temple is sacred, and you are that temple." (NIV) May we always weigh carefully the

consequences of our actions and never inflict harm of any kind on God's temple which is the church of our Lord Jesus Christ.



Why We Sing Without Instruments

by Stafford North

Purpose: To convince the audience that singing without instruments is the way God has asked us to worship so they will not favor using an instrument.

Introduction:

A. In Revelation 4, John pictures God's throne room. There God sits in dazzling brilliance on his throne in the center of everything. Four cherubim stand around the throne continuously crying out "Holy, holy, holy" is the Lord God Almighty, who was, and is, and is to come." Around them, twenty four elders on thrones join in the worship saying, "You are worthy, our Lord and God, to receive glory and honor and power, for you created all things." Then the angelic hosts join in the praise.

As God's people on earth, we can provide a similar chorus of praise to God as we gather each Lord's Day to worship. In fact, making this public declaration of God's greatness and of our faith in Him, is one of the most important things we do. Peter says all of us are part of a holy priesthood that we may "declare the praises" of Him who called us out of darkness into His wonderful light (1 Peter 2:9). Our assembly for worship, then, is a most solemn moment. Like those in heaven, we engage in declaring praise to the great God of the universe who made all things.

B. The Bible is filled with stories of people who worshipped God—sometimes in ways that pleased him, and sometimes in ways that did not.

1. Abel pleased God but Cain did not.
2. The people of Israel in the wilderness pleased God when they sang to the Lord, praising Him for their deliverance from Egypt, but he was displeased when they introduced a golden calf into the worship.
3. God was pleased when Moses and Aaron and his sons did as the Lord commanded to dedicate the tabernacle with offerings, but he was displeased when two of Aaron's sons brought unauthorized fire to burn incense, adding fire from some other source than God had authorized.

4. God was pleased when Samuel offered fellowship offerings before the Lord as Saul became king, but was displeased when Saul disobeyed, offering sacrifices himself when God had not authorized his tribe, Benjamin, to offer sacrifices.

5. At the dedication of the temple of Solomon, the worship pleased God, but in Isaiah's time God said he was weary of their sacrifices because their hearts were not right before Him.

6. King Hezekiah led in a restoration of the proper worship to God using the priests and Levites in their proper roles, but King Uzziah wanted to offer the incense himself even though he was of the tribe of Judah. Eighty priests warned him not to do so since God had said nothing about one from the tribe of Judah offering incense, but had specified those from Levi. Uzziah disrespected the silence of God about Judah, however, and proceeded to offer the incense, and God struck him with leprosy for the rest of his life.

7. In the New Testament, the story continues. God was pleased when Christians in Jerusalem met to praise God on the release of Peter and John from prison. Paul, on the other hand, told the Corinthian church how to take the Lord's Supper, according to what he received from the Lord. But they added other things to what Paul had told them, and he said to do this would make them "guilty of sinning against the body and blood of the Lord" and "eating and drinking judgment on themselves."

D. All these stories make two things very clear: (1) God wants His people to worship Him and (2) God wants His people to worship Him exactly as He has told them to do it.

Let us turn, then, to ask of scripture, "How Christians are to worship God with music?" What does the Bible teach us? Are we to sing? Are we to accompany this singing with instruments?

Subject Sentence: Here are four statements that will help us understand the God wants us to worship in song.

I. The Early Church Sang but Did Not Use Instruments in Christian Worship.

A. Ephesians 5:19 and Colossians 3:16 call on us to teach one another by the songs we sing. In 1 Corinthians 14, where Paul gives many instructions about Christian worship, he tells the Corinthians to sing with the spirit and with the mind (v. 15). We must

understand and mean what we sing. Hebrews 13:15 tells us to offer God a sacrifice of praise by “the fruit of lips that confess his name.” The early Christians, under the direction of divinely guided apostles, then, sang in their worship but did not use instruments. There is no place in scripture that either tells Christians to use instruments in their worship or tells of Christians who did. Instruments of music were part of the Jewish worship and part of the worship in pagan religions, but contrary to these, early Christians never used them.

B. J. W. McKinnon did a doctoral dissertation at Columbia University to determine when instruments were first introduced into Christian worship. The first occasion he could find was in the tenth century. So for nearly a thousand years, Christians did not use instruments in their worship, and they were not commonly used by any churches until the fourteenth century.

C. The very word used today to describe singing without instruments is the word “*a cappella*,” a word which means to sing like they do in the church—voice only with no instruments.

D. If we are committed to the ideal of restoring the New Testament church, to following their teaching and example, then we will sing in our worship, but will not play instruments. This is a very important point. Those who use instruments in worship, even though they know the church did not use them in the first century or for a thousand years, will find it difficult to persuade others to use the New Testament church as their model in other matters since they do not follow their model about unaccompanied singing.

E. But, someone says, more people would come to our services if we had instruments. Some churches who have added them have grown and some have lost in number. Of course we want to bring people to Christ and need to do more to bring them. But leaving the plan of following the New Testament church to add to worship what they did not do, should not be the path on which we want to lead people.

F. If we are going to worship as the early Christians did, we will sing to God and with each other, but we will not use instruments.

II. God Commands Us to Follow His Directions in Christian Worship.

A. If we learn anything about worship from all the stories and verses about worship in the Bible, it is that God expects us to worship as He

directs, and not according to our own desires. Whether we look at Cain, Nadab and Abihu, King Uzziah, or the church in Corinth, the message is the same. If you want to please Me with your worship, then worship as I have directed. God has never left men to worship Him according to their own plan. Worship must always be according to His plan. After all, if it is God we are trying to please with our worship, it makes sense to worship so we can be sure to please Him.

B. But, sometimes people say, there is no scripture that says we cannot use the instrument. True, there is no scripture that uses exactly those words, but there are scriptures which teach that sentiment. In 1 Corinthians 11:23, for example, Paul condemns the Corinthians because they have added other things to what he told them to do in taking the Lord's Supper. He says, "I received of the Lord what I also passed on to you." In other words, I told you the Lord's instructions about what to do in worship, and you have sinned by adding other things to it." He says such changes will make them "guilty of sinning against the body and blood of the Lord," and that they are eating and drinking judgment on themselves. They didn't say to Paul, "But, you didn't tell us not to do those things." But if they had, we can be sure his response would have been, "When I tell you what to do in worship, that excludes adding other things." And so it has been throughout the scriptures. When God has told people what to do in worship, He expects them to follow His instructions, and not worship Him in other ways.

C. We recognize this principle in many other situations. A pharmacist does not fill a prescription for Zocor with Milk of Magnesia and tell his customer that the doctor didn't say not to use Milk of Magnesia. The architect prescribes concrete of a certain strength, and the builder does not mix it to a lesser strength and then, when it breaks, say "You didn't tell me not to make it of lesser strength." If a person invites you to dinner at six p.m., you don't come at 9 saying, "You didn't tell me not to come at 9."

D. In the same way, when God specifies the use of vocal music in Christian worship, we can be sure we are pleasing him only if we limit ourselves to singing as He specified.

III. Many Religious Leaders Have Opposed Using Instruments in Christian Worship.

A. The list of those opposing instruments is quite impressive. The information below is summarized from John Price, a Baptist preacher, in his 2005 book called *Old Light on New Worship*, pages 87-121. After his study of this question, his church removed all instruments from their worship.

1. The Catholic theologian of 1250, Thomas Aquinas, thought the use of instruments was a movement toward Judaizing, and so opposed it.
2. Most of the leaders in the Reformation Movement opposed instruments, including John Wycliff, Jon Hus, Huldriech Zwingli, and John Calvin. Calvin said that to bring in such “childish elements” as musical instruments is “to bury the light of the Gospel” and to “introduce the shadows of a departed dispensation.”
3. John Knox, who led in the founding of the Presbyterian Church, viewed “the New Testament as regulative for worship of the church,” and so opposed the use of instruments. Though Price does not mention it, John Wesley, founder of the Methodist church, did not approve of their use, nor did Adam Clarke, famous Methodist commentator.
4. Both English and American Puritans rejected instruments in worship. Their position was that the Old Testament worship with its outward ceremonies had been abolished, so the church must look to Christ and His apostles alone for ordinances of worship. They said that in the New Testament we find neither command nor example of any musical instrument in worship, and so have no warrant for their use.
5. Matthew Henry, famous for his commentary, opposed the use of instruments because the New Testament passages on worship only mentioned singing.
6. The great hymn writer, Isaac Watts, was opposed to the use of instruments, as was Charles Spurgeon, the most famous of Baptist preachers.
7. And Price mentions many more.
8. The Greek Orthodox Church still does not use instruments in its services.

9. Primitive Baptist churches do not use instruments today and one of the strongest statements against them comes from Zack Guess, one of their elders.

B. What men say is not as important as what the Bible says, but it is interesting to note that so many religious leaders from so many different religious groups have opposed the use of instruments. Such opposition makes two things clear: opposition to the use of instruments has been widespread, and the use of instruments in any church except the Catholic Church is of fairly recent origin.

IV. We Can Be Sure that Singing is Acceptable in Christian Worship.

A. Sometimes the question is asked, "Do you think the matter of using instruments in Christian worship is a salvation issue?" We know for sure that for some who brought unauthorized elements into worship of God, it was a salvation issue. Does anyone want to stand with Nadab and Abihu in the day of judgment? Or with Corinthians who, if they continued to go beyond what Paul said to do in worship, were eating and drinking judgment to themselves.

B. God does not assign to us, however, the task of passing final judgment on individuals. There is too much we don't know. Just how God will judge every situation, He has not revealed. And that is just the point. No one can be certain that the use of instruments is *not* a salvation issue. While our place is not to judge, our place is to teach. So how will you teach someone to worship God in a way that you know will please Him? Would you tell them to offer animal sacrifices? Or burn incense? Or worship with a golden calf? Of course not. If you want to teach someone to worship God properly, you will guide that person to do exactly what God has specified for Christian worship. Why would you teach people to do something they could not be certain Pwas acceptable? We can teach people to sing and know it pleased God during the days of the apostles when they were under the direction of the Holy Spirit. Since they told us to sing we will sing, but since they did not tell us to play instruments, we will not play instruments.

Conclusion:

A. There is much more to worship, of course, than just doing the authorized actions and avoiding unauthorized ones. We need to make our worship a true proclamation of God's praise (1 Corinthians 11:26), a real expression of adoration for Him (Hebrews 13:15), a

time when we communicate with Him the deep feelings and thoughts of our hearts (Ephesians 5:19), and a time for encouraging one another (1 Corinthians 14:26). We need to be studying more about how to make our worship more pleasing to God and more strengthening to each other. We will not improve our worship, however, by doing those things that God has not asked us to do for Him. We can improve it, however, by learning how to do more effectively those things God has told us to do.

B. To summarize our lesson, we have seen that singing is based on the command of scriptures, while using instruments is not. Singing is in harmony with the principle of restoring the church of the New Testament, while instruments are not. Many church leaders over the centuries agree that singing is following God's command, while using mechanical instruments is not. Singing is safe, while we can have no such assurance about instruments. Many have observed, in addition, that more in a congregation engage in the singing when it is without instruments. In some cases the instruments overpower the singing so that it cannot be heard at all. Surely this is not the way to admonish one another in psalms, hymns, and spiritual songs.

C. Once two men were in a public debate about the use of instruments. The one favoring instruments was an excellent pianist. The one opposing instruments said to him, "There is a piano on the stage here. Would you play Amazing Grace for us." So the man did. When he finished, the opponent of instruments said to him, "Why didn't you sing." To which the one favoring instruments said, "You didn't ask." The other man replied, "I rest my case. We don't use instruments in the worship because God didn't ask."

D. Let's just worship in song as the scripture specifies and leave off the instruments which it does not specify. Surely it is better to follow the path we can be sure is God's way.

WHAT WE LEARN FROM THE CORINTHIAN WORSHIP

by Stafford North

1. From what Paul wrote to the Corinthians in 1 Corinthians 11, 14, and 16, we can learn much about how to please God in our worship today. Let's read some from these chapters: 1 Corinthians 11:17, 20-29; 14:15-17, 23-28, 40; 1 Corinthians 16:1-2.

So what picture do we get of the Corinthians worship? The church at Corinth gathered on Sunday to worship God, but there was confusion. Some were speaking in tongues no one else could understand, and more than one spoke at a time. Some were praying in languages no one knew, and so others could not participate. They sang, but were not thinking about the meaning of the songs. At some point they collected their money. And a man who had received a message from God began to speak. But before he had said very much, another prophet began to speak, and then another. With all three speaking at the same time, no one could understand the meaning. When they started taking the Lord's Supper, they did not wait for each other. Each one had brought a meal, and the rich brought expensive foods while the poor had nothing. Some drank too much wine. They were distracted by the things they had added to the service so that they really didn't think about the body and blood of Jesus. Their worship occasions were not drawing them together but, rather, were dividing.

And what did Paul think of the worship occasions at Corinth? Did he commend them for being inventive? Did he say he was glad they were exercising their freedom in Christ? Did he say it doesn't matter what you do so long as it pleases you?

No. Paul had strong admonitions for the Corinthians. Paul said, "Your meetings do more harm than good." They were meeting on the right day. They were doing the right things in their worship—singing, praying, preaching, giving, taking the Lord's Supper. But they were not participating in these activities as Paul had taught them. He said he had delivered to them what the Lord had given him, and he called them back to it. Quit using the Lord's Supper as a meal. Just take the bread and fruit of the vine, and stop adding to it. Think of Christ as you partake, and proclaim his death till he comes again. These things you have added to taking the Lord's Supper are bringing the judgment of God on you. Sing, but do so with the spirit and the understanding. Speak so all can understand and only one at a time.

Teach so the outsider who comes to your service will proclaim, “God is really among you.” And as you honor God with your worship by doing as He has said, everything you do will strengthen each other. Do everything in a fitting and orderly way.

2. From 1 Corinthians 11, 14, and 16, what do we learn?

- a. How we worship matters to God.
- b. Not everything people do in worship pleases him.
- c. There are right ways and wrong ways to worship God.
- d. To be sure our worship pleases God, we must worship as apostles, with a message from the Lord, have told us how. We are not free to make up our own way to worship. If it is God we worship, then we should worship as He has told us what pleases Him.
- e. Worship includes the Lord’s Supper, giving, prayer, singing, and a message from God. These are the things they did.
- f. Outsiders are to come to our worship occasions and, if we are worshipping properly, they will be encouraged to honor God.
- g. There should be order at all times.
- h. Everything we do should bring honor to God and should strengthen all of us.
- i. Worship should be a proclamation of what Christ has done for us, offering prayers to Him, singing songs we understand, and mean deeply, listening to someone who can bring a message from God, and thanking God for what he has done for us.

3. What applications can we find from this message to our worship today?

- a. Let’s learn what God revealed through the apostles about what He wants in worship and commit ourselves to worship in His way. To do that, we will follow what the early church was told to in worship and what they commended for doing. There is no better way to worship than to do what we are sure will please the Lord?
- b. Let’s include in our worship what they did: prayer, the Lord’s Supper, singing, giving, and teaching from God.

c. Let's do each of these things in the way they were taught to do them.

1. Prayer with the spirit and the understanding and so that those listening can speak their agreement with an "Amen."

2. Singing without instruments, as they did, and with full understanding of the meaning of what we are singing.

3. Taking the Lord's Supper by using the unleavened bread and the cup, thinking of Jesus' sacrifice and proclaiming the Lord's death until he comes again.

4. Giving of our means each week so our offering will be regular and purposeful.

5. Having those who know God's message to share it with us.

6. Using our services as a way which demonstrates our faith and to instruct those from the outside.

7. From our worship, we should be building unity and not sowing discord among the brethren.

4. When we come together, we are to please God and to offer Him a sacrifice. Let us offer to Him what He has told us to do and in the ways He has told us to do them. Let us not change any of them from the way in which the apostles instructed the early church to do them. That is the only way we can be sure our worship pleases the Lord. Let us make our worship to be all that God wants it to be: a statement of love, praise, encouragement, and submission to Him.